



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES-CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA-PPGF**

MARCELA CÁSSIA SOUSA DE MELO BENICIO FIGUEIREDO

**FILOSOFIA E FILOLOGIA NA *NUOVA SCIENZA* DO MUNDO CIVIL EM
GIAMBATTISTA VICO: PENSAR UMA FILOSOFIA PRÁTICA**

**JOÃO PESSOA
2012**

MARCELA CÁSSIA SOUSA DE MELO BENICIO FIGUEIREDO

**FILOSOFIA E FILOLOGIA NA *NUOVA SCIENZA* DO MUNDO CIVIL EM
GIAMBATTISTA VICO: PENSAR UMA FILOSOFIA PRÁTICA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação de Filosofia do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em cumprimento às exigências para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luís Persch

**JOÃO PESSOA
2012**

F475f Figueiredo, Marcela Cássia Sousa de Melo Benício.
Filosofia e filologia na Nuova Scienza do mundo civil em
Giambattista Vico: pensar uma filosofia prática /
Marcela Cássia Sousa de Melo Benício Figueiredo.-
João Pessoa, 2012.

120f.

Orientador: Sérgio Luís Persch

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA

1. Vico, Giambattista, 1668-1744 - crítica e interpretação. 2.
Filosofia - crítica e interpretação. 3. Filologia. 4. Vida
civil.

MARCELA CÁSSIA SOUSA DE MELO BENICIO FIGUEIREDO

**FILOSOFIA E FILOLOGIA NA *NUOVA SCIENZA* DO MUNDO CIVIL EM
GIAMBATTISTA VICO: PENSAR UMA FILOSOFIA PRÁTICA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação de Filosofia do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em cumprimento às exigências para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sérgio Luís Persch
Orientador-UFPB

Prof. Dr. José Expedito Passos Lima
1º Examinador-UECE

Prof. Dr. Vinícius Soares de Campos Barros
2º Examinador-UEPB

À vida.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Sérgio e Rosângela, por todo o esforço que sempre fizeram para que meus irmãos e eu tivéssemos uma boa educação, tanto escolar quanto familiar. Nesse sentido, agradeço por se dedicarem à família não por mera obrigação, mas por amor.

Ao meu marido, Daniel, pelos caminhos traçados, pelos planos realizados e pelos que ainda se realizarão, por ser meu apoio em todos os dias, por suportar meus maus momentos e, acima de tudo, por me tranquilizar a alma quando tudo parecia desmoronar.

Aos demais que compõem a minha família, avós, irmão e irmã, tio e tias, primos, sogros e cunhada, por me proporcionarem um abraço onde recupero forças.

Aos amigos, outra forma de família, sejam eles antigos ou novos, simplesmente por conhecerem meus defeitos e, mesmo assim, continuarem comigo. Aos amigos que estão em Fortaleza e que, apesar da distância, continuam perto. Aos amigos que nos receberam em João Pessoa, Larissa e Tiago, pela amizade sincera e por todo o carinho. Agradeço ao Sérgio e à Marilete, pela confiança e pela força. Ao amigo Adalberto por ser tão dedicado e sempre disposto a ajudar. À Fernanda e ao Bruno que, não obstante o pouco tempo de amizade, são amigos presentes e leais. Ao amigo Jackson por sempre se preocupar em saber como estou. À Ângela, por nos receber tão bem em sua casa e também por me presentear com um livro de Vico, o qual foi importante para essa pesquisa. Aos amigos do Curso de Inglês que, no pouco tempo de aula, fazem com que eu me sinta bem. Ao amigo de Estudos viquianos, Marcos Aurélio, por me disponibilizar algumas obras e pelas sugestões para o meu trabalho.

Ao Colégio Manuel da Silva, onde lecionei até ingressar no Mestrado, em especial, à amiga Idel Freitas e aos meus “ex”-alunos, pelas palavras de apoio e pela constante torcida por mim.

Ademais, agradeço ao Prof. Dr. Iraquitã de Oliveira e ao Prof. Dr. Anderson D’Arc Ferreira, por aceitarem participar da banca de qualificação e pelas sugestões feitas com o intuito de aperfeiçoar essa pesquisa. Ao meu orientador Prof. Dr. Sérgio Luís Persch, por confiar nas minhas capacidades acadêmicas. Agradeço, em especial, ao Prof. Dr. José Expedito Passos Lima, por estar sempre disposto a me ajudar e pela generosidade em estar me acompanhando desde a graduação. Entre esses, aos examinadores na banca de defesa, Prof. Dr. Vinícius Soares de Campos Barros e Prof. Dr. José Expedito Passos Lima.

À Capes, por financiar a pesquisa.

Enfim, a todos que, durante esse período de trabalho árduo, direcionaram-me uma palavra de carinho, um abraço acolhedor, um telefonema atencioso, um sorriso sincero, aos que aqui foram citados e aos que, porventura, encontram-se nas entrelinhas.

“Donde a própria contínua prova que faremos aqui será a de combinar e refletir se a nossa mente humana, na série dos possíveis, quanto nos seja permitido compreender, e ao ser permitido, possa pensar ou mais ou menos ou outras razões daquelas donde resultam os efeitos deste mundo civil. Ao fazer isso, o leitor experimentará um divino prazer, nesse corpo material, ao contemplar nas divinas idéias este mundo de nações por toda a extensão de lugares, tempos e variedades”.

(VICO, Giambattista. *Scienza Nuova* -1744)

RESUMO

O pensamento do filósofo italiano Giambattista Vico [1668-1744] tem como questão primordial uma investigação acerca dos princípios do mundo civil das nações e, conseqüentemente, tem como problemática o conhecimento da gênese do patrimônio da humanidade. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo apresentar o percurso pelo qual Vico passou até que seu projeto de uma nova ciência fosse realizado. Do mesmo modo, afirma-se aqui, que o desenvolvimento do pensamento viquiano reflete não só a sua formação intelectual, como é responsável pela preparação do próprio autor no que concerne ao seu projeto de uma nova ciência. Sendo assim, ao percorrer o caminho pelo qual se constituiu o pensamento viquiano, o leitor também se prepara para a proposta dessa nova ciência, que se mostra como uma nova metafísica e, de todo modo, serve como alerta para solidificar a importância da vida civil. A respeito disso, pode-se afirmar, portanto, que nas suas *Orações inaugurais* [*Orationes Inaugurales*], em especial no *De Ratione* [1708], a questão da reforma do saber enfrenta a querela entre antigos e modernos, no *De Antiquissima* [1710] a questão do conhecimento enfrenta a limitação da mente humana àquilo que é produto do seu fazer [*facere*], assim como do conhecimento infinito e completo que Deus tem de todas as coisas, ambos aplicados ao critério do *verum-factum*, onde o verdadeiro se identifica com o feito. No *Diritto Universale* [1721] a relação entre *certum* e *verum*, *ratio* e *auctoritas*, ou seja, a solidificação da convergência entre Filosofia e Filologia, não obstante Vico, nessa obra, ter apresentado a Filologia como ciência. Todavia, tais questões são expostas na sua *Vita* [1728] e se apresentam essenciais para a formação do projeto viquiano de uma nova ciência, a saber, a realização da sua obra magna, a *Scienza Nuova*, com última edição em 1744. Com isso, a importância da relação entre Filosofia e Filologia, para Vico, é imprescindível para o estudo do mundo civil das nações, confirmando assim uma via não meramente teórica, mas o sentido prático que tem essa nova ciência.

Palavras-chave: Filologia, Filosofia, vida civil.

ABSTRACT

The thought of the Italian philosopher Giambattista Vico [1668-1744] has as its overriding question an investigation about the principles of the civilian world of nations and therefore has as problematic knowledge of the genesis of the human heritage. In that sense, this dissertation is aimed at presenting the path by which Vico passed until his project of a new science was performed. The same way, it is argued here that the development of Vico's thought reflects not only his intellectual formation, as it is responsible for preparing of the author in relation to his project of a new science. Thus, to travel the path by which one constituted Vico's thought, the reader is also getting ready for the proposal of this new science, which shows how a new metaphysics and, in any case, serves as warning to solidify the importance of civil life. In this regard, it can be stated, therefore, that in his *Inaugural Prayers* [*Orationes Inaugurales*], especially in *De Ratione* [1708], the question of the reform of learning faces the quarrel between ancient and modern, in the *De Antiquissima* [1710] the question of knowledge faces the limitation of to the human mind that is a product of his doing [*facere*], as well as the complete and infinite knowledge that God has of all things, both applied the criterion of the *verum-factum*, where the true is identified with the feat. In *Diritto Universale* [1721] the relationship between *verum* and *certum*, *ratio* and *auctoritas*, ie, the solidification of convergence between Philosophy and Philology, since, in this book, it presents the Philology as science. However, such issues are exposed in his *Vita* [1728] and present themselves essential for the formation of Vico's project of new science, namely the realization of his *magnum opu's*, the *Scienza Nuova*, with last edition in 1744. With that, the importance of the relationship between philosophy and philology, for Vico, it is essential to study the civilian world nations, thus confirming a pathway not only theoretical but also the practical sense that this new science has.

Keywords: Philology, Philosophy, civilian life.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 A HERANÇA RETÓRICA NA REFLEXÃO VIQUIANA SOBRE A VIDA CIVIL	16
1.1 A crise no <i>status</i> cultural napolitano no final do século XVII.....	16
1.2 A <i>nova ratio studiorum</i> e sua relevância no contexto napolitano	21
1.3 O apelo viquiano à Retórica	26
1.4 Retórica e vida civil na reflexão viquiana sobre o saber.....	32
2 O <i>DE RATIONE</i> E A REFLEXÃO SOBRE A CARÊNCIA DAS CIÊNCIAS MORAIS....	38
2.1 A nova crítica e a dimensão da vida prática.....	38
2.2 A insuficiência de uma moral em Descartes, Malebranche e Pascal.....	43
2.3 <i>De Antiquissima</i> e a problemática filológica	50
2.4 A crítica de Descartes e Malebranche à Filologia.....	57
3 O IDEAL DA FILOLOGIA COMO <i>NUOVA SCIENZA</i> : O PROJETO VIQUIANO	66
3.1 <i>De Constantia</i> : a problemática filológica.....	66
3.2 <i>Verum</i> e <i>Certum</i> no <i>De Constantia</i>	72
3.3 Direito e História no <i>De Constantia</i>	76
3.4 A importância da Filologia na reflexão sobre o Direito: anúncio da <i>nova scientia</i>	81
4 <i>SCIENZA NUOVA</i> E VIDA CIVIL: O SENTIDO PRÁTICO DA NOVA CIÊNCIA	86
4.1 A nova arte crítica viquiana	86
4.2 As origens do mundo civil das nações.....	91
4.3 Filologia e mundo civil.....	100
4.4 O sentido prático da nova ciência	106
CONCLUSÃO.....	113
REFERÊNCIAS	117
ANEXO	121

INTRODUÇÃO

O presente estudo destaca a importância do pensamento do filósofo italiano Giambattista Vico [1668-1744], considerando a sua proposta de uma *nuova scienza* do mundo civil, onde Filologia e Filosofia se articulam para a formação de uma ciência prática. Giambattista Vico nasceu na cidade de Nápoles, onde permaneceu até o ano de 1686, quando se mudou para Vatolla para assumir a função de preceptor dos filhos do marquês local, permanecendo até 1695, embora muito provavelmente tenha retornado a sua cidade natal algumas vezes durante esse período. Em seu regresso à Nápoles, no entanto, narrado na sua *Autobiografia*, intitulada *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo* [1728], Vico se deparou com uma mudança no *status* cultural de Nápoles e, diante das transformações ocorridas, dizia se sentir como um estrangeiro em sua própria pátria.

Se desde a época do Renascimento, Florença era considerada o centro cultural da Itália, no final do século XVII, esse papel era exercido por Nápoles. Um período de grandes mudanças marcado pela oposição entre a *ratio studiorum* jesuítica com orientação aristotélica e as novas ideias modernas com orientação cartesiana, ou seja, entre uma visão tradicionalista do saber e os novos rumos do cientificismo moderno. Em meio disso, Vico também presenciou o desprezo pela tradição do humanismo renascentista e, conseqüentemente, pela orientação retórica e o modelo de vida ativa na sociedade. Nesse contexto, Vico afirmou não se identificar com os novos rumos tomados por Nápoles e, mesmo não negando a importância dos avanços científicos daquela época, afirmava que o ideal de racionalidade advinda com o modelo cartesiano e sua “nova crítica”, dificultava a formação do indivíduo e suas disposições. A orientação cartesiana, para Vico, apresentava aspectos unilaterais que não abarcavam o dinamismo da vida civil e conduziam a uma evidência racional incapaz de compreender os liames da vida prática.

Nesse sentido, os entusiastas napolitanos, em especial Tommaso Cornelio [1614-1686], Francesco D'Andrea [1625–1698] e Leonardo di Capua [1617-1695], demonstraram grande interesse pelas ideias de Descartes [1596-1650], Galileu Galilei [1564-1642] e Francis Bacon [1561-1626], assim como pela filosofia de Epicuro [341-270 a.C]. Vico, portanto, percebeu que a formação retórica estava sendo substituída, em Nápoles, por essa “nova filosofia”. Com isso, os principais argumentos destacados na presente investigação sobre o pensamento viquiano, direcionam-se em: i) apresentar a influência do humanismo retórico renascentista na filosofia viquiana; ii) pensar a importância do período pelo qual Nápoles

passou e como esse período influencia na necessidade viquiana de uma reforma no saber; iii) considerar como esse novo modelo de saber, proposto por Vico, visa à formação do homem na vida civil; iv) refletir de que forma ao apresentar a Filologia como ciência, Vico prepara uma ciência da vida civil. Assim destaca-se a hipótese interpretativa da presente dissertação: a formulação viquiana de uma ciência, que se apresenta como nova por conciliar um sentido teórico e prático mediante a relação entre Filosofia e Filologia, compreendendo a preocupação viquiana com a vida civil e a possibilidade de se pensar uma Filosofia prática. Tal investigação se estabelece com base no desenvolvimento do pensamento viquiano, ou seja, oferece uma disposição das questões em conformidade com a orientação do desenvolvimento e formação do projeto viquiano de uma nova ciência.

Desse modo, a exposição estará disposta em quatro capítulos. O capítulo I, [*A herança retórica na reflexão viquiana sobre a vida civil*], apresenta a influência retórica no pensamento de Giambattista Vico, bem como uma abordagem da forma e do estilo tópico retórico presente nas obras viquianas. Desse modo, cabe destacar a necessidade de um excuro no período que marca a mudança no *status* cultural de Nápoles, compreendendo assim, como tal mudança é relevante para se pensar a crise da *ratio studiorum*, tal como o apelo de Vico à Retórica que, por sua vez, apresenta-se relacionada à vida civil. Nesse capítulo, a *Vita* se apresenta como uma obra fundamental, não somente para se compreender a formação intelectual de Vico, mas como um documento histórico que relata a crise do *status* cultural napolitano daquela época, o interesse pelas ideias cartesianas e o sentimento de atopia viquiano ante as mudanças vigentes. Todavia, o *De Nostri Temporis studiorum ratione* [1708] apresenta o discurso viquiano sobre o descaso sofrido pelas ciências morais, uma vez que o cartesianismo, ao validar somente as ideias claras e distintas, desprezava o que não pudesse ser explicado por meio de tal critério. O *De Ratione* certifica, portanto, a preocupação viquiana de uma reforma no saber, e da necessidade de uma reflexão sobre o melhor método de estudo para a formação do homem. Diante disso, Vico tem a Retórica como instrumento importante para a formação do homem na vida civil, não se trata meramente de uma técnica do discurso, mas está voltada para questões morais, éticas, políticas e pedagógicas, um saber necessário para combater as ideias que se apresentam distantes da preocupação com o saber e com a vida civil.

No segundo capítulo, [*O De Ratione e a reflexão sobre a carência das ciências morais*], a exposição objetiva formular as críticas de Vico à formação dos jovens do seu tempo, no que concerne à questão do saber. Explicita-se, com efeito, a proposta viquiana de uma reforma do saber, em que não prevalecem as ciências naturais em detrimento das ciências

morais, ou seja, onde a formação humana não seja realizada por meio de uma visão unilateral, como a cartesiana. Desse modo, a exposição abordará a problemática que envolve o método de estudos dos modernos e aquele dos antigos, de modo a apresentar a insuficiência de uma moral nos sistemas de Descartes [1596-1650], Malebranche [1638-1715] e Pascal [1623-1662]. Ademais, ressaltam-se também as questões postuladas no *De antiquíssima italarum sapientia* [1710], como o critério do *verum-factum* e uma pretensa antiga sabedoria dos italianos, assim como a questão da Filologia como estudo primordial para que se compreenda a formação do homem na vida civil. Vale destacar que a preocupação viquiana com a vida civil permeia todas as questões expostas em suas obras.

Já o terceiro capítulo, [*O ideal da Filologia como nuova scienza: o projeto viquiano*], apresenta, por sua vez, a reflexão sobre o Direito em Giambattista Vico. Não obstante, tal questão não só é recorrente em seu pensamento, como é primordial para o seu projeto de uma *nuova scienza* e, de todo modo, não se separa da orientação retórica demonstrada nos capítulos anteriores. O escopo desse capítulo está em se compreender a importância da jurisprudência na formação intelectual de Vico, de tal modo a distinguir a teoria do jusnaturalismo de Vico, com aquela orientação jusnaturalista tradicional, representada por autores como Jonh Selden [1584-1654], Samuel Pufendorf [1632-1694] e, em especial, Hugo Grotius [1583-1645]. Nesse sentido, vale destacar que obras como a *Vita*, o *De Ratione* e o *De Antiquíssima* já expressavam um interesse em tal reflexão. Por sua vez, o *Direito Universal* [*Diritto Universale*] de Vico, divide-se em dois livros, o primeiro *De uno universi iuris principio et fine uno* [1720] e o segundo, *De constantia iurisprudētis* [1721]. Todavia, publicada antes do *Diritto Universale*, a *Sinopsi del Diritto Universale* [1720] que expõe os argumentos utilizados por Vico no *De Uno* e no *De Constantia*. Ademais, o *Diritto Universale* ainda é composto por *Notae* e *Dissertationes*, acrescentadas posteriormente. Entre os dois livros, o *De Uno* apresenta a reflexão sobre os princípios do Direito e das leis com base nos costumes humanos, já o *De Constantia*, dividido em duas partes: *De constantia philosophiae* e *De constantia philologiae*, concerne à relevância da razão e da autoridade para uma ciência dos costumes humanos. Em tal obra, Vico trata de estabelecer um princípio no qual toda a erudição, divina e humana, venha demonstrada. As questões expostas no *De Constantia*, em especial, o capítulo onde se tenta uma nova ciência, *Nova scientia tentatur*, tem o intuito de compreender os liames da problemática filológica e do *Direito Universal* e o anúncio de uma *nova scientia* no projeto viquiano. Daí a exposição do prenúncio da *Nuova Scienza* com base na Filologia como ciência, dos conceitos de *verum* e *certum* relacionados ao conceito de *ratio* e *auctoritas*, da importância da Metafísica na questão do Direito, assim como da poesia para a

história ideal eterna e da importância da Filologia no que concerne à investigação sobre a gênese do mundo civil das nações.

Por fim, o quarto capítulo, [*Scienza Nuova e vida civil: o sentido prático da nova ciência*], representa a concretização do projeto viquiano; a obra *Scienza Nuova*, que se mostra ligada em todos os aspectos à formação intelectual de Vico e ao percurso do seu pensamento, uma vez que nela se percebe o efeito do sentimento de atopia viquiano ante a filosofia de Descartes, apresentado na *Vita*, a preocupação viquiana com um novo modelo de saber, apresentado no *De Ratione*, uma nova metafísica como teologia civil e o critério do *verum-factum*, demonstrado no *De Antiquissima*, assim como da importância do *verum* e do *certum* e da Filologia reduzida à ciência, demonstrados no Direito Universal. Todavia, esse percurso revela-se importante para a formação do projeto viquiano, tal como se Vico preparasse o leitor para o método utilizado em sua obra magna, para a concretude de uma investigação acerca das origens do mundo civil das nações. O Capítulo IV apresenta, portanto, a exposição desse projeto tão almejado e lapidado por Vico durante a sua formação intelectual. Trata-se de uma “nova arte crítica”, que difere daquela crítica proposta por Descartes, pois tem como objetivo justificar a Filologia como saber e investigar os princípios da humanidade.

Desse modo, é importante destacar que, ao fazer esse percurso pelas obras viquianas, ao se compreender a formação do seu projeto de uma *Nuova Scienza*, percebe-se que a preocupação de Vico consiste de modo amplo, na tentativa de compreender a formação cívica do homem. O presente estudo busca, portanto, apresentar de que maneira se dá o projeto viquiano no âmbito dos saberes, quais questões são relevantes para a formação de tal projeto, compreender por meio da relação entre Filologia e Filosofia proposta por Vico, como se pode pensar uma filosofia prática na sua *Scienza Nuova*.

Para a realização desta pesquisa foi relevante, portanto, a contribuição de alguns estudos sobre o pensamento viquiano, quer as obras de estudiosos clássicos, como Benedetto Croce, Fausto Nicolini e Giovanni Gentile, quer de estudiosos pertencentes a uma orientação mais recente, como Nicola Badaloni, Michael Mooney e Isaiah Berlin. Não obstante é importante destacar que além desses autores, fazem-se presentes nesta pesquisa, estudos recentemente publicados, isso com a finalidade de se apresentar tanto a diversidade, quanto a atualidade dos estudos viquianos. Contudo, será adotada uma orientação na leitura, na qual não se priorizará uma leitura específica, uma vez que todas serão recorrentes à medida que contribuirão com os argumentos que sustentam esta exposição.

Nesse sentido é preciso esclarecer que a maior parte das obras aqui utilizadas, sejam elas de Vico ou de estudiosos, não é traduzida para a língua portuguesa e que, por esse

motivo, as obras serão abordadas em seus respectivos idiomas. Todavia, será nossa a responsabilidade pelas traduções feitas no decorrer da exposição.

Esses são alguns dos aspectos presentes e, de todo modo, essenciais para a compreensão do pensamento de Giambattista Vico, um filósofo tão incompreendido em seu tempo e que foi, por muitas vezes, simplesmente desprezado. No entanto, um filósofo que fez questão de se posicionar contra as mudanças que afetaram todo um período, contra as ideias que, embora estivessem presentes em diversas instâncias acadêmicas e entusiasmassem muitos doutos, no seu entender, colocavam em risco o mais importante: a vida civil e a conservação do gênero humano. A preocupação de Vico consistia, portanto, em valorizar uma ciência que não se mostrasse somente na abstração, ou meramente na natureza, mas que se apresentasse com as características de uma filosofia prática.

1 A HERANÇA RETÓRICA NA REFLEXÃO VIQUIANA SOBRE A VIDA CIVIL

Devido à sua erudição e à sua formação nas Letras, Vico critica o primado da razão apresentado pela tendência cartesiana, pois compromete o *ethos*. Assim, quando Vico explicita o seu desacordo e a sua crítica ao modelo cartesiano, objetiva se confrontar com as questões tratadas por Descartes, uma vez que distanciam o homem da vida civil, comprometendo a sua formação intelectual, na medida em que apresenta uma via unilateral do saber e despreza o estudo daquilo que não se adequa ao seu critério de validade, ou seja, as ideias claras e distintas. Nesse sentido, dada a sua formação retórica e por ser ele mesmo professor de Retórica, Vico nutre um sentimento de atopia ante tais mudanças recorrentes em toda a Europa, sobretudo em Nápoles, onde ele presencia o entusiasmo dos estudiosos pela filosofia cartesiana e o distanciamento, cada vez mais evidente, dos estudos concernentes à vida civil. Daí ser preciso uma exposição sobre o modo como se deu a crise no *status* cultural napolitano e, mediante os acontecimentos, como se apresentou o apelo viquiano à Retórica.

1.1 A crise no *status* cultural napolitano no final do século XVII

A *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, ou simplesmente, a *Autobiografia* de Vico, foi escrita entre 1725 e 1728 e, apesar de não ser a sua primeira obra, é indispensável para se compreender a formação do pensamento viquiano, seja por se apresentar como um documento histórico de uma época inquietante para Vico, seja por narrar o percurso da realização de seu projeto maior, a *Scienza Nuova*¹. Compreender Vico distante de seu tempo é, de fato, algo tão difícil de ser realizado, quanto problemático, pois o final do século XVII traz consigo fatos recorrentes nas questões abordadas por Vico, a saber, a crítica ao cartesianismo e a crise da *ratio studiorum*², assim como a preocupação em resgatar a cultura retórica, quer no que concerne ao saber, ao método, quer no que diz respeito à vida civil.

Desse modo, a *Vita*, tanto em seu conteúdo como em seu estilo, fornece ao leitor um

¹Sobre isso, Humberto Guido afirma que: “É bom lembrar que a *Vita* foi escrita no mesmo ano em que era publicada a primeira edição da *Ciência nova* (1725) e, portanto, Vico se esforçou para apresentar a sua vida intelectual em conformidade com as leis gerais do desenvolvimento da história universal, apresentadas na sua obra-mestra, cuja dinâmica é fundada na filogênese e a ontogênese, de modo que aquilo que acontece com a espécie, acontece também com o indivíduo” (Cf. GUIDO, Humberto. **Giambattista Vico. A filosofia e a educação da humanidade**. Petrópolis Vozes, 2004, p. 20).

²A crise a qual se faz alusão é a da *ratio studiorum* jesuítica, com o advento do cartesianismo. Vico não renegou a formação jesuítica que teve, embora criticasse o ensino ministrado em tais escolas, ao passo que Descartes a negou, demonstrando, portanto, uma nova *ratio studiorum* em que a cultura clássica-humanista é desprezada e, no entender de Vico, a dimensão civil é esquecida.

documento histórico³ de como ocorreu a crise no *status* cultural napolitano do final do século XVII, e o modo como Vico pensou as consequências dessa crise e apresentou as suas críticas. É importante salientar o propósito de Vico em escrever a *Vita* que, embora não tenha sido uma iniciativa sua⁴, reflete o sentimento de atopia viquiano ante as questões que envolviam a sua cidade natal naquele período, “momento culminante em que literatos dignos de estima celebravam a física de René; a de Aristóteles, tanto por si mesma, e muito mais pelas excessivas alterações dos escolásticos, havia se convertido em uma fábula”⁵.

O início da sua *Vita* sugere um conhecimento sobre a sua formação, mas o *topos* retórico, presente nessa obra, faz que a vida do seu autor e os acontecimentos históricos sejam considerados pelo mesmo ângulo, ou seja, o de não apenas apresentar a sua formação intelectual, mas também as transformações ocorridas em sua terra natal, assim como os novos valores edificados pela Modernidade. A *Vita*, portanto, oferece ao leitor o conhecimento do embate daquela época, isto é, o choque entre tendências e orientações diversas no âmbito do saber, causando diversas e relevantes transformações culturais que fazem desse período um dos mais importantes da história cultural.

Na *Vita*, ao narrar sobre a sua formação, Vico se apresenta como filho de pais honrados. Tendo um pai livreiro, desde a infância Vico apresentou grande interesse pelos estudos, e muito do que aprendeu foi por meio da livraria de seu pai. Apesar de ingressar na escola tardiamente, tendo em vista o acidente que sofrera⁶, Vico ultrapassou os seus colegas,

³Vale ressaltar aqui, que os fatos históricos são apresentados mediante a visão e interpretação de Vico, não só na *Autobiografia*, mas em todas as suas obras. Ademais, algumas fontes são incoerentes e não muito precisas, pois, apesar de sua erudição, Vico as escreveu em idade já avançada, conforme Peter Burke: “como suas outras obras, a autobiografia de Vico por vezes não é confiável em matéria de fatos. Fornece uma narrativa não mais confiável do início de sua vida do que pode ser razoavelmente esperado da memória de um homem já próximo dos sessenta anos, e não é totalmente consistente com as cartas de Vico que nos chegaram ou com o testemunho dos seus contemporâneos. No entanto, essa fonte tem o grande mérito de nos permitir ver Vico de dentro e também de nos dar uma impressão dos estágios intelectuais por que ele passou” (Cf. BURKE, Peter. **Vico**. [1985]. Trad. bras. Roberto Leal Ferreira, São Paulo: UNESP, 1997, p. 24).

⁴Sobre isso, Burke comenta: “A ideia de escrever a autobiografia não foi dele mesmo. A obra foi na realidade encomendada por um certo Conde Porcia, um soldado de propensões literárias que estava a serviço da República de Veneza, e fazia parte de um projeto geral de reunir as autobiografias intelectuais de homens eminentes, a fim de documentar seus métodos de estudo e os obstáculos que haviam encontrado em seus caminhos e, assim, poder reformar o sistema educacional e colocá-lo sobre uma sábia base empírica. O projeto foi provavelmente idéia do polímata veneziano, o frade e arquiteto Carlo Lodoli (1690-1761), um admirador de Vico e, como ele, um homem talentoso que não foi plenamente apreciado em seu tempo” (Cf. BURKE, 1997, p. 23).

⁵VICO, Giambattista. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo* [1728] In: **Vico-Opere**. Milano: Mondadori, 2007a, p. 24: “*sul più bello celebrarsi dagli uomini letterati di conto la fisica di Renato. Quella di Aristotile, e per sè e molto più per le alterazioni eccessive degli scolastici, era già divenuta una favola*”.

⁶Em sua *Autobiografia*, Vico narra: “com a idade de sete anos, caiu de cabeça de uma escada, no chão, no qual permaneceu durante cinco horas imóvel e sem sentido [...] e considerando a longa queda, [o cirurgião] fez o seguinte diagnóstico: ele ou morreria ou viveria idiotizado. Mas o julgamento em nenhuma das duas partes, pela misericórdia de Deus, se tornou realidade”. [*in età di sette anni, essendo col capo in giù piombato da altro fuori d'una scala nel piano, onde rimase ben cinque ore senza moto e privo di senso [...] ne fe' tal presagio: che egli o ne morrebbe o arebbe sopravvivuto stolido. Però il giudizio in niuna delle due parti, la Dio mercè, si avverò*].

sendo, em seguida, transferido para uma outra escola, esta última por sua vez o transferiu de volta. Com isso, Vico abandona a escola e decide estudar por conta própria, confirmando a sua tendência ao estudo solitário.

As instruções da Antiguidade na formação de Vico estão constantemente presentes em seu pensamento, como a influência da cultura retórica, dos filósofos e dos estudos clássicos, advindos do Renascimento. Não obstante haver estudado Direito na Universidade de Nápoles, pois o estudo da jurisprudência envolvia aspectos éticos, políticos, históricos, teológicos, literários, ou seja, estudos valorizados por Vico, seguia uma orientação tendo em vista a relação desses com a vida civil.

O conhecimento em jurisprudência o levou ao cargo de preceptor dos filhos do marquês de Vatolla. A experiência longe de Nápoles foi importante à formação intelectual de Vico, em virtude da comodidade que lhe era oferecida em Vatolla. Como descreve em sua *Vita*:

andava, naquele momento, com sua constituição física delicada e enfraquecida pela tuberculose, e por ele se reduzia de forma angustiante o patrimônio familiar, e tinha um desejo ardente de ócio para prosseguir seus estudos, e seu ânimo se aborrecia grandemente pelo barulho do fórum, quando quis a boa sorte que se encontrasse dentro de uma biblioteca com Monsenhor Geronimo Rocca, Bispo de Ischia, jurisconsulto ilustre, como o demonstram suas obras. Com ele teve uma conversa sobre o método correto de ensinar jurisprudência. Monsenhor ficou tão satisfeito que lhe induziu a aceitar ir ensinar aos seus sobrinhos em um castelo em Cilento, lugar bellissimo e de ar puríssimo, que pertencia ao seu irmão, o Sr. D. Domenico Rocca (que mais tarde se tornou seu mecenas e se deleitava com a mesma classe de poesia), porque ele tentaria tratá-lo como todos os seus filhos (como, em seguida, efetivamente tratou), e ali recuperaria a saúde com o ar puro do lugar e poderia estudar com toda comodidade⁷.

Sobre a mudança no *status* cultural de Nápoles, Vico narra em sua *Vita* que “com o fim de sua solidão, que durou seus bons nove anos”⁸, ou seja, depois do período em Cilento⁹,

(Cf. VICO, 2007a, p. 5).

⁷*Ibidem*, p. 11: “Andava egli frattanto a perdere la delicata complessione in mal d'eticia, ed eran a lui in troppe angustie ridotte le famigliari fortune, ed aveva un ardente desiderio di ozio per seguitare i suoi studi, e l'animo abborriva grandemente dallo strepito del fòro, quando portò la buona occasione che, dentro una libreria, monsignor Geronimo Rocca vescovo d' Ischia , giureconsulto chiarissimo, come le sue opere il dimostrano, ebbe con essolui un ragionamento d'intorno al buon metodo d'insegnare a' suoi nipoti in un castello del Cilento di bellissimo sito e di perfetissima aria, il quale era in signoria di un suo fratello, signor Domenico Rocca (che poi sperimentò gentilissimo suo mecenate e che si diletta parimente della stessa maniera di poesia), perché l' avrebbe dello in tutto pari a' suoi figliuoli trattato (come poi in effetto il trattò), ed ivi dalla buon'aria del paese sarebbe restituito in salute ed avrebbe tutto l'agio di studiare”.

⁸*Ibidem*, p. 20: “Verso il fine della sua solitudine, che bem nove anni durò”.

⁹Sobre esse evento, Guido comenta: “Estes anos foram descritos na *Vita* com a mesma carga alegórica da narrativa da queda ocorrida aos sete anos. Na autobiografia, o período em que esteve com a família Rocca é

como preceptor dos filhos do marquês local, foi recebido em sua terra natal como um “forasteiro em sua pátria”¹⁰, pois, ao retornar não se identificou com a sua cidade de origem, uma vez que não via com entusiasmo as mudanças ocorridas em Nápoles. No século XVII

foi forte a sensação de renovação ligada à elaboração deste novo paradigma da ciência para a qual indubiamente contribuiu um filósofo como Descartes. Na verdade este último tinha expressamente declarado sua vontade de construir um novo edifício do saber, construído para demolir a escola agora em ruínas da escolástica: a nova ciência tinha que ter por objeto a natureza e a lógica deveria ser a matemática¹¹.

O florescimento de Nápoles, naquele período, diz respeito à mudança no *status* intelectual e cultural da cidade, em especial no que concerne ao avanço das ciências naturais. O pensamento viquiano presencia uma época em que a cultura europeia desabrocha em Nápoles. Desse modo surgem interesses diversos sobre as novidades culturais advindas da Europa, como na Academia Colonna [*Accademia Colonna*], que com o nobre Camillo discutia-se sobre uma nova filosofia, e na Academia dos Investigadores [*Accademia degli Investiganti*]¹², tendo à frente Tommaso Cornelio, onde presencia-se a modernização cultural da Europa. Segundo Bordogna:

Nápoles, centro europeu de primeira importância, viveu, a partir da segunda metade do século XVII, um período de grande florescimento intelectual, cuja data de início vem coincidir com Francesco d'Andrea, conhecido advogado napolitano deste tempo, com o retorno a Nápoles em 1650 de Tommaso Cornelio. Este, médico, astrônomo e matemático, teve o mérito de ser o primeiro a introduzir na cidade napolitana, os livros de Descartes, um autor que antes, disse d'Andrea, ignorava-se o nome. Com efeito, será Tommaso Cornelio, juntamente com Leonardo di Capua (também médico), a fundar

descrito como o de completo isolamento em relação à vida cultural de Nápoles. Porém, nesses anos Vico acompanhava os constantes deslocamentos dos Rocca a Nápoles, o que invalida a tese do total isolamento com a cultura napolitana, defendida pelo Vico da Vita (1728)” (Cf. GUIDO, 2004, p. 27).

¹⁰VICO, 2007a, p. 23: “*forestiero nella sua patria*”.

¹¹BORDOGNA, Alberto. *Gli idoli del foro-Retorica e mito nel pensiero di Giambattista Vico*. Roma: Aracne, 2007, p.18: “*Nel Seicento era forte la sensazione di rinnovamento legata all'elaborazione di quel nuovo paradigma della scienza a cui aveva indubiamente contribuito un filosofo come Cartesio. In effetti quest'ultimo aveva espressamente dichiarato la sua volontà di costruire un nuovo edificio del sapere abbattendo quello ormai pericolante edificato dagli scolastici: la nuova scienza doveva avere per suo oggetto la natura e la sua logica doveva essere la matematica*”.

¹²Sobre os “Investigadores”, é preciso destacar que mesmo rejeitando a autoridade de alguns antigos, como Hipócrates, Galeno e, em certo sentido, Aristóteles, tais intelectuais não repudiam por completo o estudo da Antiguidade Clássica. Nesse sentido, Burke afirma que: “Esses “modernos” não repudiaram completamente o estudo da Antiguidade clássica. O que fizeram foi defender o que poderia ser chamado de uma “antiguidade alternativa”, não aristotélica, talvez para camuflar a novidade de suas ideais e ampliar seu atrativo, dando-lhes uma linhagem, e talvez porque estivessem realmente impressionados com algumas ideias antigas. Interessavam-se, por exemplo, por Platão e também pela tradição à qual assimilaram Descartes. Como vários intelectuais franceses e ingleses da época, o grupo napolitano também se interessava pelo filósofo grego Epicuro (341-270 a. C.) e seu discípulo, o poeta romano Lucrécio (c. 95-55 a.C.)” (Cf. BURKE, 1997, p.26).

nos anos sucessivos a Academia dos investigadores uma associação que terá seu apogeu entre os anos sessenta e setenta e que reunirá os maiores intelectuais meridionais (bem como Cornelius e Di Capua, deve-se lembrar Carlo Buragna, Alfonso Borelli, Francesco D'Andrea Lucantonio Porzio e Giuseppe Valleta)¹³.

Também em seu *Carteggio* (1720-1729)¹⁴, Vico demonstra a sua insatisfação com as mudanças de sua época, mudanças tão significativas e efervescerentes que terminaram justificando o desprezo pela sua *Scienza Nuova*, por ser uma obra que questiona tais mudanças e acaba por aborrecer aqueles entusiastas da filosofia cartesiana. Nesse sentido, Vico diz que

O livro surgiu em uma época em que, com a expressão de Tácito quando medita sobre seu tempo, é muito parecido com o nosso, «*corrumpere et corrumpi saeculum vocatur*», por isso, como o livro aborrece ou incomoda a muitos, não pode obter o aplauso universal. (...) Hoje o mundo flutua e oscila entre as tempestades movidas pelos costumes humanos mediante o acaso de Epicuro, ou se encontra cravado e fixo na 'necessidade' de Descartes. E assim, abandona-se a sorte cega ou deixa-se arrastar pela surda necessidade¹⁵.

Evidencia-se, assim, o modo como Vico se encontra ante essas mudanças, presenciou o entusiasmo com que fora tratada a filosofia cartesiana e a sua nova *ratio studiorum*. Nesse momento, no entanto, é preciso compreender como essa nova orientação se mostra no

¹³BORDOGNA, 2007, p.19: "*Napoli, centro europeo di primazia importanza, viveva, a partire dalla seconda metà del Seicento, un periodo di grande fioritura intellettuale, ma cui data d'inizio viene fatta coincidere da Francesco d'Andrea, noto avvocato napoletano del tempo, con il ritorno a Napoli nel 1650 di Tommaso Cornelio. Questi infatti, medico, astronomo e matematico, ebbe il merito di introdurre per primo nella città partenopea i libri di Cartesio, un autore di cui prima, dice d'Andrea, si ignorava persino il nome. In effetti sarà Tommaso Cornelio insieme con Leonardo di Capua (medico anch'egli) a fondare negli anni successivi l'Accademia degli Investiganti, un'associazione che avrà la sua massima fioritura tra gli anni sessanta e settanta e che raccoglierà i maggiori intellettuali meridionali (oltre a Cornelio e Di Capua si devono ricordare Carlo Buragna, Alfonso Borelli, Francesco D'Andrea, Lu cantonio Porzio e Giuseppe Valleta)*".

¹⁴Sobre isso, Liliane Severiano comenta: "É na leitura do *Carteggio* viquiano que encontramos um conjunto de impressões documentadas pelo autor acerca do novo status cultural napolitano. A forma da recepção das "tendências da cultura européia" constitui a configuração da cultura napolitano. O *Carteggio* retrata o diálogo – ou pelo menos a tentativa de diálogo – empreendido por Vico no envio de correspondências a intelectuais de seu tempo, contendo informações a respeito da situação cultural napolitano. A decadência no universo do saber e da cultura, representada pela crise do ingenium na Europa, põe em risco um ethos que privilegia certas disposições relacionadas à vida associada. Percebemos em Vico, portanto, a defesa da vida comunitária oposta ao ideal de Eu puro cartesiano, cujo diagnóstico identifica tal crise do ingenium à questão do abandono dos *studia humanitatis*" (Cf., SILVA, Liliane Severiano. **Do sistema do direito universal a uma nova ciência da vida civil: a invenção de Giambattista Vico**. 2010. 121f. Dissertação (Mestrado em Filosofia)- Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010, p. 23).

¹⁵VICO, Giambattista. *Lettere*. In: **Vico-Opere**. Milano: Mondadori, 2007b, p. 322-323: "*Il libro è uscito in una età in cui, con l'espressione di Tacito, ove riflette sopra i suoi tempi somigliantissimi a questi nostri, « corrumpere et corrumpi saeculum vocatur»; e perciò, come libro che o degusta o disagia i molti non può conseguire l'applauso universale. Perché egli è lavorato sull' idea della Provvidenza, si adopera per la giustizia del gener umano e richiama le nazioni a severità. Ma oggi il mondo o flutua ed ondeggia tra le tempeste mosse a' costumi umani dal « caso » di Epicuro, o è inchiodato e fisso alla « necessità » del Cartesio; e così, o abbandonatosi alla cieca fortuna o lasciandosi strascinare dalla sorda necessità*".

contexto de Nápoles e como Vico narra esses acontecimentos.

1.2 A nova *ratio studiorum* e sua relevância no contexto napolitano

A primeira referência ao método cartesiano na *Vita* demonstra, de imediato, a insatisfação viquiana com a filosofia cartesiana, por favorecer o estudo da matemática e desfavorecer outros que, para Vico, são indispensáveis para a formação humana. Desse modo o leitor se depara, já nas primeiras páginas da *Vita*, com o sentido da crítica viquiana a Descartes, ou seja, com a inquietação de Vico, ao perceber no modelo cartesiano de estudos uma carência no que concerne à erudição. Na *Vita*, ao comentar a sua experiência nos estudos, Vico narra de não seguir o estilo de Descartes. Daí ele escrever:

não se fingirá aqui o que astutamente fingiu René Descartes acerca do método de seus estudos para poder manifestar somente sua filosofia e as matemáticas, e deixar por terra todos os outros estudos que completam a divina e humana erudição, senão que com a ingenuidade que corresponde ao historiador, se narrará detalhadamente e com sinceridade a série de todos os estudos de Vico, para que se conheçam as causas próprias e naturais de seu êxito como literato tal como foi¹⁶.

Nessa primeira enunciação, Vico indica certo fingimento quando Descartes apresenta, no *Discurso do Método* [*Discours de la méthode pour bien conduire sa raison, et chercher la vérité dans les sciences-1637*] o seu projeto de reforma do saber. Não obstante, Vico sustenta ser, diferentemente de Descartes, sincero ao escrever sobre seus estudos, pois o faz de modo a não desprezar a erudição, nem renegar a sua formação nas Letras. Provavelmente, Vico está atribuindo tal fingimento ao fato de Descartes ser formado nas Letras e, mesmo assim, rechaçar estudos importantes para uma erudita formação humana, no intuito de exaltar apenas a sua filosofia e renegar a sua formação, como faz no início de seu *Discurso do Método*.

fui nutrido nas letras desde a infância, e por me haver persuadido de que, por meio delas, se podia adquirir um conhecimento claro e seguro de tudo o que é útil à vida, sentia extraordinário desejo de aprendê-las. Mas, logo que terminei todo esse curso de estudos, ao cabo do qual se costuma ser recebido na classe dos doutos, mudei inteiramente de opinião. Pois, me achava enleado em tantas dúvidas e erros, que me parecia não haver obtido outro proveito, procurando instruir-me, senão o de ter descoberto cada vez mais a

¹⁶VICO, 2007a, p.7: “non fingerassi qui ciò che astutamente finse Renato Delle Carte d' intorno al metodo de' suoi studi, per porre solamente su la sua filosofia e matematica ed atterrare tutti gli altri studi che compiono la divina ed umana erudizione; ma, con ingenuità dovuta da storico, si narrerà fil filo e con ischiettezza la serie di tutti gli studi del Vico, perchè si conoscano le proprie e naturali cagioni della sua tale e non altra riuscita di litterato”.

minha ignorância¹⁷.

Contudo, percebe-se que Vico acusa Descartes de esquecer os estudos que complementam a formação erudita, e de não defender a importância de uma formação enciclopédica, capaz de ultrapassar unilateralidades. A crítica viquiana se dirige, com efeito, à aplicação do método geométrico a domínios como o da ação humana, da história e da vida civil. A intenção da crítica viquiana ao cartesianismo está direcionada à questão da reforma do saber moderno, onde o *cogito* cartesiano não se mostra como única verdade, embora seja apenas a constatação daquele que pensa, pois

Em Vico escapa inteiramente o calor do *cogito* cartesiano, porque ele vê sempre aquele mundo, no qual não é centro o pensamento como pensar (*ego cogito*), mas o pensamento como pensado: A ideia, o Uno, o Deus platônico e neo-platônico. O cogito não pode ser a causa do *esse* [ser] (*cogitans*), - bem como, evidentemente é para aqueles que atribuíram ao *cogito* valor e autonomia. - porque Vico não quer esquecer (o próprio Descartes, por outro lado esquece até um certo ponto) o que ele aprendeu da antiga filosofia: que o *esse* [ser], o mesmo [ser] *esse cogitans*, não é *causa sui*, não é substância, mas *res creata*, a qual não tem em si nenhuma verdade, e deve trazer de volta para sua causa, que é a sua substância¹⁸.

Para Vico é preciso também respeitar o *corso* natural do desenvolvimento dos indivíduos a fim de se pensar uma ordem nos estudos, pois sustenta em sua *Vita*:

os jovens levados antes do tempo à crítica, que é tanto como dizer, levados a julgar bem antes de aprender bem, contra o curso natural das ideias, que primeiro se deve aprender, depois julgar e finalmente raciocinar, sucede que a juventude se torna árida e seca ao se expressar, e sem fazer nada, quer julgar tudo¹⁹.

Em oposição à *ratio studiorum* jesuítica, Descartes tem como intenção justificar a

¹⁷DESCARTES, R. **Discurso do Método [1637]**. Col. Os Pensadores. Trad.br. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996, p.38.

¹⁸GENTILE, G. **Studi Viquiani, Opere Complete**, Vol XVI, Sanzoni, Firenze, 3ª ed. 1968, p. 58: "*A Vico sfugge interamente il valore del cogito cartesiano, perché lo vede sempre in quel mondo, in cui non è centro il pensiero come pensare (ego cogito), ma il pensiero come pensato: l'idea, l'uno, il Dio platônico e neo-platônico. Il cogito non può essere la causa dell'esse (cogitans),- come pure evidentemente è per chi attribuisce al cogito il valore e l'autonomia che gli spetta, - perché Vico non vuol dimenticare (e Cartesio stesso , per altro lo dimentica fino a un certo punto) quello che ha appreso dalla vecchia filosofia: che l'esse, lo stesso esse cogitans, non è causa sui, non è sostanza, ma res creata, la quale perciò non ha in sé nessuna verità, e va riportata alla sua causa, che è la sua sostanza*".

¹⁹VICO, 2007a, p.17: "*i giovinetti, trasportati innanzi tempo alla critica, che è tanto dire portati a ben giudicare innanzi di ben apprendere, contro il corso natural dell'idee, che prima apprendono, poi giudicano, finalmente ragionano, ne diviene la gioventù arida e secca nello spiegarsi e, senza far mai nulla, vuol giudicar d'ogni cosa*".

sua filosofia e o seu método, tanto que seu *Discurso do Método*, mesmo representando também uma autobiografia, difere da *Vita* viquiana até mesmo no estilo. Enquanto Vico escreve a sua *Vita* em terceira pessoa, Descartes escreve o seu *Discurso* em primeira pessoa, tal observação não é aleatória ou insignificante. Vico se fundamenta, sem dúvida, na tópica-retórica, pois narra tal qual um historiador, tendo em vista uma preocupação com a vida civil e o caráter erudito, ao passo que Descartes demonstra um modelo analítico-crítico, consciencial, intelectual e interior que de todo modo se evidencia no *cogito* apresentado em suas *Meditações Metafísicas*. Nesse sentido, Vico argumenta em sua *Vita*:

As *Meditações* de René Descartes, as quais seguiu seu livro *Do método*, em que desaprova os estudos das línguas, dos oradores, dos historiadores e dos poetas, e, dando importância somente à sua metafísica, à sua física e às suas matemáticas, reduz a literatura ao saber dos árabes, os quais tiveram nesses três ramos, homens doutíssimos, homens como Averroes em metafísica, e tantos famosos astrônomos e médicos que deixaram também em uma e outra ciência, as vozes necessárias para explicá-las. Portanto, a todos aqueles, também doutos e de grande engenho, que durante muito tempo haviam se ocupado das físicas corpusculares, de experimentos e de máquinas, as *Meditações* de René devem ter parecido abstrusíssimas, porque deveriam ser capazes de apartar suas mentes dos sentidos para meditar sobre elas, de modo que o elogio para ser considerado como um grande filósofo era: “este entende as *Meditações* de René”²⁰.

Vico alerta, no entanto, sobre o erro de se pensar Descartes distante da Antiguidade Clássica, pois, mesmo que o intuito de Descartes fosse o de apresentar sua própria filosofia, tendo para isso rompido com sua formação anterior, faz-se necessário atentar que muito do que se apresenta como novo em Descartes, já está contido na tradição.

E nestes tempos, Vico encontrando-se frequentemente com o senhor D. Paolo Doria na casa do senhor Caravita, que era um reduto de homens de letras, este igualmente grande cavalheiro e filósofo, foi o primeiro com quem Vico pode começar a pensar sobre metafísica, e aquilo que Doria admirava de sublime, grande e novo em René, Vico lhe advertia que era velho e vulgar entre os platônicos²¹.

²⁰VICO, 2007a, p. 29: “*le Meditazioni di Renato Delle Carte, delle quali è séguito il suo libro Del metodo, in cui egli disapprova gli studi delle lingue, delgi oratori, delgi storici e de' poeti, e ponendo su solamente la sua metafisica, fisica e matematica, riduce la letteratura al sapere degli arabi, i quali in tutte e tre queste parti n'ebbero dottissimi, come gli Averroi in metafisica e tanti famosi astronomi e medici che ne hanno nell'una e nell' altra scienza lasciate anche le voci necessarie e spiegarvisi. Quindi ai quantunque dotti e grandi ingegni, perché si eran prima tutti e lungo tempo occupati in fisiche corpuscolari, in esperienze ed in macchine, dovettero le Meditazioni di Renato sembrar astrusissime, perché potessero ritrar da' sensi le menti per meditarvi; onde l'elogio di gran filosofo era: - Costui intendi le Meditazioni di Renato-*”.

²¹*Ibidem*, p.29: “*E in questi tempi, praticando spesso il Vico e l'ignor don Paolo Doria dal signor Caravita, la cui casa era ridotto di uomini di lettere, questo egualmente gran cavaliere e filosofo fu il primo con cui il Vico poté cominciare a ragionare di metafisica; e ciò che il Doria ammirava di sublime, grande e nuovo in Renato, il Vico avvertiva che era vecchio e vulgar tra' platonici-*”.

Destaca-se também na sua *Autobiografia* que “com o fim de sua solidão, que durou seus bons nove anos”²², Vico se interessou pela física de Descartes, com o intuito de compreender a que se devia sua fama. Todavia, antes disso, em virtude de um “gracioso engano, tinha notícias dela, porque da livraria de seu pai, entre outros livros, trouxe a Filosofia natural de Erricus Regius, sob cuja máscara Descartes já havia começado a publicar em Utrecht”²³. Logo mais o engano foi desfeito quando Vico retornou a Nápoles²⁴ e

ao saber que a física de Regius era de Renato, e quando se haviam começado a cultivar as *Meditações Metafísicas* do mesmo, porque Renato – ambiciosíssimo de glória – tal como sua física elaborada sobre um plano semelhante ao de Epicuro, e feita aparecer pela primeira vez nas cátedras de uma famosíssima universidade da Europa, como a de Utrecht, por um físico médico, buscou fazer-se célebre entre os professores de medicina, assim, depois esboçou algumas primeiras linhas de metafísica à maneira de Platão, onde as gerenciou para estabelecer os dois gêneros de substâncias: uma extensa, a outra inteligente, para demonstrar que há um agente sobre a matéria que não é matéria, como é o Deus de Platão²⁵.

Ainda em sua *Vita*, Vico fala da deficiência do sistema de Descartes no que concerne à carência de sua metafísica comparada com a metafísica do século XVI, período em que a Itália retomava toda a eloquência da Grécia antiga. Para Vico:

A metafísica – “que no século XV havia elencado na ordem mais sublime da literatura os Marsili Ficini, os Pico della Mirandola, juntamente com os

²²VICO, 2007a, p. 20: “*Verso il fine della sua solitudine, che ben nove anni durò*”.

²³*Ibidem*: “*per un grazioso inganno egli ne aveva avute di già le notizie, perché esso dalla libreria di suo padre tra gli altri libri ne portò via seco la Filosofia naturale di Errico Regio, sotto la cui maschera il Cartesio l'aveva incominciata a pubblicare in Utrecht*”.

²⁴Segundo Guido: “Este período serviu para o aprofundamento dos estudos sobre a teoria da graça com a leitura das obras de Santo Agostinho (354-430); leu também Boécio (480-524) e Bodin (1530-1596); prosseguiu o estudo da metafísica escolástica, apesar da sua aversão declarada a esta filosofia. Mais proveitosos foram os contatos com as obras de Platão (428 ou 427-348 ou 347 a.C.) e Tácito (55-120)- os dois autores prediletos entre os antigos. Vico teve ainda a oportunidade de aprofundar os seus conhecimentos sobre os neoplatônicos. Concorreram também para a boa formação filosófica de Vico o estudo de Ficino (1433-1499) e Pico della Mirandola (1463-1491). A literatura foi outra área da cultura que recebeu a atenção cuidadosa de Vico; durante a estadia em Vatolla, a leitura dos clássicos foi uma atividade intensa. Constan dos registros autobiográficos: Lucrécio (98-55, a.C.), Virgílio (70-19 a.C.), Dante, Petrarca (1304-1374), Boccaccio (1313-1375), entre outros. Décadas mais tarde, os poetas foram fundamentais para a discussão sobre a sabedoria dos antigos, que ocupou o livro segundo da terceira edição da *Ciência nova* (1744), intitulado *Da sabedoria poética*” (Cf. GUIDO, 2004, p. 28-29.)

²⁵VICO, 2007a, p.21-22: “*e risaputo che la fisica del Regio era di Renato, si erano cominciate a coltivare le Meditazioni metafisiche del medesimo. Perché Renato, ambizioso di gloria, si come – con la sua fisica machinata sopra un disegno simile a quella di Epicuro, fatta comparire la prima volta sulle cattedre di una celebratissima università di Europa, qual è quella di Utrecht, da un fisico medico- affettò farsi celebre tra professori di medicina; così poi disegnò alquante prime linee di metafísica alla maniera di Platone- ove s'industria di stabilire due generi di sostanze, una distesa, altra intelligente, per dimostrare un agente sopra la materia che materia non sia, qual egli è 'l «dio» di Platone*”.

Augustini e Nifo e Steuchio, os Giacopi Mazzoni, os Alessandro Piccolomini, os Mattei Aquavivi, os Franceschi Patrizi, e conferiu à poesia, à história, à eloquência, que a Itália parecia até a Grécia em seu tempo mais duto e bem falante, parecia haver resurgido na Itália –, era considerada digna de ser confinada nos claustros; e de Platão somente havia alguma alusão no uso da poesia, ou para fazer ostentação de uma erudição memorística; condenava-se a lógica escolástica, e se aprovava em substituí-la com os Elementos de Euclides; a medicina, a causa das frequentes mudanças dos sistemas da física, havia caído no ceticismo, e os médicos haviam começado a cair na acatalepsia, isto é, a incapacidade de compreender a verdade acerca da natureza das enfermidades, e a permanecer na *epoché*, ou seja, na suspensão do assentimento para dar juízos sobre elas e pra adotar remédios eficazes²⁶.

O fim do século XVII foi, portanto, decisivo conforme a reflexão viquiana, porque trouxe consigo o interesse dos italianos pelas ideias cartesianas, evidenciando a influência do pensamento de René Descartes e de seu *cogito* e, ao mesmo tempo, uma aversão ao estudo dos antigos e à tradição que lhe influenciara. O desacordo do pensamento viquiano em relação à filosofia de Descartes, diz respeito à mudança ocorrida no âmbito do saber: a pretensão de Descartes em subordinar todas as coisas ao conhecimento matemático, em que a Lógica explicaria todos os fatos externos por meio de representações mentais.

Nada tão eloquente como a própria estruturação do Discurso do método: suas três primeiras partes se dedicam a eliminar quanto se tem aprendido, para só depois edificar essa nova morada cujo fundamento consiste na convicção de que qualquer objeto conhecido pressupõe sempre um sujeito cognoscente, o que constitui assim a única base estável. Ademais, ele escreve em francês antes que em latim, como afirma ao acabar, para que os que o aprovem, façam com sua própria razão natural, e não com o gosto pelos livros antigos²⁷.

Para Vico, ao utilizar o critério que considera verdadeiro somente aquilo que se

²⁶VICO, 2007a, p. 24: “*La metafisica – che nel Cinquecento aveva allogato nell'ordine più sublime della letteratura i Marsili Ficini, i Pici della Mirandola, amendue gli Augustini e Nigo e Steuchio, i Giacopi Mazzoni, gli Alessandri Piccolomini, i Mattei Acquavivi, i Franceschi Patrizi, ed avea tanto conferito alla poesia, alla storia, all'eloquenza, che tutta Grecia, nel tempo che fu più dotta e bem parlante, sembrava essere in Italia risurta – era ella riputata degna da star racchiusa ne' chiostrì; e di Platone soltanto si arrecava alcun luogo in uso della poesia, o per ostentare un'erudizion da memoria. Si condannava la logica scolastica, e si approuava riposi in di lei luogo gli Elementi di Euclide. La medocona, per le spesse mutazioni de' sistemi di fisica, era decaduta nello scetticismo, ed i medici avevano incominciato a stare sull' acatalepsia o sia incomprendevolità del vero circa la natura dei morbi, e sospendersi sull'epoca o sia sustentazion dell'assenso a darne i guidizi e adoperarvi efficace rimedi*”.

²⁷ROMO FEITO, Fernando. Introdução. In: VICO, Giambattista. *Elementos de retórica*. Madrid: Trotta, 2005, p.17-18: “*nada tan elocuente como la propia estructuración del Discuso del método: sus tres primeras partes se dedican a eliminar cuanto se ha aprendido, para sólo después edificar esa nueva morada cuyo fundamento consiste en la convicción de que cualquier objeto conocido presupone siempre un sujeto cognoscente, lo que constituye así el único cimientto estable. Y además lo escribe en francés antes que en latín, como afirma al acabar, para que los que lo aprueben lo hagan con su sola razón natural, e non con el gusto por los libros antiguos*”.

mostra claro e distinto, Descartes limita o seu pensamento unicamente às coisas que podem ser explicadas dessa maneira, as outras são, de fato, desconsideradas. Em Descartes, nem o verossímil é visto com alguma importância, assim como a história, em virtude de não se estabelecer mediante o critério de clareza e distinção. O discurso sobre a relevância da vida civil termina, portanto, esquecido. Para Fernando Romo:

A crítica de Descartes, ao admitir somente como ponto de partida a verdade primeira, e exigir verdades claras e distintas, impossibilita tanto as verdades segundas como qualquer conhecimento do verossímil, que geralmente é verdade, porém não necessariamente, com que não só elimina de um golpe a eloquência (a retórica), baseada no sentido comum, como também a fantasia e a memória²⁸.

O descaso com as ciências morais na filosofia de Descartes dá-se em razão de que a vida civil, definitivamente, não pode ser limitada às representações mentais que o seu sistema estabelece como critério de validade, desprezando assim a importância do verossímil e do senso comum²⁹. No *De Ratione*, Vico apresenta a deficiência do método de estudo do seu tempo e afirma que

o dano mais grave do nosso método é que, enquanto nos ocupamos muito assiduamente das ciências naturais, negligenciamos a moral, especialmente aquela parte que se ocupa da índole do nosso ânimo e da sua tendência à vida civil e à eloquência³⁰.

Desse modo, Vico vê a necessidade de um apelo à Retórica a fim de consolidar um projeto de saber voltado para as ciências morais e orientado para a vida civil.

1.3 O apelo viquiano à Retórica

As obras de Vico estão marcadas por seu apelo à Retórica, em especial a lição

²⁸ROMO FEITO, 2005, p. 18: “*la crítica de Descartes, al admitir sólo como punto de partida la verdad primera, y exigir verdades claras y distintas, imposibilita tanto las verdades segundas como cualquier conocimiento de lo verosímil, que suele ser verdad pero no necesariamente, con lo que no sólo elimina de un plumazo la elocuencia (la retórica), basada en el sentido común, sino además la fantasía y la memoria*”.

²⁹Sobre isso, Guido comenta: “O cogito cartesiano não é eficaz para a investigação social, porque não considera a efetividade da vida prática, operando a distinção somente sobre duas situações admissíveis: a verdade ou a falsidade. A realidade social é muito rica, ela possui um feixe ilimitado de circunstâncias que jamais poderão ser classificadas como imediatamente verdadeiras ou definitivamente falsas”. (Cf. GUIDO, 2004, p. 56).

³⁰VICO, Giambattista. *De nostri temporis studiorum ratione* [1708]. In: *Opere*. Milano: Mondadori, 2007c, p. 131: “*il più grave danno del nostro metodo è che, mentre ci occupiamo molto assiduamente di scienze naturali, trascuriamo la morale, specialmente quella parte che si occupa dell'indole dell'animo nostro e delle sue tendenze alla vita civile e all'eloquenza*”.

inaugural do ano letivo de 1708 da Universidade de Nápoles, publicada posteriormente como *De Nostri temporis studiorum ratione* e as *Institutiones oratoriae*: um manual de Retórica exposto por Vico, entre 1698 e 1741, em Nápoles, mas não editado em vida. Ambas as obras podem ser consideradas como os *Elementos de Retórica* de Giambattista Vico e se tratam, portanto, de obras fundamentais sobre tal questão.

No *De Ratione*, Vico apresenta um modelo ideal de saber e, ao expor comparativamente antigos e modernos, no que concerne ao modelo de conhecimento de cada um, Vico defende um modelo enciclopédico. Embora essa ideia seja uma inclinação da influência humanística e barroca em seu pensamento, Vico reformula uma concepção de saber que poderia se apresentar, meramente, como a defesa de algo já experimentado, ou seja, uma visão que privilegia uma eloquência voltada para a vida civil, sem depreciar as mudanças do seu tempo, mas tem como intenção orientá-las e adequá-las à boa formação humana³¹.

Todavia, vale ressaltar que Vico não ignora a importância das ciências naturais, mas não as prioriza em oposição às ciências morais. Dessa forma é válido sustentar que a sua preocupação, formulada no *De Ratione*, expressa-se como pedagógica, mas não se desvincula dos liames civis. Formular, pois, um novo modelo de saber, requer uma atenção para a formação humana. Na visão de Patella:

Desde as juvenis Orações inaugurais e durante todo o curso do seu pensamento, Vico se mostra convencido de um programa orgânico e unitário do saber, tendencialmente desenvolvido em toda direção e inclinado por certos lados ao enciclopedismo, em consonância com boa parte do humanismo – renascentista e barroco. E isto vem já amplamente sustentado e argumentado com razões válidas no *De Ratione*, onde – fiel a um projeto educativo tendente a um desenvolvimento equilibrado do saber – Vico se dirige aos jovens convidando-os a instruir-se “em todas as artes e ciências com juízo integral” –segundo escreve-, o que significa evitar divisões e fraturas entre as diversas disciplinas, através de um desenvolvimento gradual e orgânico das faculdades humanas e sobre tudo, mediante um método de estudo progressivo e coerente, em grau de integrar conscientemente aquilo que ele chama crítica e tópica³².

³¹Guido afirma que Vico: “fez uma apreciação crítica do ensino ministrado nas escolas da época e concluiu pela inadequação dos métodos de ensino dos modernos tanto a *Ratio Studiorum* dos jesuítas, como também os manuais de Port-Royal. A primeira devido ao excesso de formalismo e obviedade dos exercícios propostos aos alunos, os segundos pela aridez dos exercícios e dos raciocínios abstratos, prematuros para a idade ainda muito tenra das crianças. Tanto um método quanto o outro acabam impedindo o desenvolvimento natural da percepção, da imaginação e da memória, acarretando profundos prejuízos para a vida prática dessas crianças, quando elas vierem adentrar as fases subsequentes da vida” (Cf. GUIDO, 2004, p. 23).

³²PATELLA, Giuseppe. *Giambattista Vico, la universidad e el saber: el modelo retórico*. In: **Cuardenos sobre Vico** 7/8, 1997, p. 102: “Desde las juveniles Orazioni inaugurales y durante todo el curso de su pensamiento, Vico se muestra convencido de un programa orgánico y unitario del saber, tendencialmente desarrollado en toda dirección e inclinado por ciertos lados al enciclopedismo, en línea con buena parte del pensamiento humanístico-renascentista y barroco. Y esto viene ya ampliamente sostenido y argumentado con razones válidas

É preciso destacar que o Renascimento resgatou, entre tantas coisas, a orientação retórica e as diversas concepções que a envolvem. Por sua vez, o pensamento de Giambattista Vico não pode ser desvinculado da influência da cultura greco-romana e do significativo vínculo com os grandes oradores, como Cícero [106a.C.-43a.C], Quintiliano [35d.C.-95d.C.] e Tácito [55d.C.-120d.C], por conciliarem as técnicas do discurso com a formação dos saberes.

Cícero é responsável pelo tratado sobre oratória, o *De inventione* [84 a.C.], como também pelo *De Oratore* [55 a.C]. O primeiro objetiva encontrar ideias e as desenvolver, o segundo aprimora isso com as características que um bom orador deve possuir, tais como: o conhecimento argumentativo e a prática do mesmo, mas também o estudo dos grandes oradores. Para Cícero, a Retórica é uma ciência vinculada ao conhecimento cultural e sua orientação retórica diz respeito a uma ciência civil [*Scientia Civilis*]. Cícero apresenta essa dimensão política e civil com uma *scientia* da união entre a *sapientia* e a *eloquentia*, respectivamente, a Retórica e a Filosofia. Percebe-se, portanto, que tais aspectos podem ser identificados no pensamento viquiano como defesa também da erudição apresentada por Vico em suas obras. Sobre a importância ciceroniana na cultura do humanismo renascentista, Kristeller afirma:

Se tivermos em mente o conteúdo e a extensão dos estudos e da literatura humanística, não nos surpreenderá saber que Isócrates, Plutarco e Luciano estavam entre os seus autores preferidos, mas que o escritor antigo objeto da sua admiração mais incondicionada era Cícero. (...) Em primeiro lugar, as obras retóricas de Cícero forneceram a teoria. (...) A síntese de filosofia e de retórica na sua obra proporcionou aos humanistas um ideal predileto, a combinação de eloquência e sabedoria ideal que imbuí amplamente a literatura renascentista³³.

Nesse período destaca-se também a obra de Quintiliano, *Institutio Oratoria* [95 d.C], na qual ele expõe o processo de formação do orador delineado pelo ideal ciceroniano. Cícero e Quintiliano exerceram, portanto, grande influência sobre a teoria pedagógica do humanismo renascentista. Também a obra de Tácito segue a tradição dos discursos filosóficos e retóricos, e destaca a relevância para a vida prática, política e civil. A partir de então, estabelece-se a

en el De ratione, donde -fiel a un proyecto educativo tendente a un desarrollo equilibrado del saber- Vico se dirige a los jóvenes invitándoles a instruirse "en todas las artes y ciencias con juicio integral" -según escribe, lo que significa evitar escisiones y fracturas entre las diversas disciplinas, a través de un despliegue gradual y orgánico de las facultades humanas y, sobre todo, mediante un método de estudio progresivo y coherente, en grado de integrar conscientemente aquello que él llama "crítica" y "tópica".

³³KRISTELLER, Paul Oskar. **Tradição clássica e pensamento do Renascimento** [1954]. Trad. port. Artur Morão, Lisboa: Edições 70, 1995, p. 25-26.

relação entre Filosofia e Retórica no humanismo renascentista. O gênero retórico, portanto, não se identifica somente com um conjunto de regras e técnicas, mas com uma ciência política.

Tal pretensão em unir Filosofia e Retórica prevalece no Renascimento de modo a representar uma oposição à lógica formal dos escolásticos. A herança retórica representa, no humanismo civil renascentista, a formação do humano. Desse modo não se trata de pensar a Retórica apenas como uma técnica, mas em sua orientação moral e política, ou seja, participativa da experiência civil³⁴. Portanto, os “homens das letras” do Renascimento são diferentes

daqueles seus predecessores medievais, os escritos eram informados, tanto no espírito, quanto na substância, por um novo interesse e uma nova competência: a erudição clássica grega e latina. Esse conúbio das artes da linguagem com a literatura clássica e a –Filologia alcançou rapidamente a sua formalização em um ciclo de estudos, conhecido como *studia humanitatis*: um esquema que consolidou as “humanidades” tal qual nós as conhecemos, e deu aos seus mestres um novo nome –“humanistas”³⁵.

A figura de Petrarca destaca-se, nesse cenário, tendo em vista ter sido um dos precursores do Humanismo e do resgate dos valores da Antiguidade. Vale ressaltar, no entanto, que Petrarca, embora valorizando a tradição ciceroniana, não a aderiu totalmente, pois diferente de Cícero para quem a Retórica não ocorre no isolamento, Petrarca, por sua vez, apresenta momentos de interiorização. Para Fabiana Magalhães Pinto,

Petrarca foi um dos precursores do humanismo em seu culto à tradição ciceroniana, mas incorporou também, por outro lado, uma postura tradicional de desconfiança em relação ao uso da retórica, que seria comum a muitos dos humanistas posteriores, tal como Salutati, por sua aderência a um cristianismo mais interiorizado e contemplativo incompatível com o envolvimento na vida mundana. Conquanto ele fosse um dos pioneiros no resgate dos valores da Antiguidade, estava longe de existir em Petrarca uma aderência total aos postulados ciceronianos tal como haveria em Valla, por mais que ele considerasse fundamental para o programa pedagógico do humanismo o estudo dos antigos. Assim, se Petrarca valorizava o discurso

³⁴Expedito Passos Lima, afirma que: “Em razão de sua dimensão enciclopédica, a Retórica abarca o todo da experiência humana na sua expressão mais ampla: histórica, moral, ética, política, jurídica, religiosa, pedagógica, psicológica, argumentativa” (Cf. LIMA, José Expedito Passos. **A Estética entre Saberes Antigos e Modernos na Nuova Scienza de Giambattista Vico**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2010, p. 129)

³⁵MOONEY, Michael. *Vico e la tradizione della retorica*. Milano: Il Mulino, 1952, p. 69: “*a differenza di quelli dei loro predecessori medievali, i loro scritti erano informati, sia nello spirito che nella sostanza, da un nuovo interesse ed una nuova competenza: l'erudizione classica greca e latina. Questo connubio delle arti del linguaggio con la letteratura classica e la filologia giunse rapidamente alla sua formalizzazione in un ciclo di studi, conosciuto come studia humanitatis: uno schema che consolidò le ‘umanità’ quali noi le conosciamo e diede ai suoi maestri un nuovo nome – ‘umanisti’*”.

eloqüente, não era tanto por sua forma e beleza, mas por sua importância moral³⁶.

Mais do que uma relação com um belo discurso ou com o consenso da multidão, Petrarca defendia, portanto, uma relação entre a Retórica e a moralidade, isso pode ser explicado por sua proximidade com Santo Agostinho [354d.C.-430d.C] e, conseqüentemente, por sua crítica ao paganismo³⁷. Por isso Petrarca considerava a relação entre Filosofia e Retórica, proposta por Cícero, de tal maneira que a segunda deveria se apresentar subordinada à primeira, estando a Filosofia, no seu entender, muito mais próxima da contemplação cristã.

O exemplo de Petrarca é importante para nossa análise porque seu pensamento encarna certas ambigüidades em relação à retomada da retórica no contexto humanista relacionado aos valores cristãos mais ligados à interioridade e à transcendência. Tais ambigüidades reeditavam de forma nova no início dos tempos modernos o velho conflito do mundo antigo entre os valores filosóficos da contemplação e da vida ativa, ligado agora às questões especificamente cristãs³⁸.

Faz-se, portanto, necessário saber que a reflexão sobre a vida civil está diretamente associada à reflexão sobre o modelo pedagógico da época em questão. Portanto, não se torna possível pensar o Humanismo Civil sem se reportar ao modelo dos *studia humanitatis*. Como diz Kristeller em sua obra sobre o movimento Humanístico:

Na primeira metade do século XV, os *studia humanitatis* começaram a constituir um ciclo bem definido de disciplinas douradas, a saber, gramática, retórica, história, poesia e filosofia moral, e o estudo de cada uma destas matérias comportava regularmente a leitura e a interpretação dos antigos escritores latinos e, em menor medida, gregos, que de cada matéria tinham sido mestres³⁹.

³⁶PINTO, Fabrina Magalhães; RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. **O Discurso Humanista de Erasmo: uma retórica da interioridade**. Tese de Doutorado – Departamento de História. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006, p.91.

³⁷Vale ressaltar que são quase catorze séculos que separam a visão cristã dos postulados antigos. Sendo assim, no contexto em que Cícero estava inserido, prevaleciam a busca pela persuasão, pelo consenso e, conseqüentemente, uma proximidade com a multidão e não o encontro com Deus como ocorre em Petrarca por influência de Santo Agostinho. Sobre isso, Sérgio Xavier Gomes de Araújo comenta: “O humanismo de Petrarca incorporou a força que estes valores ainda tinham em sua época e no interior de sua própria alma como bom cristão. Por isso, como veremos, é marcado pela consciência profunda dos antagonismos que opunham a valorização clássica do homem e do mundo e o anseio transcendente do cristianismo à salvação. A partir dessa consciência, sua reflexão literária e filosófica afirmou sua originalidade em relação às ideias de Cícero. O interesse em promover uma conciliação entre as duas tradições determinou fortemente seu pensamento, de onde emergiram os princípios de uma concepção renovada da fé, propriamente humanista, fundada na valorização e reorientação dos ideais clássicos no sentido do cristianismo” (Cf. ARAUJO, S. X. G. Excelência e glória no mundo antigo e no humanismo religioso de Petrarca. **O Que nos Faz Pensar** (PUCRJ), v. 25, p. 157-175, 2009, p. 165).

³⁸PINTO, Fabrina Magalhães; RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins, 2006, p.93.

³⁹KRISTELLER, Paul, 1995, p.17.

Todavia, pode-se perceber aqui a herança dos *studias humanitatis* na forma de saber proposta por Vico. Diferente de Descartes, que repudiava o estudo dos doutos, Vico defendia a diversidade dos saberes [*sapientia*], pois, para ele, tanto há uma preocupação em fundamentar o saber, tendo assim um modelo teórico, como na vida civil, demonstrando também um modelo prático [*prudencia*]⁴⁰. A influência do humanismo na filosofia viquiana não o impossibilitou de admitir as limitações dessa tradição. Quando Vico é considerado um autor entre antigos e modernos, considera-se o fato de que, apesar de um apelo à tradição, ele também defende a necessidade de valorizar o racionalismo e o modelo de ciência dos modernos, de modo que seria preciso fazer uso daquilo que a tradição oferecia e reformar o racionalismo moderno, a fim de que o estudo do mundo da cultura pudesse ser efetivado⁴¹. A reforma no saber proposta por Vico requer que se considere as vantagens e desvantagens tanto do método de estudo dos antigos, quanto dos modernos. Em suas palavras:

Isto eu tenho que falar sobre as vantagens e desvantagens de nosso método de estudo, em comparação com o antigo, para que o nosso possa ser melhor que o antigo. Se estas meditações forem verdadeiras, tomei todos os frutos de minha vida, durante os quais eu sempre me tenho esforçado para o bem da sociedade, na medida das forças de uma pessoa debilitada, ajudar a sociedade humana, se, no entanto, se demonstrarem falsas, o meu honesto desejo e meu esforço generoso merecem o perdão⁴².

Nesse ínterim, Vico não pode ser compreendido de forma errônea como um adversário da ciência moderna⁴³, pois o fato de adotar o pensamento humanista, que

⁴⁰No capítulo II será aprofundada a relação entre Filologia e Filosofia que serve como pressuposto à compreensão do caráter prático e teórico do pensamento viquiano, uma vez que Vico pretende, por meio dessa relação, conciliar o universal com o particular, a dedução com a indução, a teoria com a prática.

⁴¹Sobre isso, Guido afirma que: “A formação autodidata em filosofia e o gosto pelo humanismo impediram o envolvimento absoluto de Vico com a filosofia cartesiana. Por outro lado, a tradição humanista carecia de objetividade para o estudo do mundo da cultura. Não haveria como alcançar o estudo científico do mundo social mantendo-se fechado no interior dessa tradição, mas, por outro lado, não seria possível o estudo das manifestações objetivas do espírito pela via cartesiana, uma vez que ela despreza justamente aquelas criações que não são produzidas em conformidade com a razão matemática, soma-se a esta dificuldade o fato de que as disciplinas humanistas recorrem mais à memória do que à razão. A posição de Vico foi inovadora, pois valorizou a ciência dos modernos, porém não deixou de apresentar suas críticas à cultura matematizante da sua época” (Cf. GUIDO, 2004, p. 32-33).

⁴²VICO, 2007c, p. 211: “*questo dovevo dirvi circa i vantaggi e gli svantaggi del nostro metodo di studio, paragonato con l'antico affinché il nostro possa essere migliore dell'antico. Se queste meditazioni saranno vere, avrò colto tutto il frutto della mia vita, durante la quale sempre mi sono adoperato per il bene della società secondo le mie poche forze, se poi si dimostreranno false, il mio desiderio e il mio generoso tentativo mi meriteranno il perdono*”.

⁴³Sobre isso, Guido comenta que: “o equívoco de algumas interpretações do pensamento viquiano o faz parecer conservador e adversário da ciência, só pelo fato de Vico ter criticado os físicos cartesianos. No entanto, a sua crítica não é a negação da pertinência e do alcance da ciência, muito pelo contrário, a crítica reside na refutação da presunção dos físicos cartesianos. O que soa como conservadorismo, à primeira vista, é que neste livro (*A*

estabelece a diferença entre ciência humana e ciência divina, não denota uma depreciação do progresso inventivo do homem, tendo em vista que o critério de verdade na sua filosofia [*verum esse ipsum factum*] diz respeito à criação, ao feito. Por isso, o homem pode conhecer tudo aquilo de que é autor, assim como a ciência divina conhece todas as coisas por ser Deus o primeiro agente [*Primus Factor*]⁴⁴. Esse critério já anunciado no *De Ratione*, e formulado no *De Antiquissima*, não diz respeito somente à validação de uma preocupação gnosiológica, mas apresenta certo estatuto metafísico (onto-teológico)⁴⁵.

Desse modo, seja quando formula uma preocupação de cunho pedagógico, seja quando apresenta um critério do conhecimento, Vico revela uma preocupação com a formação humana, com a experiência do homem na história e na vida civil, o que justifica seu apelo à Retórica, uma vez que, mediante o *topos* retórico, ele prepara uma gênese do seu projeto de uma nova ciência, pois, para que se torne possível pensar o mundo civil, é preciso haver uma refutação da primazia do *cogito* e da dúvida que norteia o pensamento cartesiano. Nesse momento da exposição, é preciso destacar como se dá a relação entre a Retórica e vida civil e o modo como tal relação está inserida um ideal de saber enciclopédico.

1.4 Retórica e vida civil na reflexão viquiana sobre o saber

A preocupação viquiana, apresentada em seus escritos, orientava-se na busca de um princípio que unisse a erudição humana e divina, tendo em vista que o fundamento da sua filosofia encontra-se voltado para a problemática do conhecimento do mundo civil. Sendo assim, pode-se afirmar que nas suas *Orações inaugurais* [*Orationes Inaugurales*], em especial no *De Ratione*, a questão da reforma do saber enfrenta a querela entre antigos e modernos. No *De Antiquissima* a questão do conhecimento vem demonstrar a limitação da mente humana, aquilo que é produto do seu fazer [*facere*], assim como do conhecimento infinito e completo que Deus tem de todas as coisas por meio do mesmo critério. Tais

antiquissima sabedoria dos italianos) Vico adotou a atitude humanista de admitir a existência de duas ciências: a ciência divina e ciência humana. Nesta perspectiva, Vico afirmou que a ciência humana imita a ciência divina, isso não redundou na negação da criatividade e do progresso alcançado pela ciência dos modernos, pois o entendimento humano, segundo Vico, tem algo de quase divino” (GUIDO, 2004, p. 34).

⁴⁴Sobre o critério do *verum-factum*, Expedito Passos comenta que: “Vico retoma de forma original algo já presente na tradição escolástica: o princípio da conversão de *verum* e *ens*, em que substitui, ainda de acordo com a tradição cristã, o *ens* pelo *factum* ou pelo *genitum*. Portanto, Deus é o verdadeiro ente e qualquer outro ente é verdadeiro enquanto participa da ideia que tem deles o Criador, onde plenitude do ser, perfeição do conhecimento e potência do fazer são apenas uma coisa. Vico insistiu na reflexão metafísica do *De antiquissima* no último elemento, ou seja, no fazer (*facere*), e o reconduziu de vários modos ao conhecer” (C.f LIMA, 2010, p. 206-207).

⁴⁵No item 2.3 do próximo capítulo, a formulação do critério do *verum-factum* e a sua relevância para a vida civil será abordada, tratando-se aqui apenas da enunciação de tal critério.

questões se apresentam na sua *Vita* como essenciais para a formação do projeto viquiano de uma nova ciência. Considerar, portanto, a importância do saber humano e do saber divino é imprescindível para o estudo das nações, assim como a reforma do saber é para a formação humana. A influência da orientação retórico filosófica confirma o sentido prático da cultura e preocupação viquiana com o coletivo. Nesse sentido, Vico afirma na *VI oração* que:

as três funções mais próprias da sabedoria: amansar com a eloquência a ferocidade dos ignorantes, com a prudência removê-los do seu erro, e com virtude, prestar-lhes um bom serviço; é deste modo que cada qual, com sua parte, ajuda de coração a sociedade humana. (...) Orfeu e Anfion, são os sábios que conjugaram o conhecimento das coisas divinas e a sabedoria das humanas com a eloquência e, com sua força convincente, fizeram os homens passar da solidão à sociedade, isto é, do amor a si mesmos ao cultivo de sua humanidade, da inércia à laboriosidade, da liberdade desenfreada à obediência das leis; e associam, mediante a equidade da razão, os ferozes por suas forças, com os débeis⁴⁶.

Ao passar da solidão à sociedade, pode-se dizer que a questão da vida civil torna-se uma constante. Daí ser preciso se compreender como tal questão foi abordada no decorrer dos séculos que antecederam à Modernidade. Sabe-se que o movimento humanístico situou o homem em uma posição significativa no processo universal e histórico, tendo em vista que, naquele momento, a Igreja não mais exercia um poder absoluto, embora sua autoridade não tivesse sido negada. Houve uma significativa importância nesse período que antecede à Idade Moderna, não só cronologicamente, mas no sentido de início de uma mudança na forma do homem pensar as coisas e a si mesmo. Como diz Jacob Burckhardt:

Na Idade Média, ambas as faces da consciência –aquela voltada para o mundo exterior e a outra, para o interior do próprio homem – jazim, sonhando ou em estado de semivigília, como que envoltas por um véu comum. De fé [...] através do qual se viam o mundo e a história como uma colaboração extraordinária; o homem reconhecia-se a si próprio apenas como raça, povo, partido, corporação, família ou sob qualquer outra das demais formas do coletivo. Na Itália, pela primeira vez, tal véu dispersa-se ao vento; desperta ali uma contemplação a um tratamento *objetivo* do Estado e de todas as coisas do mundo. Paralelamente a isso, no entanto, erque-se também, na plenitude de seus poderes, o *subjetivo*: o homem torna-se um

⁴⁶VICO, Giambattista. *Oración VI* [1707]. Trad. Esp. Anthropos Editorial, Rubi (Barcelona), 2002a, p. 63- 64: “*las tres funciones más propias de la sabiduría: amansar con la elocuencia la ferocidad de los necios, con la prudencia sacarlos de su error, y con la virtud prestarles un buen servicio; y de este modo que cada cual, por su parte, ayude de corazón a la sociedad humana. [...] Orfeo y Anfión son los sabios que conjugaron el conocimiento de las cosas divinas y la sabiduría de las humanas con la elocuencia y, con su fuerza convincente, hicieron a los hombres pasar de la soledad a la sociedad, esto es, del amor a sí mismos al cultivo de su humanidad, de la inercia a la laboriosidad, de la libertad desenfrena a la obediencia a las leyes; e asocian, mediante la equidad de la razón, a los feroces por sus fuerzas con los débiles*”.

individuo espiritual e se reconhece como tal⁴⁷.

É notável, sobretudo, que essa liberdade de agir fez do homem um ser capaz de pensar por si, mas isso não poderia ser um pressuposto para excluir a vida em sociedade. Ademais, essa “nova tendência”, que apresenta o homem como centro de tudo, foi o primeiro passo para o *cogito* de Descartes: de um “eu pensante e puro” que mergulha em uma subjetividade que ignora, por sua vez, a corrupta natureza do homem [*corruptae naturae humanae*] desde o pecado original⁴⁸ e a importância da vida civil. Por isso deve-se atentar ao modo como os estudos se dividem, para se evitar que a eloquência seja esquecida por aqueles que favorecem uma via unilateral do saber, ou seja, ao estudo como puro exercício da mente, “pois, com o decorrer dos anos e a prática da matemática, a mente humana vai se liberando progressivamente dos vínculos do corpo, e se conduz de modo mais sistemático”⁴⁹.

A dimensão enciclopédica da orientação do saber, proposta por Vico, obedece, portanto, a certa coerência nos estudos, de modo que haja o estudo das línguas, grego e latim, da Matemática e da Física, visando remediar a natureza humana corrompida, por meio da natureza corrigida [*emendatae*] que contém em si: “a eloquência, a ciência e a virtude: que são como três pontos em torno dos quais gira o ciclo completo das artes e das ciências”⁵⁰. Desse modo, enquanto há, por um lado, certa semelhança com o modelo dos *studia humanitatis*, por outro, há certa distinção. Enquanto Vico propõe que haja um ciclo de saberes, nesse ciclo não exclui campos como a Matemática, a Medicina, o Direito, etc. Já os *studia humanitatis* excluem tanto a Matemática, a Medicina, o Direito, e outros como a Metafísica, a Teologia e a Astronomia.

Não obstante o estudo das línguas grega e latina, da história, da poesia, da retórica, encontram-se presentes, tanto nos *studia humanitatis* quanto no pensamento viquiano. Na IV oração, Vico ressalta a importância do ensino das línguas desde a infância, com destaque para as línguas grega e latina, no intuito de contribuir para o conhecimento da sociedade humana.

Nenhuma idade, em consequência, é mais apta para aprender línguas que a infância. Mas, neste ponto, alguns podem perguntar: a que línguas,

⁴⁷BURCKHARDT, J. Ch. **A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio** [1860]. Trad. br. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 145.

⁴⁸Para Vico a corrupta natureza do homem ocorre em razão do pecado original, e com essa corrupta natureza: “percebemos com toda claridade que esta, não só nos adverte que estudos devemos cultivar, senão também seu caminho e seu método” [*percibiremos con toda claridad que ésta no sólo nos adviert qué estudios debemos cultivar, sino incluso su camino y su método*] (Cf. VICO, 2002a, p. 61).

⁴⁹*Ibidem*, p. 69: “Pues, con el correr de los años y la práctica de la matemática, la mente humana se va liberando progressivamente de los vínculos del cuerpo, y se conduce de modo más sistemáticos”.

⁵⁰*Ibidem*, p. 63: “la elocuencia, la ciencia y la virtud; que son como tres puntos que describe en su giro el orbe entero de las artes y las ciencias”.

preferencialmente, devemos aplicar-nos? Ensina-lhe o próprio conhecimento da nossa corrupta natureza; e, em efeito, entre a penas principais as quais foi condenada, para dispersão da sociedade humana, temos enumerado a barbárie das línguas, sua variedade e incerteza. Por conseguinte, são estes os vícios que devem ser alterados pelo conhecimento de línguas que, na medida do possível, sejam douras, certas e comuns, para que, por sua mediação, segundo nossas forças, compreendamos a sociedade humana. Pois bem, tais línguas são duas: uma, a grega, e a outra, a latina, ambas certas; porém a grega é mais doura e, agora, a latina é mais comum⁵¹.

O *De Ratione* enuncia, com efeito, a problemática do saber como formador de uma prática civil e com isso propõe uma formulação de cunho pedagógico, com o intuito de valorizar os liames civis. A formação do homem não se limita meramente a uma prática intelectual, mas se apresenta como uma prática civil. Daí o embate entre crítica e tópica⁵². Conforme Vico:

Hoje somente a crítica se celebra; a tópica não só não a precede, como também é absolutamente atrasada. E de novo de maneira inconveniente: pois como a descoberta dos argumentos é por natureza prévia ao juízo acerca de sua veracidade, assim, a tópica deve ser doutrina previa à crítica⁵³.

Em seu *Princípios de Oratória*, Vico defende que a formação civil [*institutio civilis*] deve ser considerada como algo prioritário à formação humana. É preciso compreender os costumes e a diversidade das nações para se compreender a natureza humana, além de reconhecer a importância do senso comum [*sensus communis*]. Vico escreve:

Por minha parte, eu relacionaria com a natureza a formação civil. Tão grande é a força daquela que, sendo a natureza dos homens como da cera, pelo qual há tanta diversidade de costumes e instituições entre as nações, cabe duvidar se será outra coisa a natureza humana senão essa mesma

⁵¹VICO, 2002a, p. 67- 68: “Ninguna edade, en consecuencia, es más apta para aprender lenguas que la ninez. Mas, en este punto, alguno de vosotros puede perguntar: ¿a qué lenguas, preferentemente, debemos aplicarnos? Os lo enseña el propio conocimiento de nuestra corrupta naturaleza; y, en efecto, entre las penas principales a las que fue condenada, para dispersión de la sociedad humana, hemos enumerado la barbarie de las lenguas, su variedad e incertidumbre. Por conseguinte, son éstos los vicios que deben ser enmendados por el conocimiento de lenguas que, en la medida de lo posible, sean doctas, ciertas y comunes, para que, por su mediación, según nuestras fuerzas, comprendamos a la sociedad humana. Pues bien, tales lenguas son dos: una, la griega, y la otra, la latina, ambas ciertas; pero la griega es más docta y, ahora, la latina es más común”.

⁵²Sobre isso, Fernando Romo Feito comenta: “Há que recordar aqui que a doutrina da tópica pertence ao coração mesmo da retórica e que sua primeira formulação, a da *Retórica* e os *Tópicos* aristotélicos, chegou a Vico através da *Institutio Oratoria*, de Quintiliano e, sobretudo, através dos *Tópicos* de Cícero” [*Hay que recordar aquí que la doctrina de la tópica pertenece al corazón mismo de la retórica y que su primera formulación, la de la Retórica y los Tópicos aristotélicos, ha llegado a Vico a través de la Institutio oratoria, de Quintiliano, y, sobre todo, a través de los Tópicos de Cicerón*] (Cf. ROMO FEITO, 2005, p. 19).

⁵³VICO, 2007c, p. 107: “Oggi si celebra solo la critica e la topica non solo non precede ma addirittura è lasciata indietro. E ciò a torto, poichè come la scoperta degli argomenti viene per natura prima del giudizio sulla verità, così la topica, come materia d'insegnamento, deve precedere la critica”.

formação. E que não seja nem severa nem rígida: o gelo é prejudicial para as mudas de terras; e que nem entre suavidade e deferências se ensoberbesca; mas, seja ingênua e liberal, de sorte que se dê conta de que tenha errado e goste de ser corrigido. Portanto, aproveita sobretudo o educar-se entre o conjunto de seus iguais, para que aprenda o senso comum (*sensu communis*), norma de toda prudência e eloquência⁵⁴.

Por conseguinte, a sapiência está voltada para a vida civil, assim como para o bem comum. O ideal pedagógico de Vico é apresentado com base nesses elementos que ele considera primordiais à formação humana. Para Bordogna:

Uma vez que é explicado que o propósito o qual deve comprometer o sapiente é o "*commune civium bonum*", pode-se dizer, sem medo de ir contra a palavra de Vico, que o fim último da sapiência e a tarefa mais sublime do homem é de encontrar um nexo capaz de unir todo o conhecimento e todas as disciplinas, em vista do bem comum de todos os cidadãos⁵⁵.

O modelo algébrico, para Vico, traz, portanto, prejuízos ao *ingenium*, à memória, à fantasia e à imaginação, disposições indispensáveis, no entender de Vico, ao saber e à vida prática. Desse modo, é preciso um procedimento em que o conhecer deve preceder o julgar. Daí Vico escrever:

E assim com a álgebra se aflinge o engenho, porque não se vê senão só aquilo que tem diante dos pés; aturde a memória, porque uma vez falado o segundo signo não presta atenção ao primeiro; cega a fantasia, porque não imagina absolutamente nada; destrói o entendimento, porque pratica a adivinhação⁵⁶.

Vico, portanto, serve-se da Retórica para combater essa orientação unilateral do saber, e encontra, no modelo retórico, a inspiração para refletir sobre um ideal cívico, uma formação prática do homem e um modelo enciclopédico de saber, aspectos estes que

⁵⁴VICO, 2005, p. 120: "Por mi parte, yo relacionaría con la naturaleza la formación civil. Tan grande es la fuerza de aquella que, siendo la naturaleza de los hombres como de cera, por lo cual hay tal diversidad de costumbres e instituciones entre las naciones, cabe dudar si será otra cosa la naturaleza humana sino la misma formación. Y que no sea ni severa ni rígida: el hielo es dañino para las tiernas plantitas; y que ni entre blandura y deferencias se ensoberbesca: antes bien, sea ingenua y liberal, de suerte que se dé cuenta de que ha errado y guste de ser corregida. Por ello aprovecha sobre todo el educarse entre el conjunto de sus iguales, para que aprenda sentido común [*sensus communis*], norma de toda prudencia y elocuencia".

⁵⁵BORDOGNA, 2007, p. 38: "Una volta che si è spiegato che lo scopo a cui deve minare il sapiente è il "*commune civium bonum*", si può dire, senza temere di essere smentiti dalle parole di Vico, che il fine ultimo della sapienza ed il compito più sublime dell'uomo è quello di trovare un nesso capace di legare insieme tutte le conoscenze e tutte le discipline, in vista del bene comune di tutti i concittadini".

⁵⁶VICO, 2007a, p. 17: "E si con l'algebra si affligge l'ingegno, perchè non vede se non quel solo che li sta innanzi i piede; sbalordisce la memoria, perchè, ritruovato il secondo segno, non bada più al primo; abbacina la fantasia, perchè non immagina affatto nulla; distrugge l'intendimento, perchè professa d'indovinare".

fundamentam a continuidade da exposição.

2 O *DE RATIONE* E A REFLEXÃO SOBRE A CARÊNCIA DAS CIÊNCIAS MORAIS

Nesse momento, faz-se necessário examinar o ciclo de saberes, a reflexão em torno da disposição dos estudos e de que forma o ser humano deve se instruir para uma melhor vida civil. Desse modo deve-se atentar também para o sentido dado por Vico à concepção do saber. É preciso ressaltar que, para Vico, o saber participa de uma via teórica, mas também tem seu caráter prático, articulando *sapientia* e *prudencia*. Daí a importância do conhecimento da totalidade da enciclopédia dos saberes, ou seja, *da sapientia*. Contudo, a Vico não satisfazia aquela ordem de estudos que direciona o saber em especificidades, ou seja, era preciso obter conhecimento da totalidade do ciclo de saberes, e não um conhecimento específico de um elemento do ciclo, em virtude do teor prático que o conhecimento da totalidade proporciona. Dessa forma sua crítica ao modelo cartesiano se direciona, quer à ordem de estudos da Modernidade e à maneira como a tendência moderna prepara os jovens, quer ao descaso com os estudos como a Filologia, que tratam dos costumes humanos.

2.1 A nova crítica e a dimensão da vida prática

A querela entre antigos e modernos, exposta no *De Ratione*, revela a preocupação viquiana com a dimensão da vida prática. Por isso Vico inicia tal obra apresentando a sua finalidade.

Nesta dissertação se comparam, não ciências, mas os métodos de estudos, o nosso com aquele dos antigos. – De que coisas se compõe todo método de estudos. – Ordem da dissertação. – Novos instrumentos das ciências. – Novos subsídios dos estudos. – Que fim têm hoje os estudos⁵⁷.

Vico, no entanto, utiliza-se dos instrumentos das ciências para encontrar as vantagens do método de estudos de seu tempo, assim como enumera as desvantagens dessa nova crítica, no que se refere ao conhecimento racional como pressuposto para se compreender todas as coisas, ocasionando assim inconvenientes à moral e à vida civil. O *De Ratione* apresenta a reflexão viquiana sobre a reforma do saber, com a preocupação de que a crítica não apresenta o verdadeiro como objetivo exclusivo nos estudos, mas que, por meio da

⁵⁷VICO, 2007c, p. 89: “*In questa dissertazione si pongono a raffronto non le scienze, ma i metodi degli studi, i nostri con quelli degli antichi- Di quali cose si componga ogni método di studi- Ordine dela dissertazione- Nuovi strumenti delle scienze- Nuovi sussidi degli studi- Quale fine hanno oggi gli studi*”.

tópica, o verossímil seja também valorizado.

Nem só a tópica nem só a crítica, portanto, que a <<ratio disserendi>> da tópica frequentemente assume o falso, e aquela da crítica não se desmorone também do verossímil. Por respeito da gradualidade da natureza humana elas vão pelo contrário para Vico afirmar-se ambas, afim de que os jovens com o senso comum progredissem na prudência civil e na eloquência, com a fantasia e a memória se fortalecessem nas artes a estas correspondentes, e com a crítica, apreendida por última, julgassem autonomamente sobre quanto tem aprendido⁵⁸.

Por isso, como já foi dito, Vico propõe que aos jovens seja ensinada primeiramente a tópica, a fim de que eles possam utilizar-se do senso comum, da prudência e eloquência, sem desprezar a fantasia, a memória e, considerando também a arte. Desse modo, para Vico, “resultariam assim exatos na ciência, vigilante na conduta prática de vida, rico de eloquência, imaginativos na poesia e na pintura, fervorosos na memória pela jurisprudência”⁵⁹.

No *De Ratione*, Vico reconhece haver três elementos comuns a todas as ordens de estudos: “todo método de estudo, de fato, parece ser construído por três coisas exclusivamente: instrumentos, meios auxiliares e fim”⁶⁰. Trata-se, portanto, da caracterização comum a ambos os métodos, a saber, o dos antigos e o dos modernos. A diferenciação de ambos será, no entanto, dada na forma como os elementos acima indicados estão dispostos cada um. Para Vico, os dois métodos apresentam desvantagens, a tópica porque pode cair na falsidade, a crítica porque não aceita a verossimilhança.

A fantasia, por sua vez, faz-se mais presente nos jovens, devendo ser estimulada, pois, para Vico, “nada é mais contrário à razão que a fantasia”⁶¹. No entanto, “a fantasia deve ser atenuada, para que, por sua própria mediação, a razão tenha forças”⁶². A memória, a fantasia e a imaginação devem persistir desde a infância, cuja fase se caracteriza pela presença desses aspectos. Vico, no entanto, critica aqueles que não consideram adequadamente as fases de formação do homem. Para ele:

⁵⁸MODICA, Giuseppe. *La filosofia del "senso comune" in Giambattista Vico*. Ed: Caltanissetta: S. Sciascia, 1983, p. 41: “Né solo la topica né solo la critica dunque, ché la <<ratio disserendi>> della topica spesso assume il falso, e quella della critica non s'avvale anche del verisimile. Per il rispetto della gradualità della natura umana esse vanno invece per Vico assunte entrambe, affinché i giovani con il senso comune progrediscono nella prudenza civile e nell'eloquenza, con la fantasia e la memoria s'irrobustiscano nelle arti a queste corrispondenti, e con la critica, appresa per ultima, giudichino autonomamente su quanto hanno imparato”.

⁵⁹VICO, 2007c, p. 111: “riuscirebbero esatti nelle scienze, vigili nella condotta pratica della vita, ricchi di eloquenza, immaginativi nella poesia e nella pittura, fervidi di memoria per la giurisprudenza”.

⁶⁰Ibidem, p. 95: “Il metodo degli studi infatti appare contenuto in tre cose: strumenti, sussidi, e fine”.

⁶¹VICO, 2002a, p. 68: “nada és más contrario a la razón que la fantasia”.

⁶²Ibidem: “La fantasia debe ser atenuada, para que, por su propia mediación, la razón cobre fuerzas”.

no fim, os nossos críticos localizam a sua verdade primeira como anterior, externa e superior a todas as imagens corpóreas. Mas a antecipam sobre adolescentes ainda verdes e imaturos. Pois mais forte que a velhice é a juventude em razão da fantasia: e não é adequado, sem dúvida, que as crianças sejam cegas, que é sempre considerada como feliz manifestação de sua natureza futura. E a memória, que, se não é o mesmo, é certamente quase o mesmo que a fantasia, é preciso que se cultive encarecidamente nas crianças⁶³.

Vico expõe ainda no *De Ratione* que as desvantagens do método geométrico encontram-se também no âmbito da Medicina, pois, o modo como os antigos lidavam com as enfermidades era mais seguro. Para ele, os antigos estavam corretos no que diz respeito a conservar a saúde: caminho mais fácil e viável do que a recuperação da mesma depois da perda. Para os antigos valia, portanto, evitar as enfermidades e atentar aos anúncios que as antecipam. Não obstante, Vico avalia que o método dedutivo dificilmente poderia explicar alguns aspectos da Medicina, pois, ao ser empregado para se evitar ou curar as doenças, partiria de uma universalidade e, conseqüentemente, desconsideraria os casos particulares de indivíduos diferentes e de enfermidades que a todo o momento surgem ou se transformam. Como ele escreve:

As enfermidades são sempre novas e diferentes como diferentes são os enfermos. Pois nem eu agora sou o mesmo que eu fui recentemente enquanto falava dos enfermos, uma vez que já se passaram inúmeros momentos da minha vida e têm ocorrido inúmeros movimentos que venho lançado no último dia⁶⁴.

Contudo, vale destacar que o *De Ratione* não se limita a uma mera comparação entre as ciências e as artes⁶⁵ dos métodos dos antigos e dos modernos, de modo a depreciar algum deles. O propósito de Vico consiste, todavia, em abordar sobre a ordem de estudos do seu tempo, e de que maneira a nova orientação dos estudos apresenta desvantagens quando se considera aquela antiga, examinando em que aspectos uma ultrapassa a outra. Ao se defender aqui de não haver uma depreciação por parte de Vico em relação aos antigos ou aos modernos,

⁶³VICO, 2007c, p. 105-107: “*Infine i nostri critici pongono il primo vero come anteriore, estraneo e superiore ad ogni immagine corporea. Ma lo insegnano troppo prematuramente ai giovani, anzi, quando essi sono ancora acerbi. Infatti, come nella vecchiaia prevale la ragione, nella gioventù prevale la fantasia; e non conviene affatto accerarla, poichè sempre è considerata come felice indizio dell' indole futura. E la memoria, la quale se non è tutt' uno con la fantasia, certo è press'a poco la stessacosa, poichè fanciulli in nessun' altra facoltà della mente primeggiano, dev' essere rigorosamente coltivata*”.

⁶⁴*Ibidem*, p. 129: “*le malattie sono sempre nuove, diverse secondo gli ammalati e neppure io sono lo stesso di un minuto fa, quando parlavo degli infermi; al contraio, da allora a ora, innumerevoli istanti della mia vita sono trascorsi, innumerevoli movimenti si sono compiuti verso il giorno supremo*”.

⁶⁵A arte aqui tem o sentido de técnica (*thechné*).

sustenta-se que, quando ele define uma ou outra orientação superior em determinados aspectos, os seus argumentos têm como preocupação instruir o homem na vida civil. Isso ocorre porque

Vico também é herdeiro de uma tradição e não pode senão formular o papel nuclear da matemática no conhecimento humano, rejeitando a aplicação cartesiana do método geométrico à física, assim como a postura cartesiana de busca de um saber que não precise contar com a memória, nem com a autoridade, nem com a experiência⁶⁶.

Todavia, o *De Ratione* não visa à formação de uma hierarquia quanto aos saberes antigos e modernos, tanto um quanto outro possuem aspectos, identificados por Vico, como positivos ou negativos, em especial, no que concerne à formação do indivíduo para a vida civil. O fato de se reportar muito mais aos antigos, como melhor forma de instrução, é decorrente do gênero tópico-retórico estar muito mais voltado para as preocupações humanas e civis, ao passo que o método analítico-crítico, aquele de Descartes, utiliza o procedimento dedutivo, o que, para Vico, é inviável quando se trata da compreensão e conservação da vida civil. Sobre isso, Peter Burke diz que o *De Ratione*

[...] tem início com uma referência ao *Advancement of Learning*, e passeia pelas artes e ciências da mesma ambiciosa maneira que Bacon usara em seu texto. Trata essencialmente da questão de os feitos intelectuais dos antigos terem sido maiores do que o dos modernos ou vice-versa. Vico não pende pra nenhum lado; prefere fazer distinções. Louva as conquistas do "novo método crítico" (em outras palavras, o método geométrico de Descartes e seus seguidores), especialmente na matemática. Contudo, apesar de sua pretensão de ser "comum a todas as ciências e artes", Vico rejeita a aplicabilidade desse método ao campo da sabedoria prática, à ética, à política e ao direito. Neste campo, concluía Vico, o método dos antigos permanece superior, e critica os cartesianos por distrair a atenção do mundo do homem. Em outras palavras, Vico não se convertera ao empirismo baconiano, mas o encontro com o pensamento de Bacon libertou-o de Descartes e tornou-o crítico ao método crítico. Onde Descartes dera ênfase à necessidade de "idéias claras e distintas", Vico afirmava que o conhecimento aparentemente claro e distinto é um vício, não uma virtude do entendimento humano⁶⁷.

Não obstante, vale destacar que na sua *Vita*, Vico afirma ter estudado a geometria euclidiana com a finalidade de servir como auxílio na compreensão de Platão e Aristóteles,

⁶⁶LÓPEZ, Gemma Muñoz-Alonso. *La crítica de Vico a Descartes*. In: *Cuadernos sobre Vico* 2, 1999, p. 53: "Pues bien, Vico también es heredero de una tradición y no puede sino formular el papel nuclear de la matemática en el conocimiento humano, si bien rechaza la aplicación cartesiana del método geométrico a la física, así como la postura cartesiana de búsqueda de un saber que no necesite contar con la memoria, ni con la autoridad, ni con la experiencia; en una palabra, el rechazo del saber que busca su apoyo en la acumulación de conocimientos que nos ha legado la historia".

⁶⁷BURKE, 1997, p.34.

uma vez que ambos os autores utilizaram fundamentos matemáticos em suas obras. Ademais, para Vico, há certa dificuldade para aqueles que possuem as mentes exercitadas na universalidade do estudo metafísico, compreenderem os raciocínios da geometria e, por isso, em concordância com Aristóteles, ele afirma que a Geometria, assim como a História e o estudo das Línguas, são disciplinas mais convenientes às crianças, uma vez que exercitam a memória, o engenho e a fantasia. Dai ele afirmar que

O próprio Aristóteles, ainda que do método utilizado pela geometria extraiu a arte silogística, também convém nele, quando afirma que às crianças devem ser ensinadas as línguas, a história e a geometria como matérias mais apropriadas para exercitar a memória, a fantasia e o engenho⁶⁸.

No entanto, em vez de um conhecimento enciclopédico, os jovens são levados ao conhecimento unilateral, ocasionando a dificuldade de uma boa formação dos mesmos, uma vez que “os jovens, são transportados antes do tempo à crítica⁶⁹”. Nesse sentido, tendo em vista a reflexão sobre o saber e o embate entre antigos e modernos, Vico defende que o conhecimento não seja visto por uma via unilateral como ocorreu com o modelo cartesiano. Ele também rechaça a possibilidade da mente humana conhecer tudo, mas afirma a importância de se conhecer bem antes de se julgar, assim como dar a devida importância ao senso comum. Ao se deleitar somente com a crítica, surge a dificuldade de uma boa formação dos jovens. Em suas palavras:

[...] com relação aos instrumentos da ciência, hoje nós começamos os estudos pela crítica: a qual faz desaparecer a sua verdade primeira, não só de todo o falso, mas inclusive a suspeita de falso, prevê que se expulsa da mente as segundas verdades e o verossímil como se fossem falsos. E isto, sem dúvida, de forma inconveniente: pois os adolescentes devem estar em conformidade quanto antes com o senso comum, para que, no percurso de sua vida, reafirmados pelos anos, não se precipitem para o extraordinário e o incomum. Pois, como a ciência tem sua origem na verdade e o erro no falso, assim do verossímil se engendra o senso comum⁷⁰.

Desse modo, no *De Ratione*, Vico enuncia algo que irá aprofundar no *De*

⁶⁸VICO, 2007a, p.16: “Ed Aristotile medesimo, quantunque, esso dal metodo usato dalla geometria avesse astratto l' arte sillogistica, pur vi conviene ove afferma che a' fanciulli debbano insegnarsi le lingue, l' istorie e la geometria, come materia più propie da esercitarvi la memoria, la fantasia e l' ingegno”.

⁶⁹Ibidem, p. 17: “i giovinette, trasportati innanzi tempo alla critica”.

⁷⁰VICO, 2007c, p. 105: “[...] circagli strumenti delle scienze, noi iniziamo tutti gli studi dalla critica, la quale, per liberare la verità genuina non solo da ogni errore, ma anche da ciò che può suscitare il minimo sospetto di errore, prescrive che siano allontanati dalla mente tutti i secondi veri, ossia i verisimili, al modo stesso che si allontana la falsità. Tuttavia è sbagliato: infatti la prima cosa che va formata negli adolescenti è il senso comune, affinché, giunti con la maturità al tempo dell' azione pratica, non prorompano in azioni strane e inconsuete. Il senso comune si genera dal verosimile come la scienza si genera dal vero e l' errore dal falso”.

Antiquissima italorum sapientia e permanecerá em sua *Scienza Nuova*: o princípio do *verum factum*, ou seja, de que o verdadeiro é o feito. Trata-se da concepção de que só é possível ao homem o conhecimento daquilo de que é autor, daquilo por ele produzido. Daí se compreender o porquê do método geométrico representar, para Vico, um conhecimento válido, tendo em vista que o mesmo é feito pela mente humana. Todavia, torna-se possível um conhecimento *per causas*, à medida que o homem pode conhecer e reconhecer as causas daquilo que ele mesmo produz. A esse respeito, Vico assevera:

Ao contrário de Descartes, o critério da ciência não é posto na evidência do objeto que vem da idéia clara e distinta, mas naquela evidência que vem conferida ao objeto mediante a posse plena do processo construtivo, de modo que ninguém conhece um ente melhor do que aquele que o tenha feito⁷¹.

Nesse ínterim, Vico se nega a submeter o conhecimento da história, da vida prática e da Filologia à orientação unilateral exposta pelo cartesianismo. Isso explica o descaso dos filósofos cartesianos com as ciências morais em virtude da dificuldade de estabelecer um princípio universal e lógico no âmbito do “verossímil”, obscuro e inconstante, fazendo com que essa orientação filosófica se apresente insuficiente quando se trata de fundamentar uma moral.

2.2 A insuficiência de uma moral em Descartes, Malebranche e Pascal

Em sua *Vita*, Vico critica a metafísica de Descartes por não ser suficiente para se pensar uma moral. A metafísica cartesiana é baseada em uma física e, por necessidade, admite somente um gênero de substância atuante, semelhante a Epicuro, que por causalidade também admite um gênero de substância operante. Nesse sentido, Vico diz que

A filosofia de Renato carece por completo de um sistema, já que sua física o dirigia a uma metafísica que estabelece um só gênero de substância corpórea atuante, como se tem dito, por necessidade, igual a de Epicuro o dirigia um só gênero de substância operante por causalidade, pois nisto perfeitamente convém Renato com Epicuro: que todas as infinitas e variadas formas dos corpos são modificações da substância corpórea que, em definitivo, não é

⁷¹SABETTA, Antonio. *Giambattista Vico, Metafisica e Storia*. Ed: Studium, Roma. 2011, p. 21: “*Diversamente da Cartesio, il criterio della scienza non è posto nell' evidenza dell' oggetto che proviene dall' idea chiara e distinta., ma in quella evidenza che viene conferida all' oggetto mediante il pieno possesso del processo costruttivo, per cui nessuno conosce un ente meglio di colui che l' ha fatto*”.

nada⁷².

O argumento viquiano prossegue com o intuito de identificar a insuficiência de uma moral em Descartes, assim como em Malebranche e Pascal. Tais autores não abordaram suficientemente a problemática da moral. A respeito disso, Vico inicia falando de Descartes que

nem sequer sua metafísica deu como fruto, em absoluto, uma moral que se acomodara à religião cristã, pois, não somente não a compõem as poucas coisas que de forma dispersa tem escrito sobre ela, inclusive o tratado das *Paixões* serve mais à medicina que à moral. Tampouco o padre Malebranche foi capaz de construir com elas um sistema de moral cristã, e os Pensamentos de Pascal apenas são umas poucas luzes dispersas⁷³.

É incorreto, portanto, afirmar que a moral provisória, apresentada por Descartes, representa uma preocupação com as ciências morais. Vale ressaltar que a moral provisória foi proposta para que ele não permanecesse irresoluto. Tal moral reforça, no entanto, o subjetivismo e o individualismo da filosofia cartesiana. Trata-se, assim, de algo puramente racional e despreocupado com qualquer vínculo comunitário. A moral provisória cartesiana nada mais é do que um aperfeiçoamento individual e não tenciona formular regras de condutas sociais. Portanto, para Vico, essa moral cartesiana:

De tal modo, parece delinear-se, por um lado, o rigor cartesiano – como igualmente jansenístico – com o conseqüente maniqueísmo e absolutismo teórico, da qual deriva também uma consideração da moral em sentido individualista⁷⁴.

Por conseguinte, o projeto cartesiano apresenta algumas dificuldades quanto à moral, uma vez que fornece respostas claras e distintas aos problemas relativos à vida civil, mostrando-se, de fato, como algo complicado. De todo modo, Descartes não poderia negar seu próprio critério de verdade. À medida que buscava formular uma ciência clara do mundo

⁷²VICO, 2007a, p. 22: “*Ma, nell' unità delle sue parti, di nulla costa in un sistema la filosofia di Renato, perché alla sua fisica converrebbe una metafisica che stabilisse un solo genere di sostanza corporea, operante, come si è detto, per necessità, come a quella di Epicuro un sol genere di sostanza corporea, operante a caso; siccome in ciò bem conviene Renato con Epicuro, che tutte le infinite varie forme de' corpi sono modificazioni della sostanza corporea, che in sostanza son nulla*”.

⁷³VICO, 2007a, p. 22: “*Né la sua metafisica fruttò punto alcuna morale comoda alla cristiana religione, perché, non solo non la compongono le poche cose che egli sparsamente ne há scritto, e 'l trattato delle Passioni più serve alla medicina che alla morale; ma neanche il padre Malebranche vi seppe lavorare sopra un sistema di moral cristiana, ed i Pensieri del Pascale sono pur lumi sparsi*”.

⁷⁴PATELLA, 1997, p. 104: “*De tal modo parece delinear-se, por un lado, el rigorismo cartesiano -como igualmente jansenístico- con el consiguiente maniqueísmo y absolutismo teórico, del que deriva también una consideración de la moral en sentido individualista*”.

e do homem, e formular ideias universais baseadas na razão, Descartes se viu diante de um conhecimento não universalizado. Daí ele afirmar:

[...] busquei ser o mais firme e o mais resolutivo possível em minhas ações, e em não seguir menos constantemente do que se fossem muito seguras as opiniões mais duvidosas, sempre que eu tivesse me decidido a tanto. Imitando a isso os viajantes que, vendo-se extraviados nalguma floresta, não devem errar volteando, ora para um lado ora para outro, nem menos ainda deter-se num sítio, mas caminhar sempre o mais reto possível para um mesmo lado, e não mudá-lo por fracas razões.⁷⁵

Vico, por sua vez, no *De Antiquissima italarum sapientia*, de 1710, afirma a deficiência da moral cartesiana, assim como o erro em transportar o método geométrico para o universo das coisas humanas e suas singularidades. Nesse sentido, ele sustenta que

a verdade é que se alguém introduz o método geométrico na vida prática – não faz outra coisa que empenhar-se em ser racionalmente louco- [Terenzio, *Eunucchus*, vv. 62-63] obstinando-se em marchar em uma linha reta através das dificuldades da vida, como se na vida humana não reinasse o capricho, a temeridade, a ocasião, o acaso⁷⁶.

Descartes formula uma moral provisória, mas quando se fala em moral cartesiana, deve-se pensar como ele considera o homem, aquilo que se sabe, porém, é que

no plano das ideias claras e distintas, Descartes separa claramente as duas substâncias, alma e corpo: a essência da alma é pensar; a do corpo é ser um objeto no espaço. E, no entanto, o pensamento está preso a esse fragmento da extensão⁷⁷.

A moral está diretamente influenciada por essa divisão e relação da alma e do corpo, assim como sofre ante a validade suprema do *cogito* e do critério de verdade, apresentado por Descartes. Como valorizar uma moral se o homem não é reconhecido na sua obscuridade, incertezas e paixões, sem que seja preciso tornar o homem mais um objeto da teia de objetos do mecanicismo cartesiano? Desse modo a moral cartesiana possui aspectos distintos, pois,

⁷⁵DESCARTES, 1973, p.42.

⁷⁶VICO, Giambattista. *Oraciones Inaugurales. La antiquíssima sabiduría de los italianos [1710]*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2002b, p.182: “Y, en verdad, si importas el método geométrico e la vida cotidiana, no haces más que empeñarte en volverte loco con toda la razón. Y proseguir en línea recta por los records de la vida, como si en los asuntos humanos no reinasen el capricho, la temeridad, la ocasión y la fortuna”.

⁷⁷VERGEZ, André e HUISMAN, Denis. *História dos filósofos*. Trad. fr: Lélia de Almeida Gonzales. 7ª Ed. Rio de Janeiro. Freitas Bastos, 1988, p. 145.

se considerarmos o homem enquanto espírito unido a um corpo, somos obrigados a levar em conta as paixões, isto é, a afetividade em sentido amplo. Paixão é, para Descartes, tudo o que devemos antes dominá-las do que desenvolvê-las. Isso porque ele se coloca do ponto de vista da felicidade. O bom funcionamento do corpo, as ligações harmoniosas entre os espíritos animais e os pensamentos humanos são altamente desejáveis. A moral surge, então, como uma técnica de felicidade [...]. A moral surge aqui como uma aplicação direta do mecanicismo cartesiano⁷⁸.

Pode-se compreender, no entanto, que o cartesianismo apresenta uma filosofia fundamentada em um indivíduo isolado, até mesmo quando expõe certo tipo de moral. Para Vico, a filosofia cartesiana carece de uma filosofia moral à medida que carece das ciências morais,

pois, importar o método geométrico ao discurso civil é tanto como eliminar das coisas humanas o desejo, a temeridade, a oportunidade, a fortuna, não admitir nenhuma agudeza no discurso e não fazer ver mais que o que se tem posto ante os pés⁷⁹.

Por sua vez, Malebranche tem uma importância significativa na formação de Vico, tanto no que se refere ao seu aparente platonismo de pensar Deus como moderador das paixões e mediante isso formador das virtudes humanas, quanto no que se refere à reflexão sobre o Epicurismo e o Estoicismo. Para Costa:

Malebranche certamente contribuiu não só para encorajar Vico para refletir sobre o lado negativo do epicurismo e estoicismo, mas também levou a ver nessas correntes filosóficas o aspecto positivo, destinado a tomar forma em sua reconstrução da mentalidade primitiva⁸⁰.

Nesse sentido, pode-se dizer que Malebranche muito contribuiu para que Vico superasse a sua inicial formação escolástica, pois "no que diz respeito ao sentido, Vico havia partido da Escolástica, mediante a qual havia se iniciado na filosofia. Logo a havia superado, graças à mediação de Malebranche"⁸¹. Ele foi inspirador para Vico, considerando a reflexão sobre a teoria escolástica das sensações, pois

⁷⁸VERGEZ, André e HUISMAN, Denis, 1988, p. 145.

⁷⁹VICO, 2005, p. 121-122: "*Pues importar el método geométrico al discurso civil es tanto como eliminar de las cosas humanas el deseo, la temeridad, la oportunidad, la fortuna, no admitir ninguna agudeza en el discurso y no hacer ver más que lo que se tiene puesto ante los pies*".

⁸⁰COSTA, Gustavo. *Malebranche y Vico*. In: **Cuadernos sobre Vico** 9/10, 1998, p.80: "*Malebranche contribuyó ciertamente no sólo a impulsar a Vico a reflexionar sobre el lado negativo del Epicureismo y del Estoicismo, sino también a inducirlo a ver en esas corrientes filosóficas el aspecto positivo, destinado a concretarse en su reconstrucción de la mentalidad primitiva*".

⁸¹*Ibidem*, p. 81: "*En lo que se refiere al sentido, Vico había partido de la Escolástica, mediante la cual se había iniciado en la filosofía. Luego la había superado gracias a la mediación de Malebranche*".

Vico havia feito ecoar no *De Italorum sapientia*[...], onde elogiou a teoria escolástica da sensação apenas ao criticar a falha fundamental dela, iluminado por Malebranche: que os escolásticos devem ser elogiados, porque consideram o sentido, a fantasia, a memória e intelecto como faculdades da alma, mas devem ser repreendidos porque eles sustentam que as cores, os sabores, os sons e as sensações tácteis estão nas coisas⁸².

Contudo, no pensamento de Malebranche, percebe-se que Deus age diretamente na ação moral, tanto que a ação moral só existe porque Deus é causa de tudo e porque Deus proporcionou o impulso para a felicidade perfeita que, por sua vez, só pode ser encontrada no próprio Deus, uma vez que “para ser feliz é preciso ser perfeito. A virtude ou perfeição do homem consiste na submissão à Ordem imutável, e não seguir a ordem da natureza”⁸³. O sistema de Malebranche tanto tem como base a figura de Deus, como só existe em função do mesmo. Seria, com efeito, difícil pensar uma moral que não fosse exclusivamente voltada à salvação e que não se baseasse na revelação divina. Ocorre que o homem, nesse sentido, passa a ser passivo até em relação ao aspecto civil. Mesmo quando Malebranche considera que há o domínio da fé, mas que há também o domínio da Filosofia, da razão, faz de maneira a afirmar que a razão possibilita compreender as Sagradas Escrituras. A fé, por sua vez, é tida como conhecimento inferior, pois pressupõe a crença em algo que mais adiante aquele que crê efetivamente conhecerá. Nesse sentido, a moral em Malebranche se apresenta de forma a universalizar determinados valores e princípios, sem que tenha espaço para aquilo que aparece como mais singular e obscuro. Segundo Blanc:

O conhecimento, pensa Malebranche, tem sempre como objecto imediato a ideia. Mas esta não deve ser confundida com o sentimento ou a modificação subjectiva que ela opera no espírito. A ideia compreende, com efeito, uma forma, um certo número de propriedades que se impõem o meu espírito, como muito bem viu Descartes na *V Meditação*: trata-se de um conteúdo necessário, imutável, universal e infinito, que só paradoxalmente poderia ser atribuído a espíritos contingentes, temporais, particulares e finitos. É, pois, na Razão universal de Deus que vemos as ideias, de que nos servimos para construir o edifício do saber⁸⁴.

⁸²COSTA, 1998, p. 81: “Vico se había hecho eco en el *De Italorum sapientia*[...], donde alababa la teoría escolástica de la sensación sólo para poder criticaren ella el defecto fundamental, alumbrado por Malebranche: a los escolásticos se les debe elogiar, porque consideran el sentido, la fantasía, la memoria y el intelecto como facultades del alma, pero se les debe reprender porque sostienen que los colores, los sabores, los sonidos y las sensaciones táctiles están en las cosas”.

⁸³MALEBRANCHE, Nicolas de. *Traité de morale de Malebranche*. Paris: Ernest Thorin, 1882, p.1: “Pour être heureux il faut être parfait. La vertu ou la perfection de l'homme consiste dans la soumission à l'Ordre immuable, et nullement à suivre l'Ordre de la nature”.

⁸⁴BLANC, Mafalda de Faria. *Apresentação da metafísica de Malebranche*. Philosophica, Lisboa, 1993, p. 74.

A filosofia de Pascal, por sua vez, apresenta aspectos que podem ser comparados com o posterior pensamento viquiano. Por isso mesmo, como já foi dito, Vico afirmou, no que concerne à moral, que Pascal lançou algumas luzes, uma vez que sua crítica a Descartes se dirige à pretensa matematização cartesiana do mundo. Daí se afirmar que

tornou-se um lugar comum da filosofia moderna a ironia de Pascal frente a essa tendência cartesiana de deslocar a luz sobrenatural da graça para a razão natural e formal, enfatizando um Deus que fala a linguagem do intelecto e da ciência em detrimento dos apelos do coração. Para Pascal, a visão mecanicista do "Deus dos filósofos", desconhecendo o papel do *Deus absconditus*, refletiria a tendência geral do racionalismo clássico de substituir a ordem da graça pela ordem da natureza⁸⁵.

Considera-se, portanto, que mesmo quando alguns cartesianos apresentam uma abordagem sobre questões referentes à moral, sobre as paixões humanas, e até mesmo as questões ético-políticas, fazem de maneira a formular certos princípios universais, a desconsiderar aspectos que para Vico são importantes, como o arbítrio humano, a imaginação, o senso-comum, o *ingenium* e tudo o mais que não possa ser compreendido ou explicado por meio da reta razão.

a ciência humana imita a divina (*scientia humana divinae sit imitatri*), uma vez que Deus, ao conhecer o verdadeiro, o gera no interior da eternidade, e, no exterior quanto ao tempo. Enquanto o critério de verdade que em Deus consiste no fato de Ele ao criar comunica a bondade aos seus pensamentos, do mesmo modo, o homem deve retomar este critério ao fazer as coisas que conhece como verdadeiras⁸⁶.

Para Pascal, deve-se valorizar, quer os princípios da razão, quer os sentimentos. Não obstante, no âmbito da moral e da eloquência, finura e geometria se contrapõem, uma vez que a primeira pertence ao juízo, a segunda ao espírito. Para Pascal:

A verdadeira eloquência zomba da eloquência, a verdadeira moral zomba da moral; quer dizer que a moral do juízo zomba da moral do intelecto, que não tem regras. Pois é ao juízo que pertence o sentimento, como as ciências pertencem ao espírito. A intuição está para o juízo, assim como a geometria está para o intelecto⁸⁷.

⁸⁵FILHO, Antonio José Pereira. **Vico e a fratura moderna: O princípio do *verum-factum* e a idéia de história na Ciência Nova**. Dissertação não publicada. USP, São Paulo, 2004, p. 98.

⁸⁶LIMA, 2010, p. 211.

⁸⁷PASCAL, Blaise. *Pensieri (Pensées)* [1670]. Trad. it. Silvia Masaracchio, Ed: Collana Bachecca Ebook, 2010, p. 286: "La vera eloquenza si prende gioco dell' eloquenza, la vera morale se prende gioco della morale; la morale del giudizio, voglio dire, si prende gioco della morale dell' intelletto che è prova di regole. Al giudizio appartiene il sentimento, come le scienze appartengono all' intelletto. L' intuizione sta al giudizio come la geometria sta all' intelletto".

Apesar de sua crítica a Descartes, Pascal, entretanto, demonstra também a deficiência de uma moral em seu pensamento. Tal crítica ao sistema cartesiano apresenta um caráter transcendental, espiritual, mas no que concerne à vida civil, ao homem como ser moral, Pascal revela um profundo pessimismo em relação à humanidade. Pode-se até mesmo afirmar que ele esboça um sentimento de anti-humanismo. Pascal põe o homem em uma posição de escolha entre si mesmo ou Deus, entre a felicidade terrena e os bens finitos que ela oferece, ou a felicidade eterna que o Cristianismo proporciona. Pascal afirma que

todos os homens se odeiam naturalmente entre si. Utilizamos como podemos a concupiscência para fazê-la servir ao bem público. Mas é só fingimento, e uma falsa imagem da caridade; pois, no fundo, é só ódio. [...] Basearam-se e extraíram-se da concupiscência regras admiráveis de política, moral e justiça; mas no fundo do homem, esse *figmentum malum* apenas se mascara; não desaparece⁸⁸.

Dessa forma conclui-se que esse pessimismo de Pascal impossibilita refletir sobre uma moral no sentido de se voltar às coisas humanas, de pensar o homem como atuante na vida civil, sem que isso seja considerado uma escolha pelas coisas terrenas em detrimento de uma felicidade eterna em Deus. Todavia, para Pascal,

Deus deve reinar sobre tudo, e tudo deve relacionar-se com ele. Nas coisas da carne, reina propriamente a concupiscência; nas espirituais, a curiosidade propriamente; na sabedoria, o orgulho propriamente. Não quer dizer que não possa ter glória de riquezas e de conhecimentos, mas não há que ter orgulho disso; pois, embora reconhecendo que um homem é ilustrado, não deveremos deixar de convencê-lo de que faz mal em ser soberbo⁸⁹.

Evidencia-se, portanto, a preocupação viquiana em não somente expor uma crítica aos modelos de filosofia do seu tempo, mas, mediante isso, apresentar uma proposta orientada à compreensão, por meio da Filologia e da Filosofia, dos limites da mente humana. Todavia, compreender a importância da formação humana, a dimensão do saber divino e o papel da providência divina no mundo civil, são aspectos que se encontram no decorrer do *De*

⁸⁸PASCAL, 2010, p. 139, 140 : “*Per natura tutti gli uomini si odiano reciprocamente. Ci si è serviti fin dove si è potuto della concupiscenza per asservirla al bene comune. Ma si tratta pur sempre di una menzogna e di una falsa immagine della carità, perché al fondo non c'è che l'odio. [...] Dalla concupiscenza sono state tratte e fondate norme ammirevoli di governo, di morale e di giustizia. Ma il fondo, questo volgare fondo dell'uomo, questo figmentum malum, è solo occultato. Non è tolto*”.

⁸⁹*Ibidem*, p. 435: “*Dio deve regnare su tutto e tutto deve rivolgersi a lui. Nelle cose della carne regna propriamente la concupiscenza. In quelle spirituali la curiosità. Nella saggezza l'orgoglio. Non che non sia possibile gloriarsi dei bene o delle conoscenze, ma questo non comporta l'orgoglio, perché concedendo a un uomo che è dotto, non si cessera di convincerlo che há torto di essere superbo*”.

Antiquissima.

Após a afirmação de que os sistemas de Descartes, Malebranche e Pascal carecem de uma moral que compreenda a dimensão ético-política do homem, nesse momento é preciso que se destaque a relevância da problemática filológica no *De Antiquissima* e, mediante essa exposição, compreender como se dá uma investigação que considere o dinamismo do homem e da vida civil.

2.3 *De Antiquissima* e a problemática filológica

Em sua obra *De antiquissima italorum sapientia ex linguae latinae originibus eruenda*, de 1710, Vico medita sobre a origem da língua latina e percebe a existência de palavras tão douradas que, para ele, não poderiam derivar do uso vulgar, e que seria possível pensar que se tratasse de uma língua rica em aspectos filosóficos, e pertencer a um povo que cultivava a Filosofia.

Enquanto meditava sobre as origens da língua latina, percebi que muitas palavras são, certamente, tão douradas que não parecem estas emanar de um uso vulgar do povo, mas para alguma sabedoria profunda. E nada opõe, em verdade, que a língua de um povo se fale cheia de locuções filosóficas, se nele é muito celebrada a filosofia⁹⁰.

Sobre essas locuções filosóficas presentes na língua de um povo, Vico justifica que se apresentavam mesmo em homens letrados, na época aristotélica e da Medicina galênica por meio do uso de algumas “locuções como ‘fuga do vazio’, ‘aversões e propensões da natureza’, ‘os quatro humores’, ‘qualidades’, e outras inúmeras desta índole”⁹¹. Assim ocorreu também com algumas expressões que diziam respeito a aspectos da Física moderna e da arte da Medicina. No *De Antiquissima*, Vico afirma:

Logo que ganharam força a física moderna e a arte da medicina, se escuta o vulgo dizer “circulação sanguínea”, “coágulo”, “fermentos úteis e nocivos”, “pressão do ar”, e outras de tal gênero. Antes do imperador Adriano os vocábulos “ente”, “essência”, “substância”, “acidente”, eram inauditos para os latinos, porque desconheciam a Metafísica de Aristóteles; posteriormente os homens dourados a celebraram e se divulgaram esses vocábulos⁹².

⁹⁰VICO, 2002b, p.129: “Mientras meditaba sobre los orígenes de la lengua latina, advertí que los de muchísimas palabras son, ciertamente, tan doctos que no parecen éstas emanar de un vulgar uso del pueblo, sino de alguna sabiduría profunda. Y nada se opone, en verdad, a que la lengua de un pueblo se halle colmada de locuciones filosóficas, si en él es muy celebrada la filosofía”.

⁹¹Ibidem, p.129: “[...] locuciones como huida del vacío, aversiones y propensiones de la naturaleza, los cuatro humores, cualidades, y otras innúmeras de esta índole”.

⁹²Ibidem: “mas, luego que cobraron fuerzas la física moderna y el arte de la medicina, por doquier se oye al

Nesse sentido, Vico sustenta que a língua latina, por possuir tais locuções douradas, só pode ter sido originada de uma outra nação doura, e os latinos faziam uso de tais vocábulos sem denominar do que se tratavam. Conforme Vico escreve:

Por isso, tendo notado que a língua latina transborda em locuções bastante douradas, e sendo assim que a história comprova que, até o tempo de Pirro os romanos antigos não se haviam consagrado mais do que na agricultura e na guerra, conjecturou que, por sua vez, tinha recebido de outra nação doura e haviam feito uso dela sem dominá-las⁹³.

Com base em tais constatações, Vico fala da relevância dos povos que influenciaram os latinos: os jônios e os etruscos. Para ele, parte da língua latina foi recebida pelos jônios, assim como os romanos receberam dos etruscos as locuções relacionadas aos cultos religiosos e às locuções sacras. No seu entender:

A etimologia, de um lado, dá testemunho de que boa e grande parte da língua foi importada dos jônios aos latinos. E consiste, de outro, que dos etruscos procuraram os romanos o culto aos deuses – e com eles também as locuções sacras – e as palavras pontificias. Por isso, com certeza confirmo que as douradas origens das palavras latinas vieram de ambos os povos; e por esta causa me dei a revelar a antiquíssima sabedoria dos italianos, partindo das origens da própria língua latina⁹⁴.

A exemplo de Platão, que no Crátilo tenta apresentar a antiga sabedoria dos gregos, Vico apresenta no seu *De Antiquissima* a tentativa de comprovar uma antiga sabedoria dos italianos, que é mais antiga que a sabedoria dos gregos. Por isso, a via percorrida por Vico está fundamentada em uma pesquisa etimológica e em uma investigação filológica no que concerne à origem da língua latina, pretendendo assim chegar a uma antiga sabedoria do gênero humano. O projeto viquiano, nessa obra, consiste não só em comprovar, por meio da

vulgo decir circulación sanguínea, coágulo, fermentos útiles y nocivos, presión del aire, y otras de tal género. Antes del emperador Adriano los vocablos ente, esencia, substancia, accidente, eran ianuditos para los latinos, porque se desconocía la Metafísica de Aristóteles; posteriormente los hombres doctos la celebraron y se divulgaron esos vocablos”.

⁹³VICO, 2002b, p.129-130: “Por ello, al haber reparado en que la lengua latina se desborda en locuciones bastante doctas, y siendo así que la historia atestigua que, hasta los tiempos de Pirro, los antiguos romanos no se habían consagrado más que a la agricultura y a la guerra, conjeturaba que ellos a su vez las habían recibido de otra nación docta y habían hecho uso de ellas sin dominarlas”.

⁹⁴*Ibidem*, p.130: “La etimologia, de un lado, da testimonio de que buena y gran parte de la lengua fue importada da los jonios a los latinos. Y consta, de otro, que de los etruscos se procuraron los romanos el culto a los dioses- y com él tambien las locuciones sacra y las palabras pontificias. Por ello con certeza conjeturo que los doctos orígenes de las palabras latinas provinieron de ambos pueblos; y por esta causa me di a desvelar la antiquissima sabiduría de los italianos, partiendo desde los orígenes de la propia lengua latina”.

pesquisa etimológica das palavras, uma antiga sabedoria, mas também comprovar que algumas expressões latinas derivaram de uma sabedoria muito profunda⁹⁵. Segundo Burke:

Vico estava tentando reconstruir as crenças dos primeiros filósofos da Itália tendo como base a etimologia de certas palavras latinas. Por exemplo, relacionou a palavra *fatum*, “fado”, a *factum*, “feito”, e também a *fatus est*, “ele disse”, argumentando que os filósofos italianos devem ter pensado que o fato era inexorável porque “as coisas criadas são palavras de Deus” e “o que foi feito não pode ser desfeito” [...] Tendo reconstruído essa antiga filosofia, Vico começou a usá-la como uma arma contra o método geométrico e as ideias claras e distintas dos cartesianos, ressaltando, por seu lado, a sabedoria prática de que falara no discurso de 1708 e também o que chamava de *ingenium*, definido como “o poder de conectar elementos diversos e separados”. O Vico poeta começava a auxiliar o Vico filósofo⁹⁶.

A crítica de Vico ao privilégio das ciências naturais se dirige, portanto, ao descaso das ciências morais. Se somente o âmbito natural é tido como elemento de estudo da ciência, o homem passa a ser visto como um ser natural e idêntico aos demais seres, sendo a intenção limitar o homem à esfera do pensamento, como se esse último fosse a causa da existência, assim como a pretensão de que o homem pudesse ser um objeto de estudo das ciências naturais como as demais coisas, sem que aspectos como o arbítrio humano, o senso comum, as paixões, e tudo o mais que pertence à ordem singular do sujeito fosse considerado. Para Guido:

Vico empreendeu a crítica à presunção dos homens de ciência, que, apoiados nas novas descobertas, surgidas graças aos novos subsídios e aos novos instrumentos científicos, não viam mais nenhuma importância no estudo das coisas humanas, ficando restritos ao estudo da natureza. A única possibilidade para o estudo do homem é tomá-lo como ser natural, isto é, como naturalmente idêntico a todos os demais seres humanos. [...] Esta constatação levou Vico a se insurgir contra o absolutismo da ciência natural, que isola o indivíduo para poder afirmar que as mesmas leis que governam o mundo físico também governam o homem⁹⁷.

O propósito viquiano em valorizar as ciências morais e sua investigação, passa por estágios até se chegar ao projeto de uma nova ciência. No *De Ratione*, Vico se encontra entre Antigos e Modernos, assim como entre empiristas e racionalistas, já no *De Antiquissima* a questão está em fundamentar um critério de verdade que se aplicasse tanto à ciência humana quanto à divina. O critério do *verum-factum* é formulado mediante a necessidade de uma nova arte crítica, voltada para o estudo das coisas humanas, servindo-se não somente do empirismo,

⁹⁵Cf. VICO, 2002b, p.130.

⁹⁶BURKE, 1997, p.35.

⁹⁷GUIDO, 2004, p.52.

mas pautada pelo racionalismo. A respeito do *verum factum* e da aplicação do mesmo às coisas humanas e divinas, Isaiah Berlin formulou algumas teses, uma delas diz:

Que aqueles que fazem ou criam alguma coisa podem entendê-la, ao invés do que acontece com os simples observadores da mesma. Visto que, em um certo sentido, os homens constróem sua própria história (embora não seja completamente claro em que consiste essa espécie de construção), eles podem compreendê-la, enquanto não podem compreender o mundo da natureza exterior, o qual, devido a não ser por eles construído, mas apenas observado e interpretado, não lhes é inteligível, como pode sê-lo sua própria experiência e atividade. Somente Deus, que criou a natureza, pode entendê-la completamente, em toda a sua plenitude⁹⁸.

Em tal obra, Vico mostra a preocupação de formular o critério do *verum-factum* que possibilita a efetivação da sua metafísica, pois a investigação, quer filológica quer filosófica, serve-se de tal critério. A defesa do *verum-factum* e da investigação filológica, contrapõe-se ao critério cartesiano de verdade e à universalidade de tal critério, pois, limita o campo de observação às ideias claras e distintas. Desse modo uma investigação das coisas humanas, para Vico, estaria comprometida. No *De Antiquissima*, ele afirma que

as coisas novas, surpreendentes e inesperadas, não são previstas por aqueles gêneros universais. [...] é perigoso julgar mediante exemplos ou deliberar mediante exemplos, pois nunca, ou em poucas ocasiões, as circunstâncias das coisas coincidem em todos seus extremos. E isto estabelece uma diferença entre a matéria física e a metafísica. Qualquer que seja a forma particular que a matéria física produza, produz a melhor; já que pelo método que a produz, esta era a única entre todas. A matéria metafísica, no entanto, uma vez que as formas particulares são imperfeitas, contém a forma melhor no próprio gênero ou ideia⁹⁹.

Quando Vico critica o *cogito* de Descartes, utiliza-se tanto da sua orientação humanística quanto da influência empirista que em parte recebera. Do humanismo recebe a máxima de que a mente humana é criação divina, ao passo que, por meio do empirismo, certifica-se do erro de Descartes em afirmar o pensamento como causa da existência¹⁰⁰. Ele

⁹⁸BERLIN, Isaiah. **Vico e Herder**. Trad br: Juan Antônio Gili Sobrinho. Brasília: Editora Universidade de Brasília, (Coleção *Pensamento Político*, v. 49),1982, p.8.

⁹⁹VICO, 2002b, p.147: “*las cosas nuevas, sorprendentes, inesperadas, no son previstas por aquellos géneros universales. [...] es peligroso juzgar mediante ejemplos o deliberar mediante ejemplos, pues nunca, o en muy contadas ocasiones, las circunstancias de las cosas coinciden en todos sus extremos. Y esto establece una diferencia entre la materia física y la metafísica. Cualquiera que sea la forma particular que la materia física produzca, produce la mejor; puesto que, por el método en que la produce, ésta era única entre todas. La materia metafísica, en cambio, puesto que las formas particulares son imperfectas, contiene la forma mejor en el propio género o idea*”.

¹⁰⁰Para Humberto Guido, “o reconhecimento da importância do empirismo foi manifestada em alguns escritos dessa primeira fase da filosofia de Vico e lhe serviram para formular a defesa do engenho humano frente ao formalismo da ciência cartesiana. A argumentação serviu-se da obra de Locke, o *Ensaio acerca do entendimento*

acrescenta:

a certeza de que pensa é consciência, não ciência, e um conhecimento vulgar, suscetível de acontecer a qualquer indouto – como Sosia –, e não uma verdade rara e esquisita que necessite de tão grande meditação do maior filósofo para que a encontre. Em efeito, saber é estar em posse do gênero ou forma em que a coisa se origina; em vez disso a consciência é aquelas coisas cujo gênero ou forma não podemos demonstrar [...] saber é conhecer as causas das quais nasce a coisa, porém eu, que penso, sou mente e corpo; e, se o pensamento fosse a causa de que eu seja, o pensamento seria a causa do corpo. Mas são corpos os que não pensam. E eu, posto que sou composto de corpo e mente, penso a causa de ambos; de modo que o corpo e a mente unidos são a causa do pensamento: pois se eu só fosse corpo, não pensaria; se, no entanto, só fosse mente, entenderia. E na verdade o pensar não é a causa de que eu seja mente, mas o sinal desta; mas o sinal não é a causa¹⁰¹.

A metafísica viquiana se reporta à busca por princípios que se apresentam no pensar e agir humano. Desse modo, é por meio da essencial relação entre Filologia e Filosofia, assim como da Providência divina, que o projeto viquiano de uma nova ciência forma bases sólidas para se efetivar. Vico, portanto, diferencia a física da metafísica e afirma que o homem não pode provar as questões físicas por meios de suas causas, considerando que o mesmo não se identifica como seu autor.

A aritmética e a geometria, que não creem no vulgo que provam a partir das causas, demonstram verdadeiramente partindo delas. E demonstram a partir das causas por isto: porque a mente humana contém os elementos das verdades que pode organizar e compor, e destas disposições e composições nasce a verdade que demonstram; de modo que demonstração é o mesmo que operação, e verdadeiro o mesmo que feito. E por isso mesmo não podemos provar as questões físicas a partir das causas, porque os elementos das coisas naturais estão fora de nós¹⁰².

humano, de 1690. A certeza do *cogito* não é uma ciência, é a consciência que o indivíduo tem de si mesmo, de que ele de fato pensa mesmo quando nega a sua própria existência corpórea. Contudo, o pensar não é causa da existência da mente humana, porque pensando o indivíduo não produz a sua mente, ele apenas serve-se dela para evidenciar a sua existência. Além do empirismo, a refutação de Vico está firmemente alicerçada no humanismo, porque decorre da impossibilidade da mente humana em produzir a si mesma, a certeza de que ela tem origem divina e, conseqüentemente, produz coisas humanas e divinas”. (GUIDO, 2004, p.58)

¹⁰¹VICO, 2002b, p. 141-142: “*la certidumbre de que piensa es consciencia, no ciencia, y un conocimiento vulgar, susceptible de acaecerle a cualquier indocto – como Sosia-, y no una verdad rara y exquisita que necesite de tan gran meditación del mayor filósofo para que se la encuentre. En efecto, saber es estar en posesión del género o forma en que la cosa se origina; en cambio la consciencia es de aquellas cosas cuyo género o forma no podemos demostrar [...] saber es conocer las causas de las que nace la cosa; pero yo, que pienso, soy mente y cuerpo; y, si el pensamiento fuese la causa de que yo sea, el pensamiento sería la causa del cuerpo. Mas son cuerpos los que no piensan. Y yo, puesto que consto de cuerpo y mente, pienso a causa de ambos, de modo que el cuerpo y la mente unidos son la causa del pensamiento: pues si yo sólo fuese cuerpo, no pensaría; si, en cambio, sólo fuera mente, entendería. Y en verdad el pensar no es la causa de que yo sea mente, sino la señal de ello, mas la señal no es la causa*”.

¹⁰²*Ibidem*, p. 151: “*la aritmética y la geometría, que no cree el vulgo que prueben a partir de las causas, demuestran verdaderamente partiendo de ellas. Y demuestran a partir de las causas por esto: porque la mente*

Por meio do físico pode-se ver a luz da verdade metafísica, pois o homem possui, conforme Vico, a capacidade natural do engenho [*ingenium*], que o possibilita organizar e compor aquilo que não pode conhecer pela verdade, ou seja, pelo feito, mas que pode demonstrar e cogitar [*cogitare*]. Sobre isso, Vico afirma:

Com efeito, a claridade da verdade metafísica é da mesma intensidade que a da luz, que não conhecemos senão pelas coisas opacas. Pois, se um olha de forma atenta e prolongada para uma janela com grades, que deixa passar a luz ao interior da casa, e logo volta a vista para um corpo absolutamente opaco, lhe dará a impressão de ver, não a luz, senão barras luminosas. Da mesma forma é brilhante a verdade metafísica: não se encontra confinada por nenhuma fronteira nem diferenciada por forma alguma, pois é o princípio infinito de todas as formas; o físico é opaco, isto é, formado e finito, e nele vemos a luz da verdade metafísica¹⁰³.

O engenho [*ingenium*] é uma faculdade natural que possibilita o conhecimento humano. Tal faculdade se revela como fundamental quando consideramos o princípio do *verum factum*, tendo em vista que é por meio desta natureza, própria dos homens, que se pode compreender as relações entre as coisas e unir aquilo que se encontra fragmentado, o que, de fato, é essencial no projeto proposto por Vico de uma nova metafísica. A definição dessa faculdade, dada por Vico, é a de que “o engenho é a faculdade de unir em uma só, coisas dispersas e diversas”¹⁰⁴.

O engenho é também responsável por revigorar a *inventio*, uma das principais faculdades da Retórica clássica, então menosprezada pela Filosofia Moderna. Tal capacidade inventiva revela-se no *ingenium* e na fantasia, portanto, não pode ser apreendida por meio de meros conceitos, nem por vias dedutivas e racionais, pois está vinculada ao gênero tópico-retórico e não ao gênero analítico-dedutivo. Segundo Filho:

Ao *ingenium* e à fantasia Vico atribui uma função inventiva originária, não “dedutiva” ou racional; daí que estas faculdades não podem ser

humana contiene los elementos de las verdades que puede organizar y componer, y de estas disposiciones y composiciones nace la verdad que demuestran; de modo que demostración es lo mismo que operación, y verdadero lo mismo que hecho. Y por eso mismo no podemos probar las cuestiones físicas a partir de las causas, porque los elementos de las cosas naturales están fuera de nosotros”.

¹⁰³VICO, 2002b, p. 151: “En efecto, la claridad de la verdad metafísica es de la misma intensidad que la de la luz, que no conocemos sino por las cosas opacas. Pues si uno mira de forma atenta y prolongada hacia una ventana enrejada, que deja pasar la luz al interior de la casa, y luego vuelve la vista hacia un cuerpo absolutamente opaco, le dará la impresión de ver, no la luz, sino rejas luminosas. En la misma forma es brillante la verdad metafísica: no se encuentra confinada por ninguna frontera ni diferenciada por forma alguna, pues es el principio infinito de todas las formas; lo físico es opaco, esto es, formado y finito, y en ello vemos la luz de la verdad metafísica”.

¹⁰⁴*Ibidem*, p. 180: “Ingenio es la facultad de unir en una sola cosas dispersas y diversas”.

simplesmente apreendidas através de conceitos, pois são anteriores ao discurso racional. Vinculadas à tópica, tais faculdades ultrapassam os limites da razão formal, deixando entrever seu caráter imediato tanto na figuração dos tropos da retórica e da poesia quanto na confecção de inventos e utilidades¹⁰⁵.

Contudo, o *verum factum* se apresenta como um princípio ontológico distinto da supremacia do *cogito* cartesiano. Tal supremacia é refutada por Vico quando o mesmo propõe um conhecimento que não recorre à unilateralidade de um individualismo racionalizante, mas que defende a ideia de que o verdadeiro e o feito estão relacionados à vida prática, à importância do *ingenium*, da fantasia, da imaginação e do senso comum. Sobre o conceito de senso comum no pensamento viquiano, Giuseppe Modica afirma que:

É graças a essa obra de meditação realizada pelo senso comum que motivos essencialmente pedagógico políticos possam conjugar-se com motivos mais claramente filosófico epistemológicos e que, por sua vez, ambos os motivos possam, em seguida, girar em torno da problemática da unidade do saber e da *interalità* da natureza humana¹⁰⁶.

Desse modo pode-se afirmar que o senso comum age como critério interno e base do método viquiano, considerando a importância do mesmo na articulação entre Filologia e Filosofia, ou seja, entre o certo [*certum*] e o verdadeiro [*verum*], pois tal relação é pressuposto para o projeto de uma nova metafísica,

todavia, se a metafísica a que o senso comum dá origem não é um fim em si mesmo e em vez disso é orientada para a fundação de uma ética das nações, a história como um processo de civilização reside na capacidade das nações de assumir o próprio fundamento normativo na metafísica do senso comum. Assim, a filosofia viquiana da humanidade não é contemplativista, desde a metafísica que não tem como fundamento uma metafísica ôntica, mas uma metafísica da mente humana, tendo como objeto um mundo que no tempo é concebível em quanto ele faz, e ele faz como um ato que não é simplesmente um fabricar e um criar, um *poiein*, mas é sempre e indivisivelmente um agir, um *praxein*, pois o homem de Vico é que este criador que não pode e não deve isentar-se do decisivo e único papel de sempre ser também um ator daquilo que ele foi o autor¹⁰⁷.

¹⁰⁵FILHO, 2004, p. 79.

¹⁰⁶MODICA, 1983, p. 61: “È proprio grazie a quest’opera di meditazione svolta dal senso comune che motivi prevalentemente pedagogico-politici possono coniugarsi con motivi più schiettamente filosofico-epistemologici e che, a loro volta, entrambi i motivi possono poi girare attorno alla problematica portante della unità del sapere e dell’interalità della natura umana”.

¹⁰⁷*Ibidem*, p. 19-20: “Tuttavia, se la metafísica cui il senso comune dà luogo non è fine a se stessa ed è invece orientata verso la fondazione di un’etica delle nazioni, la storia come processo di civilizzazione risiede nella capacità delle nazioni di assumere a proprio fundamento normativo la metafísica del senso comune. Perciò la vichiana filosofia dell’umanità non è contemplativista, giacché la metafísica che la sostanza non è una metafísica ontica, bensì una metafísica della mente umana avente come oggetto un mondo che in tanto è

Sendo assim, a problemática viquiana não está centrada meramente em uma abordagem filosófica, mas apresenta o intento de realizar também uma investigação filológica. Portanto, a Filologia, em Vico, apresenta-se como conceito amplo, como demonstra sua *Scienza Nuova*¹⁰⁸, de considerar as modificações [*modificazioni*] dos costumes humanos, valorizando memória, fantasia e senso comum, pautando, por meio do *ingenium*, tal investigação com aquela filosófica, de modo a verificar o certo e certificar o verdadeiro¹⁰⁹.

Contudo, ao afirmar a importante relação entre Filosofia e Filologia, Vico se depara com a crítica de alguns autores ao estudo filológico. Nesse momento, é preciso compreender o sentido de tal crítica e compreender por quais aspectos ela é demonstrada.

2.4 A crítica de Descartes e Malebranche à Filologia

Sendo a intenção de Descartes formular ideias claras e distintas, pode-se compreender que quando o mesmo se vê diante de algo obscuro¹¹⁰, tal como o conhecimento da História e da Filologia, que está a todo momento sujeito ao arbítrio humano e, portanto, às mudanças, acaba por reduzi-lo a algo sem importância ou até mesmo desprezá-lo. Malebranche, por sua vez, como entusiasta das ideias de Descartes, herdou o método cartesiano de clareza e distinção, utilizado na investigação da verdade, iniciando o raciocínio primeiramente pelas coisas simples, para se compreender as mais complexas. Desse modo, diante do fundamento de ambos os sistemas, no que concerne tanto à validade de um conhecimento unilateral, quanto ao modo como se dá esse conhecimento, tem-se aqui a crítica de Descartes e Malebranche no que se refere à Filologia.

No *De Antiquissima*, quando Vico trata da equivalência entre o “verdadeiro” e o “feito”, defende consequentemente que deve prevalecer o estudo sobre as coisas humanas ante ao naturalismo e à visão mecanicista do mundo. Ademais, a filosofia cartesiana não vislumbra o estudo da Filologia, a compreensão da História, a utilidade dos mitos, das fábulas nem tampouco afirma a importância da poesia, da imaginação, da fantasia e da memória,

contemplabile in quanto essa stessa lo fa, e lo fa con un atto che non è semplicemente un fabbricare e un creare, un poieîn, ma è sempre anche e indivisibilmente un agire, un praxein, giacché l'uomo di Vico è quel tal creatore che non può e non deve esimersi dal decisico e irripetibile compito d'essere sempre anche attore di ciò di cui è autore”.

¹⁰⁸Nos próximos capítulos dessa exposição, será abordada com maior ênfase a questão sobre as *modificazioni* dos costumes humanos, assim como a questão da convergência entre Filologia e Filosofia como fundamento para a *Nuova Scienza*.

¹⁰⁹Cf. Prefácio de Marco Lucchesi à: **Ciência Nova/ Giambattista Vico**: tradução, prefácio e notas, Marco Lucchesi.- Rio de Janeiro: Record, 1999.

¹¹⁰O termo “obscuro” na visão de Descartes está vinculado a algo que dificulta o conhecimento por meio de vias racionais. Deste modo, a intenção de Descartes em formular conceitos universais, por meio de procedimentos puramente racionais, estaria comprometida.

faculdades significativas no pensamento viquiano. Para Descartes:

É bom saber algo dos costumes de diversos povos, a fim de que julguemos os nossos mais sãmente e não pensemos que tudo quanto é contra os nossos modos é ridículo e contrário à razão[...] Mas quando empregamos demasiado tempo em viajar, acabamos tornando-nos estrangeiros em nossa própria terra; e quando somos demasiado curiosos das coisas que se praticavam nos séculos passados, ficamos ordinariamente muito ignorantes das que se praticam no presente¹¹¹.

Todavia, não se pode desprezar o fato do conhecimento na Modernidade ser influenciado em diversos aspectos pela teologia cristã. Das questões que causam as diferenças entre os autores, uma das que merece destaque é o modo como Deus é concebido em cada modelo de pensamento. Evidencia-se que a filosofia de Descartes obedece, de certa forma, o primado do Deus cristão. Mesmo que a sua intenção se assemelhe àquela dos gregos de fazer uso exclusivo da razão, Descartes vivencia um momento em que a revelação cristã já está consolidada e continua presente. Em Descartes, no entanto, Deus garante a validade das evidências¹¹².

Para Malebranche, as evidências matemáticas são importantes para que o homem compreenda as ideias de Deus, embora o homem não tenha ideia clara e distinta de si mesmo, compreende o raciocínio matemático e, por esse meio, as evidências perfeitas de Deus¹¹³. Deus fundamenta e é causa de todas as coisas, por isso Malebranche não identifica a verdade como criação de Deus, como fez Descartes, mas como o próprio Deus.

O que está em questão entre Malebranche e Descartes é, em especial, a relação entre alma e corpo. Enquanto Descartes tem a preocupação de fundamentar duas substâncias distintas: alma [*res cogitans*] e corpo [*res extensa*], para Malebranche mais importante que discutir a relação entre alma e corpo, é considerar sua união com Deus, uma vez que, em virtude do pecado original, essa união foi enfraquecida. Sobre as percepções finitas e os

¹¹¹DESCARTES, 1973, p. 39.

¹¹²Para Antônio José Pereira Filho: “O erro de Descartes foi não ter percebido que as ideias, arquétipos das coisas, não estão no entendimento humano, mas em Deus. Pela via do argumento ontológico, segundo Vico, o espírito humano assume veladamente o lugar de Deus, como se o ser supremo para existir dependesse de um decreto da razão humana. Com o ponto fixo do cartesianismo (o *cogito*), o homem se colocaria como medida de todas as coisas” (Cf. FILHO, 2004, p. 59).

¹¹³Sobre isso, Antônio José Pereira Filho comenta que: “para Malebranche, [...] o bom matemático conhece, com evidência perfeita, as ideias de Deus. Compreende luminosamente o raciocínio matemático, mas não se conhece a si mesmo. Não temos uma ideia clara e distinta de nossa alma. Fora da matemática nada existe de claramente inteligível. A matemática é o modelo do real concreto, mas nenhuma ideia clara e distinta nos assegura a existência material do mundo concreto” (Cf. *Ibidem*, p. 59).

sentimentos confusos, pode-se dizer que “desde o pecado o espírito é escravo deles”¹¹⁴.

Sendo assim, quando Malebranche afirma que Deus não só é o único objeto de conhecimento como é a causa que age no universo, ou seja, quando afirma que não se pode ter ideias claras e distintas que atestem a existência do que pertence ao mundo concreto, estudos voltados para uma possível compreensão da natureza humana e das coisas humanas, como a Filologia, não possuem viabilidade em seu pensamento, uma vez que não se encontram de acordo, nem com sua metafísica teocêntrica, nem com o seu ocasionalismo. Desse modo, aquilo que o homem percebe, não percebe por si, mas percebe na causa eficiente que é Deus. Malebranche substitui o inatismo cartesiano, ou seja, as ideias criadas conosco, pela tese agostiniana da visão em Deus. Segundo Huisman:

Malebranche recusa as ideias inatas dos cartesianos, quer sejam concebidas como previamente inscritas em nossos espíritos, quer como desenvolvidas ocasionalmente ou a partir do poder que a alma teria de produzi-las. Assim, ele conduz indiretamente o leitor a admitir [...] que nosso entendimento percebe diretamente em Deus as essências dos corpos. [...] Aqui a tese agostiniana sobre a visão em Deus das verdades eternas substitui a concepção cartesiana de ideias postas em nós por Deus¹¹⁵.

Desse modo, uma diferença entre o papel de Deus no pensamento de Malebranche e a Providência divina no pensamento de Vico, resulta em formas distintas de conceber o conhecimento humano e o divino, mesmo que ambos façam distinção entre esses dois saberes, uma vez que, para Malebranche, Deus é a única causa de tudo o que existe, o papel do homem se limita a meditar e se conduzir a Deus e seu poder supremo. Não obstante, Vico afirma que "Deus sabe tudo, porque em Si contém os elementos que compõem o todo, o homem, no entanto, eforça-se em saber dividindo. Assim, pois, a ciência humana parece uma espécie de anatomia das obras da natureza"¹¹⁶. Daí Vico afirmar que

é conversível o verdadeiro com o bem, se o que é conhecido como verdadeiro tem também o seu ser da mente pelo qual é conhecido, e por isso é a ciência humana imitadora da divina, porque Deus, enquanto conhece o verdadeiro, o gera desde a eternidade, dentro e fora do tempo. E o critério do verdadeiro, tal como em Deus, é ter comunicado a bondade aos seus pensamentos durante a criação, "Deus viu que eram bons", assim se foi preparado que sejam nos homens o haver feito aquilo que conhecemos como verdades. Mas, para que essas questões se situem em lugar mais seguro, devem ser

¹¹⁴HUISMAN, 2001, p. 647.

¹¹⁵*Ibidem*, p. 646-647.

¹¹⁶VICO, 2002b, p.136: “*Dios lo sabe todo, porque en Si contiene los elementos de los que lo compone todo; el hombre, en cambio, se afana en saberlo dividiendo. Así pues, la ciencia humana parece una suerte de anatomía de las obras de la naturaleza*”.

defendidas de dogmáticos e céticos"¹¹⁷.

Nesse momento é preciso destacar o argumento de Vico a respeito da verdade primeira de Descartes, assim como a sua observação ao questionar até que ponto se distanciam os dogmáticos dos céticos. Sobre os dogmáticos, ele afirma que

Por isso estimam que a metafísica confere ao resto das ciências seus próprios fundamentos, cada um em si. E assim, seu grande meditador prescreve que quem quer iniciar-se em seus mistérios deve ir limpo, não apenas das crenças ou, como dizem, prejuízos que conceberam desde a infância através dos sentidos, como mensageiros falsos, mas também de todas as verdades que tinham aprendido anteriormente pelas demais ciências;[...] Assim, a linha de fronteira que separa os céticos dogmáticos é a primeira verdade, o que revela a sua metafísica¹¹⁸.

Apresenta-se, portanto, a questão da primeira verdade de Descartes, que afirma o homem como sujeito que pensa e que por isso mesmo existe. Ora, ao estabelecer tal verdade, Descartes assume a posição de que a única coisa sobre a qual não se pode duvidar diz respeito ao *cogito ergo sum*. No entanto, para o cético, essa verdade de que trata Descartes, não passa de um conhecimento vulgar, uma consciência que não necessita de grande meditação. Daí Vico afirmar:

o cético negará que da consciência do pensar se adquira a ciência do ser. Pois reclama de que saber é conhecer as causas das quais nascem a coisa, mas eu, que penso, sou mente e corpo, e, se o pensamento fosse a causa do que eu sou, o pensamento seria a causa do corpo. Mas, são corpos aqueles que não pensam. E eu, como consto de corpo e mente, penso a causa de ambos, de modo que o corpo e a mente, juntos, são a causa do pensamento: pois, se eu fosse apenas corpo, não pensaria, se, no entanto, fosse apenas mente, entenderia. E realmente o pensamento não é a causa de eu seja mente, mas o sinal disso, mas o sinal não é a causa¹¹⁹.

¹¹⁷VICO, 2002b, p. 139: “*es convertible lo verdadero con lo bueno, si lo que se conoce como verdadero tiene también su ser de la mente por la que es conocido; y así es la ciencia humana imitadora de la divina, por la que Dios, mientras conoce lo verdadero, lo genera desde la eternidad hacia dentro y lo hace hacia fuera en el tiempo. Y el criterio de lo verdadero, tal como en Dios es haber comunicado la bondad a sus pensamientos durante la creación: «vio Dios que eran buenos», así se ha dispuesto que sea en los hombres el haber hecho las que conocemos como verdades. Mas, para que estas cuestiones se sitúen en lugar más seguro, deben ser defendidas de dogmáticos y escépticos*”.

¹¹⁸*Ibidem*, p.140: “*Por ello estiman que la metafísica confiere al resto de las ciencias sus propios fundamentos, a cada una el suyo. Y así su gran meditador prescribe que quien quiera iniciarse en sus misterios acuda limpio, no sólo de las creencias o, como dicen, prejuicios que concibieron desde la infancia a través de los sentidos, como falaces mensajeros, sino incluso de todas las verdades que habían previamente aprendido por las demás ciencias; [...]. Así pues, la línea fronteriza que separa a dogmáticos de escépticos será la verdad primera, que nos desvela su metafísica*”.

¹¹⁹*Ibidem*, p. 142: “*el escéptico no está cierto de que es porque no lo colige de una cosa absolutamente indudable. Mas ante esto el escéptico negará que de la conciencia del pensar se adquira la ciencia del ser. Pues sostiene que saber es conocer las causas de las que nace la cosa; pero yo, que pienso, soy mente y cuerpo;*

Vico não se identifica nem como um cético, nem como dogmático, uma vez que evita tanto a verdade abusoluta do racionalismo cartesiano, quanto a improbabilidade de um conhecimento verdadeiro. Segundo Patella:

Vico resultará, então, por assim dizer, uma via intermediária que podemos chamar de "probabilismo", para evitar tanto o dogmatismo, e isso é, neste caso, a pretendida verdade absoluta do método geométrico, quanto o ceticismo que quer dizer recusar toda vontade de busca resoluta do conhecimento e da verdade¹²⁰.

Sendo assim, Vico nega que por meio do critério de verdade, estabelecido por Descartes, seja possível se compreender a existência de todas as coisas. Todavia, isso não pode ser pressuposto para simplesmente desprezar a possibilidade de existir algo fora do âmbito da matemática, que seja real, verdadeiro ou mesmo verossímil. Não obstante, estabelecer que só Deus é causa eficiente de todas as coisas, como propôs Malebranche, não se assemelha ao pensamento viquiano, uma vez que, em Vico, mesmo que seja evidente o importante papel da Providência divina como criadora de todas as coisas e reguladora das coisas humanas, em uma escala menor o homem conhece verdadeiramente aquilo que faz, pois,

a verdade divina é uma imagem tridimensional das coisas, como um modelo, a humana é um esboço linear ou imagem plana, como uma pintura, e como verdade divina é o que Deus, como se sabe, dispõe e gera, assim a verdade humana é o que o homem, enquanto conhece, compõe e faz: e dessa forma, a ciência é o conhecimento do gênero, o modo como a coisa é feita, e por esse meio – sendo assim, que a mente conhece o modo, já que compõe os elementos – fazer a coisa, uma coisa tridimensional Deus, pois compreende tudo, e bidimensional o homem, pois compreende o mais externo¹²¹.

y, si el pensamiento fuese la causa de que yo sea, el pensamiento sería la causa del cuerpo. Mas son cuerpos los que no piensan. Y yo, puesto que consto de cuerpo y mente, pienso a causa de ambos; de modo que el cuerpo y la mente unidos son la causa del pensamiento: pues si yo sólo fuese cuerpo, no pensaría; si, en cambio, sólo fuera mente, entendería. Y en verdad el pensar no es la causa de que yo sea mente, sino la señal de ello; mas la señal no es la causa”.

¹²⁰PATELLA, 1997, p. 104: “Vico resulta, entonces, por así decir, una vía intermedia, la vía intermedia que podemos llamar del “probabilismo”, que sepa evitar tanto el dogmatismo, y eso es en este caso la pretendida verdad absoluta del método geométrico, cuanto el escepticismo, que es decir la pura recusación de toda voluntad de búsqueda resolutiva del conocimiento y de la verdad”.

¹²¹*Ibidem*, p. 134: “la verdad divina es una imagen tridimensional de las cosas, como un modelo; la humana es un esbozo lineal o imagen plana, como una pintura; y tal como la verdad divina es lo que Dios, en tanto que sabe, dispone y genera, así la verdad humana es lo que el hombre, en cuanto que conoce, compone y hace: y de essa forma la ciencia es el conocimiento del género, o modo en que la cosa se hace, y por qué medio -siendo así que la mente conoce el modo, ya que compone los elementos- hacer la cosa; una cosa tridimensional Dios, pues comprende todo, y bidimensional el hombre, pues comprende lo más externo”.

Mesmo que Vico considere Deus como o primeiro criador, o homem, dentro da limitação da mente humana, também é criador. Deus, por ser o primeiro criador, conhece todas as coisas, seu conhecimento é, portanto, infinito. Ademais, aquilo que o homem produz, ele conhece, embora se trate de um conhecimento limitado, quando comparado ao conhecimento infinito de Deus. No ponto de vista de Patella:

O pensamento é próprio da mente humana, porque Deus compreende dentro de si todos os elementos das coisas, tanto exteriores como interiores, pois os contém e dispõe: mas a mente humana, por ser finita e exterior a todas as demais coisas que não são ela mesma, pode somente tentar agrupar os extremos das coisas, porém nunca os abarca totalmente; de modo que pode pensar nas coisas, mas não entendê-las; e é, por isso, partícipe, mas não dona da razão¹²².

Mais uma vez, o *cogito* cartesiano não merecia ser tido como um princípio fundante do saber, uma vez que a mente não é criada, não é feita e, portanto, não pode ser conhecida pelo homem. O *cogito ergo sum* cartesiano não passa, portanto, de uma constatação da própria mente, não um pressuposto da existência. A oposição viquiana a Descartes, para Sevilla,

vem como consequência de uma insatisfação ante o desprezo cartesiano pelos temas e as disciplinas humanistas, porém também por um sentir-se plenamente defraudado ante ao critério de verdade e o *primum verum* do filósofo francês. Vico é um pensador moderno, situado, como Descartes, na encruzilhada histórica do ceticismo; e é por isso mesmo que o napolitano reage e enfrenta a filosofia e os métodos "dos modernos", porque não servem para anular o ceticismo e, ademais, renunciam conhecer com verdade aquilo que realmente é possível conhecer. Daí a oposição viquiana ao exílio de faculdades humanas primordiais (como a imaginação), ao critério de verdade (de um *cogito* que dá "consciência" da existência, mas não "ciência" dela) à extensão do método geométrico a todas as ordens da realidade (especialmente a humana), ou ao desprezo pela história, pela poesia ou a retórica¹²³.

¹²²PATELLA, 1997, p. 134: “*el pensamiento es propio de la mente humana, y en cambio la inteligencia lo es de la divina; porque Dios comprende dentro de sí todos los elementos de las cosas, tanto exteriores como interiores, pues los contiene y dispone: mas la mente humana, por ser finita y exterior a todas las demás cosas que no son ella misma, puede tan sólo tratar de agrupar los extremos de las cosas, pero nunca los abarca todos; de modo que puede pensar en las cosas, mas no entenderlas; y es, per ello, partícipe, mas no dueña de la razón*”.

¹²³SEVILLA, José M. *Retórica como filosofía*. E. Grassi, Vico y el problema del humanismo retórico. Monteagudo, 3ª Época- N.º 8. 2003, p. 92-93: “*viene como consecuencia de una insatisfacción ante el desprecio cartesiano por los temas y disciplinas humanísticas, pero también por una sentirse plenamente defraudado ante el criterio de verdad y primum verum del filósofo francés. Vico es un pensador moderno, situado al igual que Descartes en la encrucijada epocal del escepticismo, y es por ello mismo que el napolitano reacciona y se enfrenta a la filosofía y los métodos de "los modernos", porque no sirven para anular el escepticismo y, además, renuncian a poder conocer con verdad aquello que realmente es posible conocer. De ahí la oposición viquiana al destierro de facultades humanas primordiales (como la imaginación), al criterio de verdad (de un cogito que da "conciencia" de la existencia, pero no "ciencia" de ella), a la extensión del método geométrico a todos los órdenes de la realidad (especialmente de la humana), o al desprecio por la historia, la poesía o la retórica*”.

Faz-se necessário, porém, considerar a relação entre Vico e Malebranche, em especial no que concerne ao relevante papel da imaginação na filosofia de ambos¹²⁴. Todavia, quando Malebranche atribui a Deus a causa única de todas as coisas, compreende-se o porquê de ele não tomar a Filologia como um estudo importante, pois, uma vez que o homem é privado de causalidade é, conseqüentemente, privado de atividade, não cria, não é causa eficiente de coisa alguma, mas ocasião da causa única que é Deus. Pode-se assim afirmar que o ocasionalismo malebranchiano parte da constante problemática entre alma e corpo. Vale destacar, no entanto, que seu dualismo não se assemelha à separação cartesiana entre pensamento e extensão, uma vez que, para Malebranche, nem a alma, nem o corpo são causas eficientes de alguma ação, mas criam ocasiões nas quais Deus se manifesta. O mundo corpóreo, por exemplo, só é conhecido por meio das ideias de Deus¹²⁵. Conforme Vico sustenta:

E assim todas as idéias, em geral, sobre as coisas criadas são falsas, em alguma medida ante a ideia da suma Divindade, porque são coisas que, referidas a Deus, não parecem ser verdade. A tal ponto que, se Malebranche quisesse ser coerente com a sua doutrina, deveria ter ensinado que Deus

¹²⁴Ao apresentar a relação entre o pensamento de Vico e Malebranche, Paolo Fabiani comenta que: “Neste estudo, fique bem claro, não se “pretende” a identificação da antropologia viquiana com Malebranche, mas apenas mostrar que *La Recherche de la Vérité* foi, para Vico, um constante ponto de referência, um motivo de reflexão e um ponto de apoio teórico na reconstrução realizada na *Scienza Nuova* da mentalidade pagã. O ponto de partida é, portanto, isolar o “núcleo” da mentalidade pagã, por nós identificado na teoria do erro de Descartes, compartilhada por Malebranche e, com as necessárias adaptações, também por Vico: a mente pagã, e neste ponto são de acordo tanto Malebranche quanto Vico, é sinônimo de mentalidade errônea”. [*In questo studio, sia ben chiaro, non si “mira” all’identificazione dell’antropologia vichiana con Malebranche ma soltanto a mostrare che La Recherche de la Vérité è stata per Vico un costante punto di riferimento, un motivo di riflessione ed un punto d’appoggio teorico nella ricostruzione attuata ne La Scienza Nuova della mentalità pagana. Il punto di partenza è quindi isolare il “nucleo” della mentalità pagana, da noi individuato nella teoria dell’errore di Cartesio mutuata da Malebranche e, con i dovuti adattamenti, anche da Vico: la mente pagana, e su questo punto sono d’accordo tanto Malebranche quanto Vico, è infatti sinonimo di mentalità erronea*]. (Cf. FABIANI, Paolo. *La filosofia dell’immaginazione in Vico e Malebranche*, Firenze: Firenze university press, 2002, p. 11)

¹²⁵Na introdução aos Diálogos sobre a metafísica e a religião, elaborada pela Oficina de Tradução da UFPR, pode-se confirmar que: “Malebranche foi fortemente influenciado pelo dualismo cartesiano entre alma e corpo, pensamento e extensão. Mas enquanto o cartesianismo se embarçava para explicar a relação entre ambos, com respostas bastante insatisfatórias para os filósofos da época, que não aceitavam gratuitamente a solução cartesiana baseada nos supostos efeitos da glândula pineal, Malebranche propõe outra abordagem. Primeiramente, ele aceita tal dualismo, mas segundo o filósofo, não devemos nos preocupar com a relação entre eles porque não há uma ação da alma sobre o corpo nem do corpo sobre a alma. Tanto a alma quanto o corpo não criam ações, mas ocasiões nas quais Deus se manifesta. É por essa tese que será conferido ao pensamento de Malebranche o título de *ocasionalismo*. Nesse sentido, Deus não é um ser transcendente do mundo, mas o mundo inteiro se encontra em Deus. Isso não quer dizer que conhecemos o mundo porque conhecemos Deus, mas conhecemos o mundo pelas ideias que estão em Deus. As ideias têm uma existência eterna e necessária e o mundo corpóreo existe apenas porque Deus desejou criá-lo. Assim, para ver o mundo inteligível, basta consultar a razão, que contém em si as ideias inteligíveis, eternas e necessárias, o arquétipo do mundo visível. Nós conhecemos os corpos pelas ideias que estão em Deus, pois para Malebranche o mundo é por si mesmo “invisível”” (Cf. Introdução/ Malebranche, Nicolas de. **Diálogos sobre a metafísica e a religião: primeiro diálogo** / Oficinas de tradução. Departamento de Filosofia. Universidade Federal do Paraná. – [Curitiba]: Ed. SCHLA/UFPR, 2011, p. 4).

reveste a mente do conhecimento humano[...], de modo que nem a si mesmo se conhece, se não for conhecida em Deus. Pois, a mente se mostra pensando; Deus pensa dentro de mim, em Deus, portanto, conheço minha própria mente. Assim, esta doutrina de Malebranche seria consistente¹²⁶.

Nesse sentido, ocorre o desprezo de Descartes pelas questões que não se adequam ao seu critério de validade, uma vez que nem a Filologia, nem o arbítrio humano, nem o senso comum são compreendidos por meio de critérios como clareza e distinção. Contudo, vale destacar que a investigação filológica se refere, em Vico, ao exame das coisas da ordem do humano, sendo assim, não faz sentido universalizar algum aspecto sem que para isso se examine o que há de particular e, por isso mesmo, o incerto, o obscuro e o verossímil. Afirma-se aqui que a crítica de Descartes se direciona àquilo que o impossibilita de perseguir em seus estudos e, nesse sentido, o método cartesiano necessita do desprendimento com a erudição, com a formação nas Letras e com o que não corresponde ao modelo crítico e racional que ele apresenta, como por exemplo, o estudo da Filologia. Daí a crítica de Vico ao cartesianismo se fundamentar, em especial, quando Descartes limita o homem à razão e esquece a importância da história e da vida civil. Para López:

Em linhas gerais, pode-se dizer que a polêmica sustentada por Vico contra o cartesianismo, centra-se em quatro núcleos ou fundamentos. Em primeiro lugar, a Vico não satisfaz a teoria do conhecimento da filosofia cartesiana, porque reduz o homem somente à razão, esquecendo os sentidos e a imaginação, faculdades que, junto com a razão, são inseparáveis na mente tanto do ponto de vista ontológico e estrutural, como do dinâmico. Por outro lado, qualifica de errônea a física de Descartes porque não chega a conceber a matematização da natureza e considera que, ao tratar a física de maneira geométrica, não consegue penetrar no real. Em terceiro lugar, Vico enfrenta o processo analítico cartesiano propondo a primazia da Tópica sob a Crítica, em virtude do critério da conversibilidade do verdadeiro com o feito. Finalmente, rebela-se contra o antihistoricismo característico de Descartes e seus seguidores¹²⁷.

¹²⁶VICO, 2002b, p. 161: “Y por ello todas las ideas, en general, sobre las cosas creadas son falsas en alguna medida ante la idea de la Suma Divindad, porque lo son sobre cosas que, referidas a Dios, no parecen ser en verdad. A tal punto que, si Malebranche quisiese ser consecuente con su doctrina, hubiese debido enseñar que por Dios se reviste la mente humana del conocimiento, no ya del cuerpo del que es mente, sino incluso de sí misma; de modo que ni siquiera a sí se conoce, si no se conoce en Dios. Pues la mente se muestra pensando; Dios piensa dentro de mí; en Dios, por tanto, conozco mi propia mente. Así esta doctrina de Malebranche sería consecuente”.

¹²⁷LÓPEZ, 1999, p. 51: “En líneas generales puede decirse que la polémica sostenida por Vico contra el cartesianismo, se centra en cuatro núcleos o aspectos fundamentales. En primer lugar, a Vico no le satisface la teoría del conocimiento de la filosofía cartesiana porque reduce al hombre a la sola razón, olvidando los sentidos y la imaginación, facultades que, junto a la razón, son inseparables en la mente tanto desde el punto de vista ontológico y estructural como desde e dinámico. Por otro lado, califica de errônea la física de Descartes porque no llega a concebir la matematización de la naturaleza y considera que el cartesiano, al tratar la física de manera geométrica, no consigue penetrar en lo real. En tercer lugar, Vico se enfrenta al proceso analítico cartesiano propugnando la primacía de la Tópica sobre la Crítica en virtud del criterio de la convertibilidad de

Desse modo poder-se-á compreender a noção de conhecimento em Vico e considerar que o método geométrico, sendo algo demonstrável e feito pelo homem, é também parte daquilo que o mesmo pode conhecer. No entanto, o método geométrico não pode ser considerado uma explicação de caráter universal, sendo inaceitável, para Vico, a proposta desses filósofos de privilegiar o modelo de conhecimento das ciências naturais e desprezar ou meramente tratar de modo universal o que se refere ao humano, no caso, as ciências morais, por habitarem no terreno do “verossímil”, do “contigente” e do dinamismo encontrado na vida civil.

Contudo, quando Vico discute sobre questões pedagógicas, ou mesmo quando fundamenta suas reflexões em temas epistemológicos ou metafísicos, sua preocupação está inserida em um cenário ético-político e consiste em relacionar a formação do homem, o limite do conhecimento humano e o papel da Providência divina com o mundo civil. É preciso, portanto, sustentar que mais do que apresentar um embate entre as ciências naturais e as ciências morais, Vico tem o intuito de compreender as disposições do homem. Não obstante, para assimilar a importância dessa investigação sobre o homem na vida civil, convém, agora, orientar a exposição para a questão da Filologia como ciência, a fim de que se compreenda o seu relevante papel na reflexão do Direito e da História do mundo civil das nações.

3 O IDEAL DA FILOLOGIA COMO *NUOVA SCIENZA*: O PROJETO VIQUIANO

A relação entre Filosofia e Filologia decorre da distinção entre o que é *verum* e o que é *certum*. Enquanto a Filosofia é uma ciência que revela o *verum*, a Filologia, por sua vez, reporta-se a uma consciência que revela o *certum*. Quando, no seu *Direito Universal*, Vico apresenta pela primeira vez a ideia de *nova scientia*, no primeiro capítulo do *De Constantia*, ou seja, uma *Nova scientia tentatur*, objetiva justificar a Filologia como uma ciência certa, por meio da relação entre *certum* e *verum*, entre *ratio* e *auctoritas*, além de destacar o importante papel da Providência divina no seu sistema de um direito universal eterno. Nesse sentido, aqui, será abordado o modo como a problemática filológica se apresenta como intrínseca às questões relacionadas com a vida civil, de modo a ser verificada pela Filosofia, considerando a sua coerência.

3.1 *De Constantia*: a problemática filológica

Ao se indicar o *Direito Universal* de Giambattista Vico, anteriormente, faz-se necessário uma breve reflexão acerca da tradição jusnaturalista e da posição viquiana ante a tal contexto, em virtude de certo interesse pela jurisprudência ser constantemente manifestado no interior de suas obras¹²⁸, não obstante tal abordagem está diretamente relacionada à questão da problemática filológica. Em sua *Autobiografia*, Vico escreve:

ao encontrar particularmente os lugares da [vida] civil, ele [Vico] sentia um supremo prazer por duas coisas: uma, de refletir nas sumas das leis com base nos sutis intérpretes abstratos de máximas gerais de justo os motivos particulares da equidade que tinham os jurisconsultos e os imperadores prevenidos pela justiça das causas: cuja coisa o afeiçoou aos intérpretes antigos que depois advertiu e julgou ser os filósofos da equidade natural; a outra de observar com quanta diligência os mesmos jurisconsultos examinavam as palavras das leis, dos decretos do senado e dos editos dos pretores que interpretam: cuja coisa ele se conciliou aos intérpretes eruditos,

¹²⁸Segundo Raffaele Ruggiero, Vico: “em 1709 destacava a precisa vontade de ser reconhecido jurista e, na *Vita*, resumiu o conteúdo jurídico do *De ratione* como um ensaio de um sistema de jurisprudência para interpretar as leis, embora privadas, com o aspecto da razão do governo romano, isto é, um método (esta era a finalidade principal da dissertação) útil à interpretação jurisprudencial do direito romano, em conformidade com as ordens do governo romano” [nel 1709 sottolineava la precisa volontà di essere riconosciuto giurista e, all'altezza della Vita, compendava il contenuto giuridico del De Ratione come un saggio di un sistema di giurisprudenza d'interpretare le leggi, quantunque private, con l'aspetto della ragione del governo romano, ossia un metodo (questo era il fine precipuo della dissertazione) utile all'interpretazione giurisprudenziale del diritto romano in accordo con gli ordinamenti statali romanistici] (Cf. RUGGIERO, Raffaele. *Nova scientia tentatur: introduzione al Diritto universale di Giambattista Vico*. Roma: Edizioni di storia e letteratura, 2010, p. 8).

que depois advertiu e estimou serem puros historiadores do direito civil romano. E ambos esses prazeres eram indícios de todo o estudo que ele havia de pôr para a indagação sobre os princípios do direito universal, o outro do proveito que ele tinha de fazer da língua latina, particularmente nos usos da jurisprudência romana, cuja parte mais difícil é saber definir os nomes de lei¹²⁹.

Também em suas orações inaugurais, Vico já expressava interesse por esse tema e enunciou a importância do estudo das línguas, com o objetivo de um conhecimento das coisas divinas e humanas. Daí ser relevante a relação entre jurisprudência, doutrina moral, civil e dos dogmas cristãos para a vida em sociedade e, como se afirmou de início, relaciona-se, de forma geral, ao que depois se apresentará como seu projeto de uma nova ciência. Na IV oração, Vico afirma que os homens,

imbuídos da ciência das coisas divinas dedicam-se ao que forma, respectivamente, o homem e o cidadão. A partir daqui, versados neles, os aplicareis facilmente à teologia moral, para que algum dia, a partir das confidências dos príncipes, possas assessorá-lo na administração e o governo dos Estados com os mais sábios conselhos. Logo os conduzireis de modo muito mais rápido à aprendizagem da jurisprudência, que deriva, quase inteiramente, da doutrina moral, civil e dos dogmas cristãos¹³⁰.

Todavia, o *De Ratione*, assim como o *De Antiquissima*¹³¹, enunciam algumas das formulações realizadas no *Direito Universal*. Na obra de 1708, Vico apresenta, por meio da querela entre antigos e modernos, a necessidade de uma reforma do saber, quer para que as ciências morais não sejam esquecidas em detrimento das ciências naturais, quer para se pensar acerca da tradição jusnaturalista. Sobre a jurisprudência inserida na reflexão sobre os saberes, Vico diz que "permaneceu ignorada pelos gregos e para os antigos romanos assumiram forma

¹²⁹VICO, 2007a, p. 9-10: “*nel rincontrare particolarmente i luoghi della civile, egli sentiva un sommo piacere in due cose: una in riflettere nelle somme delle leggi dagli acuti interpreti astratti in massime generali di giusto i particolari motivi dell'equità ch'avevano i giureconsulti e gl'imperadori avvertiti per la giustizia delle cause: la qual cosa l'affezionò agl'interpreti antichi che poi avvertì e giudicò essere i filosofi dell'equità naturale; l'altra in osservare con quanta diligenza i giureconsulti medesimi esaminavano le parole delle leggi, de' decreti del senato e degli editti de' pretori che interpretano: la qual cosa il conciliò agl'interpreti eruditi, che poi avvertì ed estimò essere puri storici del dritto civile romano. Ed entrambi questi due piaceri erano altrettanti segni, l'uno di tutto lo studio che aveva egli da porre l'indagine de principi del dritto universale, l'altro del profitto che egli aveva a fare nella lingua latina, particolarmente negli usi della giurisprudenza romana, la cui più difficil parte è il saper diffinire i nomi di legge*”.

¹³⁰*Idem*, 2002a, p. 70: “*imbuidos de la ciencia de las cosas divinas, dedica os que forman, respectivamente, al hombre y al ciudadano. A partir de aquí, versados en ellos, os aplicaréis fácilmente a la teología moral, para que algún día, a partir de las confidencias de los príncipes, podáis asesorarlos en la administración y el gobierno de los Estados con los mas sabios consejos. Luego os conduciréis de modo mucho más expedito al aprendizaje de la jurisprudencia, que deriva, casi enteramente, de la doctrina moral, civil y la de los dogmas cristianos*”.

¹³¹O próximo tópico abordará os conceitos de *verum* e *certum* e, dessa forma, da relação do *De Antiquissima* com o *Direito Universal*, demonstrando em que sentido tais conceitos são elaborados em ambas as obras.

totalmente diversa"¹³², em virtude de que, para os gregos, a filosofia do direito era transmitida aos oradores pelos filósofos pragmáticos, daí resultando o contato com obras, quer de cunho filosófico, quer discursivo, mas não sobre o Direito. Ademais, os filósofos romanos eram eles mesmos os jurisconsultos, facilitando, assim, a prática das leis discutidas em teoria.

Dessa maneira que os romanos, com a apresentação deles da jurisprudência com o conhecimento das coisas divinas e humanas, vinham a defini-la precisamente como os gregos definiam a sapiência. E, uma vez que consta quase por inteiro de justiça e prudência civil, eles, não com palavras, mas por meio da prática política, aprendiam a doutrina do Estado e da justiça muito mais corretamente que os gregos¹³³.

A orientação retórica no pensamento viquiano sobre o saber incide também nas suas reflexões sobre a problemática filológica inserida na questão do Direito. Isso fez com que ele não se sentisse satisfeito com as ideias jusnaturalistas vigentes em seu período, como aquelas de John Selden, Samuel Pufendorf e Hugo Grotius. A preocupação com o Direito é frequente nas obras de Vico e se faz presente em sua formação intelectual, de tal modo que o levou, mesmo sem sucesso, a concorrer à cátedra de jurisprudência na Universidade de Nápoles¹³⁴, fato que Vico descreve em sua *Vita*, como um “infeliz evento”¹³⁵.

Ainda nessa obra, Vico apresenta Hugo Grotius como o seu quarto autor, após nomear Platão, Tácito e Francis Bacon como seus favoritos. O contato com Grotius e com a sua obra *De iure belli ac pacis* [*Direito de guerra e paz*], de 1625, deu-se por meio da encomenda feita por D. Adriano Caraffa a Vico, para que ele escrevesse sobre a vida do seu tio, Antônio Caraffa¹³⁶. Nesse sentido, ele escreve: “com o objetivo de preparar-se para

¹³²VICO, 2007c, p. 159: “restò ignorata ai greci i romani antichi assunse forma totalmente diversa”.

¹³³*Ibidem*, p.161: “Sicché i romani, col loro presentare la giurisprudenza quale conoscenza delle cose divine e umane, venivano a definirla precisamente come i greci definivano la sapienza. E, poichè questa consta quasi interamente di giustizia e di prudenza civile, essi, non a parole, ma attraverso la pratica politica, conoscevano la dottrina dello Stato e della giustizia lto più a fondo dei greci”.

¹³⁴Peter Burke afirma que este evento na vida de Vico foi um fato importante para a realização do projeto de uma nova ciência: “o Direito universal teve uma recepção dividida. Alguns contemporâneos queixaram-se de sua obscuridade, ao passo que outros, inclusive Jean Le Clerc (1657-1736), o editor de uma das mais importantes revistas da época, a *Bibliothèque Universelle*, viram nele muitas coisas admiráveis. O próprio Vico confiava o bastante em sua contribuição à jurisprudência para competir, em 1723, à cátedra acante de direito civil na Universidade de Nápoles. Deu uma aula-teste, como era costume, mas foi reprovado. Desiludido com o direito, usou seu ócio para desenvolver um projeto ainda mais ambicioso. Sem dúvida, devemos à sua rejeição por parte dos juristas a sua obra mais importante, aquela pela qual é lembrado hoje, a *Ciência Nova*, publicada pela primeira vez em 1725” (Cf. BURKE, 1997, p.38).

¹³⁵Cf. VICO, 2007a, p. 52: “l’infelice evento”.

¹³⁶Sobre a importância da *Vida de Antonio Caraffa* para o pensamento viquiano, Peter Burke afirma que: “esta biografia de um aristocrata local, baseada em papéis de família, encorajou Vico a ampliar seus horizontes e a se interessar não só pela política de Luís XIV [...] como também pela Hungria e pelo Império Otomano. Para avaliar Caraffa [...] Vico sentiu-se “obrigado”, como diz ele, a voltar seus estudos de direito, e em particular a ler o tratado sobre o *Direito de guerra e paz* do grande erudito holandês Hugo de Groot, mas conhecido como Grotius (1583-1645). [...] o Direito de guerra e paz, que leu por volta dos 45 anos de idade, impressionou-o tanto que

escrever essa vida, Vico se viu na obrigação de ler o *De iure*, de Grotius”¹³⁷.

O pensamento grociano é de fundamental importância para a obra viquiana sobre o Direito, sabendo-se que, de início, Vico elogiou o sistema de Grotius, por este considerar a relação entre Filosofia e Filologia como primordiais para o Direito, assim como o estudo das línguas douradas. A importância do *De iure* merece, portanto, ser reconhecida no que concerne ao amadurecimento viquiano ante as questões do Direito. Não obstante, o contato com Grotius, reconhecido como aquele que mais se aproximou de um sistema completo do Direito, não evitou que Vico dirigisse algumas críticas ao autor, em especial por esquecer o papel da Providência em um sistema sobre o Direito, em virtude de prevalecer uma característica material em sua obra. Para Márquez e Alonso:

Temos que ressaltar que não é o racionalismo jusnaturalista defendido pelo jurista holandês o que constitui o principal objeto de devoção viquiana, pois, tal teoria não lhe foi em absoluto transmitida por parte da doutrina pré-viquiana durante a sua época de aprendizagem, mas que, ao contrário, é precisamente tal concepção de Direito natural, compreendido como sistema normativo abstrato e a-histórica, a qual Vico repudia com especial ênfase, basicamente por não ter fundado a sua teoria com base na Providência divina (ou seja, por ignorar a presença de racionalidade na história), há, de acordo com o napolitano, duas representações diáfnas de Grotius: de um lado, a do “autor”, que consegue integrar a filosofia e a filologia, do outro, a de “filósofo” que reflete sobre o Direito natural, sem considerar que “corre no tempo”¹³⁸.

Em virtude disso, mesmo que nos *Prolegômenos* do *De iure*, Grotius faça referência a Deus quando fala do direito natural, a razão humana independe de tal referência, assumindo a sociabilidade como preocupação permanente no seu sistema de Direito.

O homem é um animal, mas um animal de uma natureza superior e que se distancia muito mais de todas as demais espécies de seres animados que possam entre elas se distanciar. É o que testemunham muitas ações próprias

escreveu um comentário sobre ele (hoje perdido) e passou a considerar Grotius como eu “quarto autor”, ao lado de Platão, Tácito e Bacon” (Cf. BURKE, 1997, p. 36-37).

¹³⁷VICO, 2007a, p.44: “*Nell'apparecchiarsi a scrivere questa vita, il Vico se vide in obbligo di leggere Ugon Grozio*”.

¹³⁸MARQUÉZ, José M. Panea; ALONSO, Fernando H. Llano. *Utopía. Moral y Derecho en G. Vico. In: Cuadernos sobre Vico* 9-10, Sevilla, 1998, p. 159: “*hemos de señalar que no es el racionalismo iusnaturalista propugnado por el jurista neerlandés lo que constituye el principal objeto de devoción viquiana, pues dicha teoría no le fue en absoluto transmitida por parte de la doctrina pre-viquiana durante su época de aprendizaje, sino que, al contrario, es precisamente dicha concepción del Derecho natural -entendido como sistema normativo abstracto y ahistórico- la que Vico repudia con especial énfasis, básicamente por no haber fundado su teoría sobre la Providencia divina (es decir, por ignorar la presencia de la racionalidad en la historia); existen, a juicio del napolitano, dos diáfnas representaciones de Grocio: de un lado, la del "autor" que logra integrar la filosofía con la filología, de otro, la del "filósofo" que razona sobre el Derecho natural sin considerar que "corre in tempo"*”.

do gênero humano. Entre essas, encontra-se a necessidade de sociedade, isto é, de comunidade¹³⁹.

Se, por um lado, Vico e Grotius se aproximam pela relevância da relação entre Filologia e Filosofia em suas obras, por outro, distanciam-se quando se trata de investigar os princípios da humanidade. Enquanto Grotius não atenta para a religião como um dos princípios do direito civil das gentes, Vico afirma que a investigação dos costumes dos povos apresenta a religião como um dos seus princípios¹⁴⁰. Para Vico, “a religião é o fundamento das leis”¹⁴¹.

O *Direito Universal* revela, portanto, a preocupação viquiana em fundamentar um princípio único (*uno principio*) que possibilitasse o conhecimento das coisas humanas e divinas. Disso resulta a necessidade de se enfrentar os erros da erudição, por prevalecer uma investigação de caráter exclusivo, quer filosófico, quer filológico. Todavia, Grotius se apresenta para Vico como aquele que, diante da oposição entre Filosofia e Filologia, reporta-se à importância de tal relação, embora Vico apresente os limites do sistema de Grotius, em virtude de seus princípios não apresentarem uma justificação, quer filológica, quer filosófica¹⁴². Tal desacordo com Grotius, no entanto, faz-se mais presente a partir do *De Constantia*, no *De Uno*, Vico afirma que

Hugo Grotius, grande filósofo e excelente filólogo, omite o direito civil dos romanos, tudo no interior do jus natural, para formar aquele completo sistema, que merece o nome de jurisconsulto do gênero humano. Mas quando se põem os seus princípios a rigorosa provação de uma crítica exata, encontram-se mais as suas razões prováveis e verossímeis, que necessárias e invencíveis¹⁴³.

O *De constantia*, no entanto, aborda em sua divisão a coerência da Filosofia [*De*

¹³⁹GROTIUS, Hugo. **Prolegômenos, in: O direito da guerra e da paz** [1716]. Trad.br: Ciro Mioranza, vol. 1, Ijuí: Unijuí, 2004, § 6, p. 37.

¹⁴⁰No item 4.2 do próximo capítulo, a questão sobre as origens do mundo civil será exposta com maior ênfase.

¹⁴¹VICO, Giambattista. *De Constantia Jurisprudētis Liber Alter*. Ed. Francesco Sa. Pomodoro. Napoles: Morano, 1861, p.18: “*la religione è il fondamento delli leggi*”.

¹⁴²Segundo José Expedito Passos Lima: “Em virtude da insuficiência dos antigos intérpretes do Direito, que se satisfizeram apenas com as considerações filosóficas, e daqueles modernos seduzidos pelas letras humanas (*humaniorum literatum*), sem qualquer apoio filosófico, pois rejeitados pela Filosofia do seu tempo, Vico destaca a proposta de Grotius, como filósofo e filólogo, que abandonou o *ius civile* dos romanos e se dedicou ao *ius naturale gentium*, para construir um completo sistema do Direito. Os princípios do sistema grociano, porém, não resistem ao fundamento rigoroso de uma “crítica exata” (*exatae criticae*).” (Cf. LIMA, 2010, p. 230).

¹⁴³VICO, Giambattista. *Dell' unico principio e dell' unico fine del diritto universale*. Trad: Carlo Sarchi, Ed. Milano: P. Agnelli, 1866, p. 14: “*Ugo Grozio, gravissimo filosofo e filologo eccellente tralascia la ragion civile dei Romani, tutto nel Gius naturale internandosi, per formarne quel compiuto sistema che gli merita il nome di Giureconsulto del genere umano. Ma quando pongonsi i suoi principi al rigoroso cimento di una Critica esatta, trovansi le sue ragioni più probabili e verissimili, che necessarie ed invincibili*”.

constantia philosophiae] e a coerência da Filologia [*De constantia philologiae*]. Tais partes revelam a relação de ambas com a questão das leis, da religião, das línguas, assim como da necessidade de submeter a Filologia à Filosofia, em virtude da primeira começar a ser vista como ciência [*a ridurre a principi de scienza*]. Sobre isso, a segunda parte do *De constantia*, ou seja, aquela que trata da coerência da Filologia, tem, em seu primeiro capítulo *Nova scientia tentatur*, o prenúncio do que seria essa ciência nova. No início do *De constantia philologiae*, Vico enumera duas partes da Filologia, são elas: “história das palavras e aquela dos fatos”¹⁴⁴.

A Filologia é, portanto, o estudo e a investigação dos costumes humanos, tomando como objeto de estudo as leis, as línguas e a história das coisas. Sendo assim, o arbítrio da autoridade torna-se presente nesse processo de se conceber a Filologia no âmbito científico. Desse modo, Vico enumera as fontes do saber, como intelecto e vontade, e afirma o seu intuito em demonstrar a coerência da Filosofia e da Filologia na história do Direito. No início da segunda parte do *De Constantia*, Vico diz que

Uma vez que o homem consta de intelecto e vontade, assim, o que quer que ele aprenda, deve ser, ou pelo intelecto ou pela sua vontade, e então tudo que eles dizem como conhecimento se refere ou ao princípio absoluto racional ou ao arbítrio da autoridade. A Filosofia pretende envolver a coerência da razão, vamos agora provar como a filologia torna firme a coerência da autoridade, cuja qual dissemos ser parte da razão¹⁴⁵.

Diante disso, o embate entre Filosofia e Filologia, antes posto por alguns autores, suscita a preocupação de Vico em enfrentar tais erros da erudição. Como já exposto, Descartes e Malebranche desprezaram o estudo da Filologia, como se esta prejudicasse o estudo filosófico ou se tratasse de um mero artifício utilizado por aqueles que não se preocupavam com o critério racional de verdade. Para Vico, “René Descartes e Malebranche disseram não ser ofício do filósofo a longa espera e o prolongamento para o estudo da Filologia”¹⁴⁶. Vico defende a necessidade de se reduzir a Filologia a um princípio racional, ou seja, pautada pela Filosofia, a fim de que verdadeiro [*verum*] e certo [*certum*], razão [*ratio*] e autoridade [*auctoritas*], intelecto [*intellectus*] e vontade [*voluntate*], sejam a concretude da investigação

¹⁴⁴VICO, 1861, p.35: “istoria delle parole e quella de' fati”.

¹⁴⁵*Ibidem*: “Siccome l'uomo consta d'intelletto e volontà, così checchè egli apprenda dee ripeterlo o dall'intelletto o dalla volontà di lui; e quindi tutto ciò che dicono scibile deesi rapportare al principio assoluto razionale, o all'arbitrio dell'autorità. La Filosofia intende a raffermare la costanza della ragione; cerchiamo ora provare come la Filologia rende salda la costanza dell'autorità, la cui mercè dicemmo esser l'autorità parte della ragione”.

¹⁴⁶*Ibidem*, p. 49: “Renato Cartesio e Malebranche dicevano non essere uffizio del filosofo l'attendere molto e lungamento allo studio della Filologia”.

segura dos princípios da humanidade.

3.2 *Verum e Certum no De Constantia*

Já foi exposto que essa obra viquiana sobre o Direito, como afirma a *Sinopsi* ao *Diritto Universale*, “trata de estabelecer um princípio no qual toda a erudição, divina e humana, venha demonstrada”¹⁴⁷. Para tanto é preciso retomar a questão do *verum* e do *certum*, para se compreender a relação entre *ratio* e *auctoritas* e a sua relevância em estabelecer tais princípios. Ainda na *Sinopsi*, Vico “estabelece duas definições- uma do verdadeiro, a saber “conforme a ordem das coisas”, e a do certo, qual seja, “a consciência é segura de que duvida”¹⁴⁸.

Sabe-se que tais vocábulos tiveram a sua formulação no *De Antiquissima*, onde se explicita que o *certum* diz respeito à Filologia, que por sua vez é consciência [*conscientia*] das coisas, já o *verum* se reporta à Filosofia, que nada mais é que a ciência [*scientia*] das coisas. Pelo critério do *verum-factum*, aquilo que é feito, pode ser justificado logicamente pelo seu autor. É, portanto, *verum*, e desse modo pode se ter uma ciência de tal coisa. Contudo, aquilo que não é feito, mas sim observado, participa do *certum*, portanto, é consciência. Disso resulta a distinção, já citada, entre *intelligere* e *cogitare*, o primeiro termo sendo próprio de Deus, como criador de todas as coisas e, conseqüentemente, conhecedor de todas elas, e o segundo pertencendo ao homem, que tem o conhecimento parcial das coisas de que não é o autor, mas pode pensar sobre, *cogitare*. Afirma-se, portanto, a limitação da mente humana, proveniente da corrupta natureza do homem, pois

o homem de Vico é marcado pela experiência do pecado, atravessado por uma debilidade radical que o deixa enfermo no intelecto, na vontade e na linguagem; porém este homem, precisamente porque foi criado à imagem e semelhança de Deus (...), não pode nunca perder o sinal, o rastro de Deus; enquanto finito, tende ao infinito e está determinado pela tensão à verdade (...), e assim, se historicamente deve se contentar com o *certum*, no entanto, este *certum* é sempre *pars veri*¹⁴⁹.

¹⁴⁷VICO, Giambattista. Sinopse do Direito Universal. Trad.br. Humberto Guido. **Educação e Filosofia**, n. 45, v. 23, jan./jun. 2009, p. 311.

¹⁴⁸*Ibidem*.

¹⁴⁹SABETTA, Antonio. *Fuentes cristianas del de antiquissima italarum sapientia In: Cuadernos sobre Vico* 19-20, 2007, p. 110: “El hombre de Vico es el hombre marcado por la experiencia del pecado, atravesado por una debilidad radical que lo deja enfermo en el intelecto, en la voluntad y en el lenguaje; pero este hombre, precisamente porque fue creado a imagen y semejanza de Dios (...), no puede nunca perder la señal, el rastro de Dios; en cuanto finito, él tiende al infinito y está determinado por la tensión a la verdad, y así, si históricamente debe contentarse con el *certum*, sin embargo este *certum* es siempre *pars veri*”.

A mente humana deve atuar dentro do que seu fazer (*facere*) propõe, e esse fazer, por sua vez, apresenta certos limites. Caso fosse de outro modo, não haveria diferença entre Deus e o homem e, conseqüentemente, entre o feito e conhecido por Deus (*facere divino*) e o feito e conhecido pelo homem (*facere humano*): não obstante o homem deva sempre operar em semelhança à ciência divina. Daí Vico sustentar:

uma vez que a ciência humana nasceu de um defeito de nossas mentes, a saber, a sua maiúscula limitação, por se encontrar fora de todas as coisas e por não a conter o que aspira conhecer, e, posto que não contém, não opera as verdades que estuda, são as mais certas aquelas ciências que ilustram este pecado original e resultam, em sua forma de operar, semelhantes à ciência divina, pois nelas o verdadeiro e o feito são convertíveis¹⁵⁰.

O princípio do *verum-factum* é norteador do pensamento de Vico, e se revela como pressuposto para se compreender a sua metafísica. Dessa forma, ao se compreender o critério do *verum ipsum factum*, compreende-se não só um critério de verdade na constituição do saber em Vico¹⁵¹, como também a importância da Providência divina e da vida prática. Todavia, vale ressaltar a relação entre o *verum* e o *factum* e aquela que permeia entre o *verum* e o *certum*. Por um lado, *verum* e *factum* são equivalentes entre si, por outro, a relação entre *verum* e *certum* é de que o *certum* pode, em algum aspecto, corresponder ao *verum*. Para Botturi:

É impossível dar pleno sentido ao discurso viquiano sobre a história, se não se mantém simultaneamente presentes dois princípios: o verdadeiro e o certo não são equivalentes como o verdadeiro e o feito, mas eles não estão tão pouco separados, sendo o certo parte do verdadeiro¹⁵².

As questões formuladas no *De Antiquissima* são de relevante importância para as questões tratadas no *Direito Universal*. Daí a reflexão sobre uma antiga sabedoria [*antiquissima sapientia*], a crítica ao *cogito* cartesiano e o seu limite de conhecimento, o papel do engenho [*ingenium*] para o saber, assim como as faculdades do homem, serem

¹⁵⁰VICO, 2002b, p. 138-139: “Así pues, ya que la ciencia humana ha nacido de un defecto de nuestra mente, a saber, su mayúscula limitación, por la que se encuentra fuera de todas las cosas y por la que no contiene, no opera las verdades que estudia, son las más ciertas aquellas ciencias que lustran este pecado original y resultan, en su forma de operar, similares a la ciencia divina, pues en ellas lo verdadero y lo hecho son convertibles”.

¹⁵¹É preciso ressaltar que o princípio metafísico do *verum factum* é enunciado do *De Ratione*, onde a proposta da obra se reporta a uma nova orientação do saber.

¹⁵²BOTTURI F. *La sapienza della storia. Giambattista Vico e la filosofia pratica. Vita e Pensiero*, Milano 1991, p. 216 *apud* SABETTA, 2011, p 58: “é impossibile dare significato compiuto al discorso vichiano sulla storia, se no si tengono compresenti i due principi: il vero e il certo non sono equivalenti como il vero e il fatto, ma non sono neppure separati, essendo il certo parte del vero”.

contribuições para o projeto viquiano de uma *nuova scientia*, anunciado ainda no capítulo do *De Constantia philologiae*, a saber, *Nova scientia tentatur*.

Nesse capítulo do *De Uno*, tanto a história das palavras como a história dos fatos, citadas por Vico como partes da Filologia, correspondem à importância de se verificar a autoridade do arbítrio humano, incluindo também uma autoridade dos sentidos, que servirá como explicação para o conceito de poesia e sabedoria poética no pensamento viquiano¹⁵³.

Não obstante, é preciso destacar que a questão da investigação viquiana sobre os princípios da jurisprudência, fez com que os filósofos, que pensaram o Direito, mostrassem-se limitados quer ao *certum* dos filólogos, quer ao *verum* dos filósofos, pois privilegiaram exclusivamente a *ratio*, ou meramente a *auctoritas*. Embora Grotius proponha uma conciliação entre Filosofia e Filologia, ainda assim não o fez de maneira a confirmar tal proposta em sua investigação. Para Vico, assim como a ligação entre o *certum* e o *verum*, *ratio* e *auctoritas* apresentam a seguinte relação: “a autoridade é parte da razão, como o certo é do verdadeiro”¹⁵⁴.

Para se esclarecer melhor essa oposição constante entre Filosofia e Filologia na jurisprudência, Vico, em sua *Sinopsi*, discorre sobre a natureza do homem que, mesmo corrupta, de acordo com os princípios da moral cristã, é também fonte de virtudes. Nesse sentido, Vico escreve:

estabelece que o prazer natural do homem íntegro em contemplar a verdade eterna, transformou-se no homem corrompido em uma força que nos dá, com as dores dos sentidos, a verdade. Esta força da verdade diz que a razão humana é corrompida em sua natureza e também [é] fonte das virtudes, tanto intelectuais quanto morais; e destas últimas o fundamento é a humildade do espírito humano, a forma, a caridade, e, por isso, Deus o autor e o fim. Estes são os princípios da moral cristã¹⁵⁵.

Vico defende que “o justo existe por natureza, porque quem é constante quando mede, é justo quando escolhe”¹⁵⁶ e que “existe uma sociedade do justo verdadeiro, a equânime, ou do igualmente útil, que consiste no direito natural imutável”¹⁵⁷. No entanto, para Vico, o que o torna um direito natural imutável, não é a utilidade, como muitos pensaram, mas a ideia de igualdade. A utilidade é como um artifício para que a mente perceba que a causa do

¹⁵³Mais adiante, o capítulo tratará da importância do pensamento viquiano para a viragem do conceito de poesia como *facere* humano.

¹⁵⁴VICO, 2009, p. 313.

¹⁵⁵*Ibidem*, p. 312.

¹⁵⁶*Ibidem*, p. 312.

¹⁵⁷*Ibidem*, p. 312- 313.

justo verdadeiro e eterno, é por sua vez, a igualdade. Segundo o comentário de Sabetta:

Vico, de fato, lamenta a separação da jurisprudência (do direito) com filosofia (ou seja, da verdade), como se revela evidente no ceticismo em relação à justiça (os argumentos de Carnéades) encontrada em Epicuro, Maquiavel, Hobbes, Spinoza, Bayle, para todos os autores para os quais as leis não são outra coisa, senão convenções¹⁵⁸.

Com base nisso, a reflexão sobre o direito natural imutável, revela-se importante para a proposta viquiana de fundamentar uma nova ciência, com uma investigação que não se apresente de maneira unilateral, pois, ao dividi-lo em vontade e intelecto, Vico trata de expor as fontes do saber humano, assim como garantir a coerência da razão e que, ao reduzir a Filologia ao âmbito da ciência, a sua coerência seja também comprovada¹⁵⁹.

A reflexão sobre os vocábulos *verum* e *certum* tem início já no *De Antiquissima*, objetivando a construção de uma nova metafísica. Ao se refletir sobre o *Direito Universal*, faz-se necessário retomar tais vocábulos, em virtude do projeto de uma *nova scientia* ser enunciado no *De Constantia*. No *Direito Universal*, a metafísica se apresenta como pressuposto para se pensar um fundamento para o Direito, pois age como “régua eterna” [*regula aeterna*] na investigação sobre a jurisprudência e seus princípios. Sobre os autores que consideraram o direito imutável pelo viés da utilidade, Vico apresenta a sua crítica mediante uma fundamentação metafísica como régua eterna, em virtude das leis derivarem de uma razão e de uma verdade eterna indagada por essa razão [*verum*], assim como da autoridade que a expressa [*certum*]. Afirma Sabetta:

Para remediar essa incompreensão do sentido do direito, terá que estabelecer um *ius aeternum verum*, aceito por todos em toda parte. Para demonstrar a existência desse direito, e, em seguida, para subtrair ao arbítrio as leis e a justiça que provém da correta aplicação delas, é preciso olhar para a metafísica como crítica da regra eterna do verdadeiro, a qual ensina a *eternam verorum scientia*¹⁶⁰.

¹⁵⁸SABETTA, 2011, p. 55 : “Vico, infatti, lamenta la separazione della giurisprudenza (del diritto) dalla filosofia (cioè dalla verità) come risulta evidente nello scetticismo verso la giustizia (gli argomenti di Carneade) riscontrabile in Epicuro, Machiavelli, Hobbes, Spinoza, Bayle, tutti autori per i quali le leggi non sono altro che convenzioni”.

¹⁵⁹Sobre isso, Exedito Passos comenta que: "Nesse sentido, destaca-se no *De constantia* o primeiro capítulo, *Nova scientia tentatur*, em que Vico fala pela primeira vez de tentar uma *nova scientia*. Para o autor, as fontes humanas de todo saber são o intelecto e a vontade, pois tudo o que se define por saber diz respeito tanto à necessidade da razão (ad rationis necessitatem), quanto ao arbítrio da autoridade (ad auctoritatis arbitrium). Daí a Filosofia assegurar a coerência da razão e a Filologia aquela do arbítrio humano, e de ser a *auctoritas* parte da própria ratio" (LIMA, 2010, p. 234).

¹⁶⁰SABETTA, 2011, p. 55: “Per ovviare a questa incompreensione del senso del diritto occorrerà tabilire uno *ius aeternum verum*, da tutti e dovunque accettato. Per dimostrare l'esistenza di tale diritto, e quindi per sottrarre all'arbitrio le leggi e la giustizia che scaturisce dalla loro corretta applicazione, occorre guardare alla

Após a abordagem desses vocábulos e de confirmar o florescimento da ideia da Filologia como ciência, é preciso, nesse momento, direcionar a exposição à questão do Direito e da História no *De Constantia*, sabendo que pelo teor da obra, tais questões se mostrarão, de todo modo, no âmbito da problemática filológica.

3.3 Direito e História no *De Constantia*

Diante da definição de *verum* e *certum* e da sua importância no projeto viquiano de uma *nuova scientia tentatur* cabe agora uma reflexão acerca desta metafísica como *critica veri* que fundamenta o Direito universal em Vico, a fim de se compreender o processo histórico e o direito das nações, pois, como Collingwood afirma, “a história, para Vico, não diz respeito ao passado como passado. Diz respeito, em primeiro lugar, à verdadeira estrutura da sociedade em que vivemos”¹⁶¹.

Todavia, no *De Constantia*, Vico expõe a tripartição da História com base no modelo de Varrão, onde a História também se apresenta como testemunha do tempo. Ao se falar de tempo obscuro, tempo heróico e tempo histórico, admite-se as três fases da história. Para Vico, “a história, no entanto, é aquela que se faz testemunha do tempo. Até agora os tempos são como Varrão tripartiu, em Obscuro, Fabuloso e Histórico”¹⁶².

No entender de Vico, o direito natural, de acordo com cada época, não se apresenta estático e imutável, mas dependente das oscilações e modificações de cada tempo histórico. O Direito, portanto, concretiza-se na História. Sobre isso, Galeazzi afirma que:

na história ideal eterna se pode ver uma lei histórica que aponta para a "forma" dos acontecimentos, dependente da modalidade típica da mente naquela fase. Há, portanto, uma estreita ligação com a "metafísica da mente" que, estudando precisamente as "modificações" da mente humana permite compreender como da dissolução de certa fase se chega àquela sucessiva¹⁶³.

metafísica come critica e regola eterna del vero, la quale insegna aeternam verorum scientia”.

¹⁶¹ COLLINGWOOD, R.G. **A idéia de História**. São Paulo: Martins Fontes, 1981, p. 111 *apud* AMBROSIO, José de Magalhães Campos. **Giambattista Vico: a poesia histórica do direito**. Rev. Faculdade de Direito-UFU, 2011, p. 9.

¹⁶² VICO, 1861, p. 41: “L' istoria intanto è quella che rende testimonianza de'tempi. Sino ad ora i tempi sono stati con Varrone tripartiti in Oscuro, Favoloso e Istorico”.

¹⁶³ GALEAZZI, Umberto. **Ermeneutica e storia in Vico. Morale, diritto e società nella “Scienza nuova”**. Japadre. Milano, 1993, p. 159-160: “nella storia ideale eterna si può vedere una legge storica che addita la “forma” degli eventi, dependente dalla modalità típica della mente in quella fase. C'è quindi uno stretto legame con la “metafísica della mente” che, studiando appunto le “modificazioni” della mente umana, permette di capire come dalla dissoluzione di una certa fase si arrivi a quella sucessiva”.

Nesse momento, faz-se necessário, portanto, compreender quais conceitos da tradição jusnaturalista são importantes para a reflexão acerca do Direito Universal em Vico, sabendo que a mesma se opõe a essa tradição que formula o Direito sem a efetiva relação com a história e todo o seu processo. Não obstante, devem-se ressaltar aqui os três ramos do Direito romano, a fim de se compreenderem alguns conceitos formulados nessa época e reformulados por autores posteriores. Portanto, tendo como partida as Leis das Doze Tábuas [450 a.C.], prosseguido com as leis voltadas para a Assembléia e por fim, concretizado com o Período do Império, o Direito romano era composto por: *ius civile*, ou direito civil, composto por leis destinadas exclusivamente aos cidadãos romanos, o *ius gentium*, como aquele intermediário entre os romanos e os povos conquistados que, por sua vez, tem inspiração na razão natural e, por esse motivo, tido como comum a todos os povos e conhecido também como direito das gentes; e, por fim; o *ius naturale*, ou direito natural, que contém em si o âmbito teórico-filosófico do Direito, como aquele comum a todos os homens¹⁶⁴.

Nesse sentido, Vico afirma que a primeira autoridade foi de ordem natural, mas só depois veio surgir a autoridade da razão e com ela a autoridade da solidão, ou monástica, e com isso o direito das gentes, que se divide em: “direito das gentes maiores” e “direito das gentes menores”¹⁶⁵. No *De Uno*, Vico afirma que

Por essa sua autoridade monástica, o homem torna-se soberano na solidão; e quando atacado, é preciso lhe proteger a pessoa, consciente da primazia conseguida sobre o agressor, a fim de superá-lo no sentimento de justiça, mata-o nisso, exercitando um direito de soberania ou superioridade. Deste direito de tutela, fundado sobre a superioridade do direito natural, nasceu o direito das gentes, que se pode definir como direito da força. Como a tutela é aquele direito que primeiro se manifesta na vida do homem, assim na vida do Gênero humano, ou seja, na História aparece antes de qualquer outro, o Direito das Gentes, do qual é essência a tutela¹⁶⁶.

¹⁶⁴Cf. SALDANHA, Daniel Cabaleiro. **História e teoria das fontes do direito romano**. 2011. 171f. Dissertação (Mestrado em Direito)- Faculdade de Direito da UFMG. Belo Horizonte, 2011.

¹⁶⁵Na *Sinopsi* sobre o Direito Universal, Vico diferencia "direito das gentes maiores" e "direito das gentes menores", afirmando que: "o primeiro é o direito da violência privada no estado sem lei, e dele, além das famílias, nasceu um outro esboço das repúblicas, o que é demonstrado com as clientelas, as quais, se vêem, na história antiga, espalhadas por todo o Ocidente, sobretudo na Gália, na Alemanha, na Bretanha, na Espanha, na Itália e, enfim, na Grécia; destas nasceram as repúblicas dos ótimos sob o nome de "reinos" na Itália e na Grécia e de "principados" nas demais; e Rômulo tomando-as (as clientelas) das gentes maiores, assim ordenou a sua república". (Cf. VICO, 2009, p. 314).

¹⁶⁶VICO, 1866, p.85: "*per tale sua monastica autorità, l'uomo divien sovrano nella solitudine; e quando, assalito, gli bisogna proteggere la persona, conscio della preminenza avuta sovra l' assalitore, per superarlo nel sentimento della giustizia, lo uccide in ciò esercitando un diritto di superiorità o di sovranità. Da questo diritto di tutela fondato sovra la superiorità naturale nacque il diritto delle Genti, che puossi deffinire il diritto della forza. Siccome la tutela è quel diritto che primo nella vita dell'uomo si manifesta, così nella vita del Genere umano, cioè nella Storia, appare prima di ogni altro il Diritto delle Genti, di cui è essenza la tutela*".

Diante disso, em sua *Sinopsi* Vico revela a necessidade de se investigar os princípios da história profana, no intuito de se compreender o direito das gentes não de modo unilateral, como se demonstrou até então com o nascimento das primeiras repúblicas pelo direito das gentes maiores, mas considerando que há certo aspecto a ser considerado como relevante, a saber, “os verdadeiros princípios da poesia, que se prova ser a primeira história das gentes, logo, ela deve ser também o primeiro lume do direito das gentes”¹⁶⁷.

A questão da poesia traz consigo uma reflexão quer da história, quer da linguagem e dos mitos. Como o princípio da poesia é ignorado, são também ignorados os princípios dos costumes humanos, a saber, aqueles que concernem à idade obscura, pois, para Vico, a poesia é a expressão dos primeiros povos e

os primeiros poetas foram teólogos e com a sua teologia fundaram as repúblicas [...]. A natureza dos homens é feita de tal maneira, que primeiro dão atenção ao necessário, depois ao cômodo, finalmente ao prazer. Assim, pois, antes de todas as artes do cômodo e do prazer, uma vez que elas são devidas à república, nasceu a poesia, a qual ainda se discute se ela nasceu para o útil ou para o deleite, concordando todos nisto: ela não teria nascido de alguma necessidade?¹⁶⁸.

Nesse sentido, a reflexão se encaminha para se compreender a poesia como fazer [*facere*] humano, à medida que se identifica não só com a história, mas na própria história se revela. A poesia, no entanto, não é vista aqui como uma faculdade ou uma mera arte ou gênero artístico, mas como a própria natureza humana mediante seus feitos.

Desse modo, quando se aborda essa problemática na obra viquiana, trata-se consequentemente, dos princípios das comunidades, dos primeiros homens ou primeiros poetas, da validade das fábulas e dos mitos, de uma história que se apresenta como história ideal eterna, por ser capaz de se mostrar coerente sem que se despreze o verossímil e as incertezas que participam do arbítrio humano, mas valorizando uma filosofia do senso comum e o engenho como uma faculdade importante nessa investigação, quer filosófica quer filológica. Segundo Badaloni:

É impossível, diz Vico, falar de uma religião ou de um direito, por exemplo, das gentes menores, até aqui esses objetos não tenham se constituído como tais e não se oferecem, por isso, com a nossa pesquisa. Certamente Vico aqui se refere aos objetos possíveis das ciências humanas em relação ao *facere* histórico e às transformações que as instituições, as línguas, os direitos

¹⁶⁷VICO, 2009, p. 315.

¹⁶⁸*Ibidem*.

sofrem¹⁶⁹.

Nesse contexto destaca-se que a linguagem, para Vico, segue também o curso da história. Os primeiros homens utilizavam uma linguagem poética, pois, a linguagem racional sucede à linguagem poética e, desse modo, Vico demonstrou que por meio do estudo da Filologia e da etimologia, poderia se chegar ao conhecimento dos povos mais antigos e que, por meio da linguagem e deste conhecimento, poder-se-ia investigar a origem das nações, do direito natural das gentes e dos limites da mente humana. Para ele:

Com uma similar distorção, concorda-se naqueles dois princípios, embora eminentemente contrários eles: um é de haverem os poetas falado bastante uma outra língua, nas palavras de Cícero, que a popular, e em seguida Homero e ainda Hesíodo, Orfeu, terem falado uma língua toda própria, e não comum às gentes: o outro, terem sido os poetas os primeiros fundadores da comunidade civil. Porque se os poetas reduzissem a sociedade civil àquele vulgo selvagem e ferino; como poderia então, usar uma língua tão distante do vulgar, que depois formou particularmente uma Gramática para declarar as suas locuções? Ora, estas duas verdades, por um lado discrepantes entre elas, por outro eminentemente verdadeiras, me levaram a duvidar seriamente de que a verdadeira origem da poesia ainda permaneça ignorada¹⁷⁰.

Sobre os heróis da mitologia, vale ressaltar o pensamento concreto em Vico, a saber, a defesa de que o mito não deve ser considerado como narrativa sem qualquer valor histórico, mas como parte dos costumes humanos, assim como esses heróis não podem ser vistos como artificios da linguagem daquela época, que por sua vez não se expressava de forma convencional, mas sim natural, pois, nem mesmo a esses heróis, Vico se reporta como se, de fato, fossem homens reais, mas sim como caracteres poéticos (*caratteri poetici*)¹⁷¹.

A questão da linguagem e a sua relação com a história do direito, apresenta reflexões "muito ligadas a um problema proposto por antigos filósofos gregos: existe uma lei natural ou

¹⁶⁹BADALONI, Nicola. *Introduzione a Vico*. Roma-Bari. Gius. Laterza & Figli, 1984, p.42: "È impossibile, ci dice Vico, parlare di una religione o di un diritto, per esempio, delle genti minori, fino a che questi oggetti non si siano costituiti come tali e non si offrano perciò alla nostra ricerca. Certo Vico riferisce qui a oggetti possibile delle scienze umane in relazione al facere storico e alle trasformazioni che le istituzioni, le lingue, i diritti subiscono".

¹⁷⁰VICO, 1861, p. 48: "con un simile stravolgimento si accordano in quei due principii pur eminentemente tra loro contrarii; l'uno cioè, aver i poeti parlata ben altra lingua, per dirla con Cicerone, che la popolare; e quindi Omero ancora Esiodo, Orfeo, aver favellato una lingua tutta propria, e non comune alle genti: l'altro, essere stati i poeti i primi fondatori delle civili comunanze. Imperocchè se i poeti ridussero a società civile quel vulgo selvatico e ferino; tato d'uopo formarsi particolarmente una Grammatica per dichiarare le altro eminentemente vere, mi dettero a gravemente dubitare che la vera origine della poesia si rimanga tuttora ignorata".

¹⁷¹Sobre isso, Peter Burke afirma que: "[...] não só os deuses como Júpiter e semideuses como Hércules, mas homens como Sólon, Hermes Trismegistus, Rômulo, o lendário fundador de Roma, e o poeta Homero eram todos interpretados por Vico como caracteres poéticos, que os homens inventaram e em que, ao mesmo tempo, acreditaram". (Cf. BURKE, 1997, p. 59).

são as leis meras matérias de convenção?”¹⁷². Ao tratar da linguagem, Vico remonta ao *Crátilo* de Platão e ao questionamento de ser a linguagem de ordem natural ou convencional. Mesmo remetendo tais questões à divisão das três idades históricas, teoria formulada em sua *Ciência Nova*, afirma ser natural aquela forma de linguagem da idade dos deuses, onde a relação de ideia e significado mostrava-se de ordem natural, e a partir da idade heróica houve uma convenção das imagens simbólicas, até ser criado o alfabeto na idade dos homens¹⁷³. Vale ressaltar o que há de incomum na teoria da linguagem de Vico, a saber, a reflexão acerca da linguagem dos primeiros homens. Sobre isso, Burke afirma que:

Ainda mais característico era o destaque dado por Vico à natureza concreta da linguagem primitiva e suas analogias com a linguagem dos poetas em outros períodos. Limitada em seu vocabulário, a linguagem dos primeiros homens era, segundo Vico, o que de mais sublime havia na expressão. Este ponto era absolutamente central para o seu sistema. O fato de que "os primeiros povos fossem poetas" era, dizia ele, a "chave mestra" da sua nova ciência. A poesia era mais velha do que a prosa¹⁷⁴.

A linguagem segue o curso da história e se encontra de diversas maneiras em diferentes tempos e espaços. No entanto, para Vico, há uma língua mental comum a todas as nações. Percebe-se, portanto, o caráter filológico no sentido de identificar, em meio aos diferentes costumes, algo que pertença ao senso comum das nações, pois “certamente o senso comum é uma mente e, ou melhor, é a mesma mente humana das nações em que se devem encontrar os princípios do mundo civil e que necessita contemplar para conduzir a Deus como eterna providência”¹⁷⁵.

Faz-se necessário, portanto, a utilização de uma atividade metafísica a respeito das modificações (*modificazioni*) do gênero humano, de modo a considerar as expressões humanas, os escritos filológicos sobre as nações, e considerar a época, os lugares e tudo o mais que interferir na compreensão da história da humanidade, dando a devida importância ao senso comum e à Providência divina na realização dessa nova ciência, pois

com tais princípios tanto de ideias como de línguas, que é o mesmo que

¹⁷²BURKE, 1997, p. 52.

¹⁷³Sobre isso, Peter Burke comenta: "Quanto a Vico, seu fascínio pelo *Crátilo* de Platão já era visível na Antiga Sabedoria dos italianos, A ciência Nova mostra que ele também estava consciente, ou que se tornara consciente, do recente debate sobre a linguagem natural, inclusive da contribuição feita por outro de seus "quatro autores", Bacon. Vico distinguia três formas principais de comunicação, associadas com as três idades". (Cf. *Ibidem*, p. 53).

¹⁷⁴*Ibidem*, p. 55.

¹⁷⁵MODICA, 1983, p. 16: “*Certamente il senso comune è una mente e, anzi, è la stessa mente umana delle nazioni dentro cui debbono ritrovarsi i principi del mondo civile e che bisogna contemplare per condurla a Dio come eterna provvidenza*”.

dizer com tal filosofia e filologia do gênero humano, desenvolve uma história ideal eterna sobre a ideia da providência, pela qual, como demonstra em toda a obra, está ordenado o direito natural das gentes: sobre cuja história eterna discorrem no tempo todas as histórias particulares das nações com seus nascimentos, progressos, estados, decadências e finais¹⁷⁶.

Nesse sentido, o *De Constantia* se apresenta como uma obra importante para o projeto viquiano de uma Nova Ciência, em virtude de formular algumas questões que serão abordadas na investigação sobre o mundo civil. De todo modo, para a validade de tal investigação, vale confirmar a importância da Filologia como ciência.

3.4 A importância da Filologia na reflexão sobre o Direito: anúncio da *nova scientia*

Quando, no capítulo *Nova Scientia Tentatur*, Vico define a Filologia, percebe-se que não se apresenta somente como o estudo exclusivo das línguas, mas como em tal estudo se apresenta a história e que o processo desse estudo das línguas, suas transformações e usos, apresentam-se mediante as transformações da própria história. Compreender, pois, os costumes humanos e o "mundo das nações", como já foi enunciado, requer uma investigação filológica acerca da linguagem. Vale ressaltar que tal investigação não se limita a compreender meramente a origem e desenvolvimento da linguagem, mas como linguagem e história convergem entre si. Segundo Vico:

a Filologia não é outra coisa senão o estudo e a investigação sobre a língua, cuja pesquisa versa em torno das palavras, e faz a história, e tece as origens e formação delas e, em seguida, as apresenta segundo as várias idades da língua, a fim de que cada um conheça as propriedades delas, as traduções delas e usos¹⁷⁷.

Desse modo, a questão do Direito também participa dessa investigação filológica acerca dos costumes humanos, de modo que, para Vico, o seu Direito Universal e eterno se apresenta não como leis que se mostram presentes em todos os estágios da humanidade, mas sim, uma ideia de Direito presente em todas as nações, que participa do princípio do *verum-factum* e que contém em si questões que convergem o *verum* com o *certum*, a *ratio* com a

¹⁷⁶VICO, 2007a, p. 56-57: “Con s`fatti principi d'idee come di lingue, che vuol dire con tal filosofia e filologia del gener umano, spiega una storia ideale eterna sull'idea della providenza, dalla quale per tutta l'opera dimostra il diritto naturale delle genti ordinato: sulla quale storia eterna corrono in tempo tutte le storie particolari delle nazioni ne' loro sorgimenti, progressi, stati, decadenze e fini”.

¹⁷⁷Idem, 1861, p. 37: “la Filologia non è altro che lo studio e l'investigazione sulla favella, quale ricerca versa intorno alle parole, e fa la loro istoria, mentre viene e tessere le loro origini e la loro formazione, e quindi le rassegna secondo le varie età della lingua, acciocchè ognun conosca le loro proprietà, i loro traslati ed usi”.

auctoritas, assim como o dinamismo com o direito natural imutável e o primordial papel da Providência divina na história. Conforme Galeazzi afirma:

Para entender é preciso lembrar que o adjetivo "eterno" assume dois significados diferentes, até no âmbito de um mesmo período, justamente para expressar a riqueza no pensamento viquiano: em primeiro lugar expressa a eternidade, no sentido estrito, referindo-se à imutabilidade da verdade e da justiça de Deus e, portanto, do plano da Providência na história, um segundo sentido é derivado justamente da realização daquele plano eterno na história e designa o que permanece no devir histórico, as constantes que se apresentam como uniformes e universais e reenviam à verdadeira e própria eternidade do plano¹⁷⁸.

Não obstante, quando Vico defende a ideia de um Direito Universal, tem como escopo demonstrar que o Direito se apresenta nessa característica, de acordo com as fases históricas e nelas mesmas, pois, mais que a formalidade de um sistema de Direito voltado para o estudo das leis, Vico reenvia aos costumes da humanidade, sendo esses por si mesmos incoerentes, mutáveis e obscuros, por dependerem do arbítrio humano, mas que podem apresentar aspectos coerentes com o exercício do *ingenium*, da valorização do senso comum e da redução da Filologia à ciência¹⁷⁹. Do ponto de vista de Modica:

O que Vico, portanto, reivindica, não é nem a substituição simplista do verdadeiro com o verossímil, nem o mero direito de convivência do verossímil ao lado do verdadeiro, do particular ao lado do universal, da prudência ao lado da ciência, mas aquela adequada compreensão do verossímil e do senso comum através da qual a ciência se faça prudente, o universal mergulhe no concreto e o verdadeiro torne-se mais humano¹⁸⁰.

Tal relação entre Filologia e Filosofia, ou seja, entre *certum* e *verum*, *auctoritas* e *ratio*, apresenta-se também na formulação viquiana do Direito Universal, que mesmo

¹⁷⁸GALEAZZI, 1993, p. 155: “*Per capire bisogna tener presente che l'aggettivo "eterno" assume due sensi diversi, magari nell'ambito di uno stesso periodo, proprio per esprimere la ricchezza del pensiero viquiano: in primo luogo esprime l'eternità in senso proprio, riferendosi all'immutabilità della verità e della giustizia di Dio, e, quindi, del disegno della Provvidenza nella storia; un secondo senso è derivato - derivato proprio dall'attuari di quel disegno eterno nella storia- e designa ciò che permane nel divenire storico, le costanti che si presentano come uniformi ed universali e che rinviano alla vera e propria eternità di quel disegno*”.

¹⁷⁹Sobre isso, Sertório comenta: “Inovando diante dos estreitos limites do racionalismo cartesiano, Vico defendeu que para o estudo da história devemos incidir nosso foco de análise sobre os casos particulares, sobre o homem real e concreto, buscando suas intenções mais profundas e uma possível conformidade entre as ideias que nelas estão envolvidas. A constatação desta uniformidade de ideias entre as várias histórias particulares projeta este estudo num patamar mais elevado: a formulação dos princípios universais que regem o curso histórico, isto é, ao estabelecimento da racionalidade imanente ao agir social e histórico do homem”. (NETO, Sertório de Amorim e Silva. **As críticas de Vico e Horkheimer ao racionalismo cartesiano: a negação da razão naturalista em nome da Filosofia Humanista**. Educação e Filosofia – v. 15- n°. 29, 2001, p.184).

¹⁸⁰MODICA, 1983, p. 53: “*Ciò che Vico dunque rivendica non né la semplicistica sostituzione del vero con il verisimile, né il mero diritto di convivenza del verisimile accanto al vero, del particolare accanto all'universale, della prudenza accanto alla scienza, bensì quell'adeguata comprensione del verisimile e del senso comune attraverso cui la scienza si faccia prudente, l'universale s'immerga nel concreto e il vero divenga più umano*”.

apresentando um diálogo com o *De iure* de Grotius, difere no que concerne ao tratamento dos conceitos de direito natural e direito voluntário. Grotius, ao considerar uma investigação quer filosófica, quer filológica, parte para fundamentar o Direito com regras rigorosamente distantes de qualquer consideração do útil, que são representadas por um *giusto* distinto, ou seja, o direito natural (*ius gentium*). Desse modo, Grotius apresenta um dualismo entre direito voluntário e direito natural, de modo que houvesse uma separação entre ambos¹⁸¹. Sobre isso, Fassò alerta:

Vico censura Grotius de haver sem razão retomado os juristas romanos por ter confundido o *ius naturale philosophorum* com o *ius naturale gentium*: censura que a Vico sem dúvida sugerido pela sua compreensão da necessidade histórica da doutrina romana do *ius naturale*, mas que ele somente incidentalmente objeta a Grotius de não tê-lo descoberto¹⁸².

O pensador holandês se vê no embate entre racionalismo e empirismo, ou seja, entre princípios racionais e princípios utilitaristas e, conseqüentemente, retoma o antigo debate que até então parecia estar sanado em seu sistema, a saber: entre Filosofia e Filologia. Para Grotius, o Direito natural, ou *ius gentium*, tem autonomia. Sobre isso, Grotius afirma que

O direito mais amplo é o *jus gentium*, isto é, aquele que recebeu sua força obrigatória da vontade de todas as nações ou de grande número delas. Acrescentei “de grande número” porque, à exceção do direito natural, que costumamos chamá-lo também *jus gentium* (direito das gentes), não encontramos praticamente direito que seja comum a todas as nações. Mais ainda, muitas vezes num ponto do universo, há um tipo de *jus gentium* que não existe em outro lugar¹⁸³.

Para Vico, no entanto, a questão está em unificar, quer o momento racional, quer o empírico, diferindo do dualismo grotiano. O Direito universal de Vico realiza-se na mediação entre Filosofia e Filologia, ou seja, entre o direito verdadeiro e o direito certo, assim “toda lei tem, portanto, em si um elemento de verdade e um de certeza, provenientes, respectivamente,

¹⁸¹Sobre o direito natural em Grotius, Gabriel Ribeiro Barnabé comenta: “O direito natural é imanente à própria natureza social e racional do homem e por isso vincula toda a humanidade. Todos os homens podem conhecê-lo *a priori*, uma vez que são dotados de razão, e também *a posteriori*, pela confirmação na história da humanidade e nas palavras dos sábios. O direito natural também reflete a racionalidade com que Deus criou o mundo e ninguém, nem mesmo Ele poderia alterá-lo, a não ser contradizendo-se” (Cf. Barnabé, G.R. **Hugo Grotius e as relações internacionais: entre o direito e a guerra**. Cadernos de Ética e Filosofia Política 15, 2/2009, p. 31).

¹⁸²FASSÒ, Guido. *I “quattro autori” del Vico. Saggio sulla genesi della Scienza Nuova*. Milano: A. Giuffrè Editore, 1949, p. 96 *apud* SILVA, 2010, p. 88: “Vico rimprovera a Grozio d’aver a torto ripreso i giuristi romani per aver confuso il *ius naturale philosophorum* con il *ius naturale gentium*: rimprovero che al Vico è senza dubbio suggerito dalla sua comprensione della necessità storica della dottrina romana del *ius naturale*, ma che egli soltanto incidentalmente obietta ora a Grozio di non avere scorta”.

¹⁸³GROTIUS, 2004, p.88.

da razão e da autoridade, sem que entre os dois aspectos haja, porém, oposição”¹⁸⁴. Dessa forma, para Reale:

É então que se opera a mutação gnosiológica essencial: aquele mundo concreto da história é um mundo criado pelo homem: aquela ordem civil, com suas leis e seus costumes, é o produto de uma ideia que corre com o tempo; logo, não é apenas justiça, como simples proporção matemática, que se põe cientificamente cognoscível, porque também é suscetível de vero o mundo histórico, a concreção o Justo na história, aquilo que o homem ordena na esfera das utilidades contingentes segundo a medida eterna de igualdade¹⁸⁵.

Quando se fala em termos como *certum e verum*, *ratio* e *auctoritas* e sobre os princípios da humanidade, estabelece-se aqui que o conhecimento acerca da história, assim como da linguagem, da poesia e das leis, recebe como princípio anterior, Deus, sendo ele mesmo o primeiro e eterno princípio, aquele cujo conhecimento deve servir de exemplo para o conhecimento humano. Desse modo “Deus não é só criador da *aeternus ordo rerum* [eterna ordem das coisas], mas constitui também a origem dos princípios das ciências”¹⁸⁶. Após definir o verdadeiro e certo em sua *Sinopsi*, Vico

demonstra que com ordem, pela ordem e na ordem das coisas o homem conhece a verdade daquelas [definições], e por isso, a ideia da ordem demonstra três coisas:

1. Deus é,
 2. é mente infinita,
 3. assim, em nós, graças às ciências, como que por isso, para isso e nisto estão ps princípios das coisas.
- Depois, raciocina sobre a natureza de Deus, qual seja “conhecimento, vontade, poder infinito”, de onde demonstra a natureza do homem, qual seja “conhecimento, vontade, poder finito, que tende ao infinito”¹⁸⁷.

Diante disso, a importância da Filologia em todas as obras viquianas é inquestionável, embora não se formule uma *nuova scientia* nas primeiras obras, muito se percebe que nas enunciações de Vico há um propósito de reparar os danos sofridos até então no âmbito do saber e, conseqüentemente, na vida civil, por alguns autores não atribuírem a merecida importância à Filologia no conhecimento da humanidade ou por outros tratarem das coisas antigas com um pensamento próprio do seu tempo.

¹⁸⁴SABETTA, 2011, p. 57: “ogni legge ha, dunque, in sè un elemento di verità ed uno di certezza, provenienti rispettivamente dalla ragione e dall'autorità, senza però che tra i due aspetti vi sia opposizione”.

¹⁸⁵REALE, 2000, p. 121 *apud* AMBROSIO, 2011, p. 14.

¹⁸⁶SABETTA, 2011, p. 61: “Dio non è solo creatore dell' *aeternus ordo rerum* ma costituisce anche l'origine dei principi delle scienze”.

¹⁸⁷VICO, 2009, p. 311.

O verossímil, o *certum* e a aparente inconstância do arbítrio humano, fizeram que este caminho da investigação filológica não fosse valorizado, quer por sua evidente dificuldade, quer por esquecimento de sua relevância em detrimento de outras questões discutidas com maior interesse, quer pelo o estudo das ciências naturais, quer pelo *more geométrico* e suas ilimitadas aplicações. O *Direito Universal* de Vico consiste em “uma ciência, na qual esteja demonstrada toda erudição divina e humana sobre os princípios da jurisprudência cristã, se fixe no jurisconsulto a constância de agir justamente”¹⁸⁸. Para Vico:

se não estamos felizes, alguma tentativa discorreremos neste Livro dos Princípios da Humanidade, cujo estudo é a Filologia, deduzimos com argumentos necessários da natureza do homem corrupto; e assim reduzir para sistema de ciência a Filologia¹⁸⁹.

O objetivo do *De Constantia*, ao reduzir a Filologia ao âmbito da ciência, é, portanto, demonstrar a coerência da autoridade [*auctoritas*] e assim investigar que o *certum*, o verossímil e o arbítrio humano podem ser investigados com estatuto de serem partes do *verum*. Sobre isso, o capítulo *Nuova scientia tentatur* consiste em definir o objetivo de sua *Nuova Scienza*, tema discutido a seguir.

¹⁸⁸VICO, 2009, p. 332.

¹⁸⁹*Idem*, 1861, p. 50: “*se non felicemente, certo con pio tentativo statuimmo discorrere in questo Libro dei Principi dell'Umanità, il cui studio cosituisce la Filologia, desumendoli con argomenti necessari della natura dell'uom corotto; e così ridurre a sistema di scienza la Filologia*”.

4 SCIENZA NUOVA E VIDA CIVIL: O SENTIDO PRÁTICO DA NOVA CIÊNCIA

Como foi visto, Vico defende a relevância da Filologia articulada à Filosofia, uma vez que com tal relação, ele busca inserir, no cenário da Filosofia Moderna, uma nova orientação de pensamento, utilizando-se de questões de ordem civil, ou seja, do homem no mundo civil, a fim de que uma nova orientação filológica possa contribuir com o seu projeto de uma ciência da gênese do mundo civil das nações. Considerando o critério do *verum-factum*, uma vez que o mundo civil foi feito pelos homens, faz-se necessário situar a história nos conceitos de *verum* e *certum* e, dessa forma, investigar os primórdios da humanidade. Tratar-se-á, nesse momento, de uma investigação que vai além dos limites traçados pelos filólogos ou pelos filósofos, que visa ultrapassar a vaidade das nações [*boria delle nazioni*] e a vaidade dos doutos [*boria dei dotti*] para assim compreender o mundo civil das nações, desde os tempos mais remotos, tendo como base as ações humanas, os seus costumes, os seus mitos e as suas crenças, assim como o papel da Providência divina na gênese desse mundo civil das nações.

4.1 A nova arte crítica viquiana

Após apresentar a Filologia como ciência, para realizar um projeto capaz de observar os costumes dos primeiros povos, assim como buscar compreender as causas desses, Vico percebeu como necessário, atentar a não cair nos erros cometidos pela tradição, no que concerne ao estudo e conhecimento da formação civil. Em virtude disso, Vico tende a uma re-interpretação dos materiais históricos até então conhecidos, pois, não se trata de desprezá-los, mas de exercer um novo exame acerca dos documentos históricos. Nesse sentido, no Livro IV de sua *Scienza Nuova prima* [1725], Vico confirma que para a realização de uma nova metafísica, aquela que trata do homem na vida civil, faz-se necessário se dirigir a duas práticas, “das quais uma é de uma nova arte crítica, que serve como uma tocha para distinguir o verdadeiro na história obscura e fabulosa”¹⁹⁰, sobre a qual a exposição será direcionada nesse momento e onde se apresenta uma investigação adequada do material filológico.

Não obstante, não só os testemunhos das obras e dos doutos são suficientes para esta

¹⁹⁰VICO, Giambattista. *Principi di una Scienza Nuova* [1725]. In: *Opere*. Milano: Arnoldo Mondadori, 2007d, p. 1169: “*delle quali una è di una nuova arte critica, che ne serva di fiaccola da distinguere il vero nella storia oscura e favolosa*”.

ciência, mas principalmente, a sabedoria do senso comum [*sapienza volgare*], uma vez que esta se faz presente, ao seu modo, em toda a história do gênero humano. Sobre isso, Modica comenta:

E o senso comum é assumido justamente como critério antidogmático para proteger não só as atividades humanas não diretamente relacionadas a um uso estritamente crítico da razão – ou seja, aquelas atividades que fazem parte da tópica –, mas também, e por isso mesmo, o homem na sua complexidade e na totalidade do seu ser e do seu fazer¹⁹¹.

Todavia, essa nova arte crítica proposta por Vico não se assemelha à nova crítica de Descartes, uma vez que a orientação viquiana está voltada à investigação do *ethos*, ao passo que a orientação cartesiana visa satisfazer aquele critério de clareza e distinção, em que a verdade se encontra no interior da mente humana e não na construção histórica dos costumes da humanidade. O método cartesiano tende, portanto, a obedecer aos raciocínios lógicos que se adequam aos estudos do mundo natural, mas não respondem às questões da prática moral e civil, além de não valorizar o livre arbítrio como elemento formador do mundo humano¹⁹².

O humano arbítrio (que é o *conato* da *Scienza Nuova*) está determinado (certificado, pela linguagem viquiana) pelo senso comum dos homens; e este senso comum é definido [...] o grande critério [...] onde é tecida toda a trama da história. De tal maneira que o espírito não é mais concebido nem como individual, que tenha fora de si o universal, nem como universal que tenha fora de si o individual: ou melhor individual, como universal¹⁹³.

¹⁹¹MODICA, 1983, p. 70: “*E il senso comune è assunto proprio come criterio antidogmatico per salvaguardare non solo le attività umane non direttamente riconducibili a un uso strettamente critico della ragione - ossia quelle attività che fanno capo alla topica -, ma anche, e per ciò stesso, l'uomo nella complessità e nell' interesse del suo essere e del suo fare*”.

¹⁹²Sobre o limite do método cartesiano, Adda Lamacchia escreve que: “[...] vem negligenciado o estudo da moral, com relação à índole do ânimo, à virtude e aos vícios, a arte dos costumes, do sexo e de todas aquelas coisas que incidem no comportamento individual e comum, [...]. Tal desinteresse causa maior dano quando se presume de introduzir o mesmo método da física na consideração e avaliação da vida prática, moral e civil, ou seja, quando se presume de tratar a natureza humana como se tratam os fenômenos da natureza, subordinados estes últimos às leis naturais; enquanto não é possível reduzir a esse mesmo o mundo humano em quanto o homem é sujeito dotado naturalmente de livre arbítrio, e, portanto, imprevisível no seu comportamento [...]” “[...] viene trascurato lo studio della morale, riguardo all'indole dell'animo, alla virtù e ai vizi, all'arte dei costumi, del sesso e di tutte quelle cose che incidono nel comportamento individuale e comune, [...]]. Tale disinteresse reca maggior danno quando se presume di introdurre lo stesso metodo della fisica nella considerazione e valutazione della vita pratica, morale e civile, ovvero quando si presume di trattare la natura umana come si trattano i fenomeni della natura, subordinati questi ultimi alle sole leggi naturali; mentre non è possibile ridurre a queste stesse il mondo umano in quanto l'uomo è soggetto dotato naturalmente di libero arbitrio, e pertanto imprevedibile nel suo comportamento(...); (Cf. LAMACCHIA, Ada, **Senso Comune e socialità in Giambattista Vico**. Levante editore – Bari, Itália, 2001, p. 44-45).

¹⁹³GENTILE, 1968, p. 132: “*L'umano arbitrio (che è il conato della Scienza Nuova) è determinato (accertato, del linguaggio vichiano) dal senso comune degli uomini; e questo senso comune vien definito[...] il gran criterio[...], onde s'intesse tutta la trama della storia. In guisa che lo spirito non è più concepito né come individuale. Che abbia fuori di sé l' universale, né come universale che abbia fuori di sé l'individuale: anzi individuale, in quanto universale*”.

A nova arte crítica viquiana confirma que o senso comum exerce um papel fundamental no que diz respeito às propriedades do tempo e dos liames civis da humanidade. Na Dignidade XII, relativa aos *Elementos* [*Degli Elementi*] da última edição da *Scienza Nuova* [1744]¹⁹⁴, Vico afirma que

O senso comum é um juízo despido de qualquer reflexão, comumente sentido por toda uma ordem, por todo um povo, por toda uma nação ou por todo o gênero humano.

Essa Dignidade, com a seguinte definição, dará uma nova arte crítica sobre esses autores das nações, dentre os quais devem ter decorrido mais de mil anos até que surgissem ali os escritores, de que até hoje se ocupou a crítica¹⁹⁵.

Nesse sentido, volta-se à questão das duas práticas propostas por Vico para a realização do que se propõe essa nova ciência. Se uma é essa nova arte crítica que até agora se afirmou pelo caráter de investigação dos materiais filológicos e da sabedoria do senso comum, a outra se trata de uma arte diagnóstica, que consiste no caráter prático dessa nova arte crítica e, por isso mesmo, é decorrente dela. A arte diagnóstica se caracteriza pelo sentido prático da investigação que, por meio de uma construção empírica, considera os princípios universais da humanidade. Sobre isso, Vico diz que essa outra prática

é uma arte como diagnóstica, a qual, ajustando-se com a sabedoria do gênero humano, a partir da ordem das coisas da humanidade, dá os graus da sua necessidade ou utilidade e, em última consequência, dá o objetivo principal dessa Ciência, de conhecer os sinais indubitáveis do estado das nações¹⁹⁶.

¹⁹⁴Sobre as Dignidades, Badaloni comenta que: “É possível interpretar as Dignidades viquianas como um 'teatro do mundo', isto é, como uma coleção de *loci communes* [lugares comuns]; mas tal interpretação não pode deixar de ser integrada ao uso de uma estrutura complexa em virtude da qual cada um desses momentos de 'memória', mesmo aqueles de uma nova invenção, se põem em relação com os outros e dão estrutura à sua relevância”. [*È possibile interpretare le Dignità vichiane come un 'teatro del mondo', cioè come una raccolta di loci communes; ma tale interpretazione non può non essere integrata dall'uso di una struttura complessa in forza della quale ciascuno di questi momenti della 'memoria', anche quelli di nuova invenzione, si pongono in rapporto cogli altri e danno alla struttura la sua rilevanza*]. (Cf. BADALONI, 1984, p. 117).

¹⁹⁵VICO, Giambattista. *Principi di scienza nuova* [1744]. In: *Opere*. Milano: Mondadori, 2007e, p. 498-499: “Il senso comune è un guidizio senz'alcuna riflessione, comunemente sentito da tutto un ordine, da tutto un popolo, da tutta una nazione o da tutto il gener umano.

Questa Dignità con la seguente diffinizione ne darà una nuova arte crítica sopra essi autori delle nazioni, tralle quali devono correre assai più di mille anni per provenirvi gli scrittori, sopra i quali finora si è occupata la crítica”.

¹⁹⁶*Idem*, 2007d, p. 1169-1170: “È un' arte come diagnostica, la quale, regolandoci con la sapienza del genere umano, da esso ordine delle cose dell' umanità ne dà i gradi dela loro necessità o utilità e, in ultima consequenza, ne dà il fine principale di questa Scienza di conoscere i segni indubitati dello stato delle nazioni”.

Desse modo é importante destacar que o projeto viquiano de uma *nuova scienza* visa, por meio de uma arte crítica e uma arte diagnóstica, da relação entre Filologia e Filosofia, compreender tanto o curso da história, quanto investigar o papel da poesia no estudo do mundo das nações, assim como do senso comum para perceber o que há de universal no que é particular. Não obstante, reconhecer que a imaginação, a memória, a fantasia e o *ingenium* são faculdades indispensáveis quando se trata de investigar a condição humana. Por isso,

Vico propôs um novo método que revelaria as categorias com as quais os homens pensaram a si mesmos e ao seu mundo, tratando de descobrir as visões de mundo, as perguntas, as aspirações que determinaram a realidade de cada sociedade em particular. Para isso, o tipo de conhecimento que propõe é o intuitivo, próximo do poder imaginativo dos artistas e que era rejeitado fortemente por Descartes. A fantasia nos permitirá penetrar na mente de outras situações, de outra época e nos possibilitará conhecer a condição humana¹⁹⁷.

A fantasia tem papel importante na nova arte crítica viquiana, pois auxilia na compreensão das contínuas mudanças da história, de modo que o método de conhecer estas *modificazioni*, relaciona-se ao método do conhecimento, à medida que se apresenta como um conhecimento que se utiliza da fantasia e da imaginação para reconstituir a história da humanidade e compreender as etapas pelas quais o gênero humano se submeteu.

Por esses motivos, além das categorias tradicionais do conhecimento – dedutivo a priori e empírico a posteriori, que nos dota de percepção pelo sentido e nos ensina pela revelação – deve agora ser considerada uma nova variedade, a da imaginação reconstrutiva. Esse tipo de conhecimento é adquirido “entrando” na vida mental de outras culturas, e em uma variedade de perspectivas que somente a atividade da “fantasia”, ou imaginação torna possível. A “fantasia” é, para Vico, uma forma de conceber o processo da mudança e desenvolvimento social, correlatando-o com, ou vendo-o de fato transmitido pela mudança paralela ou desenvolvimento do simbolismo através do qual os homens procuram expressá-lo, já que as estruturas simbólicas formam parte e são parcela da realidade que simbolizam e com a qual se alteram¹⁹⁸.

¹⁹⁷PAMBLANCO, Amparo Zacarés. *Vico y la poética de la Modernidad*. In: *Cuadernos sobre Vico*, 1, 1991, p. 170: “Vico propuso un nuevo método que revelaría las categorías con las que los hombres se pensaron a sí mismos y a su mundo, tratando de descubrir las visiones del mundo, las preguntas, las aspiraciones que determinaron la realidad de cada sociedad particular. Para ello el tipo de conocimiento que propone es el intuitivo, próximo al poder imaginativo de los artistas y que era rechazado contundentemente por Descartes. La fantasía nos permitirá penetrar en la mente de otras situaciones, de otras épocas y nos permitirá conocer la condición humana”.

¹⁹⁸BERLIN, 1982, p.10.

O método apresentado pela *Scienza Nuova* para se compreender a história é, portanto, pensar cada período, buscando compreender as verdades históricas e universais que cada um, em sua particularidade, possui. Considerar, pois, aquilo que permanece comum a todos eles, de modo que

tal Ciência deve ser uma demonstração, por assim dizer, de fato histórico da providência, pois que deve ser uma história das ordens, sem a qual nenhuma humana percepção ou conselho, e frequentemente contra essas resoluções dos homens, deu a esta grande cidade do gênero humano, pois, conquanto este mundo tenha sido criado no tempo, as ordens, todavia, ali estabelecidas são universais e eternas¹⁹⁹.

Nesse sentido, faz-se necessário discutir os instrumentos utilizados para analisar os costumes humanos desde os primórdios, de modo que o método esteja de acordo a utilizar-se não só daquilo que dizem os filósofos, como se estes, por raciocinarem sobre as humanas ideias, fossem os primeiros a utilizá-las, mas do que dizem os próprios costumes desde a primeira época. Ademais, destaca-se que não está nos escritos filosóficos a origem das ideias, uma vez que se encontra nos primeiros homens²⁰⁰.

Esta ciência é uma história das humanas idéias, na qual parece que deva proceder a metafísica da mente humana; a mesma, rainha das ciências, pela dignidade de que "as ciências devem começar quando começam as matérias", começou desde que os primeiros homens começaram a refletir sobre as humanas idéias²⁰¹.

A nova ciência se apresenta assim, como uma nova arte crítica no que concerne à utilização da autoridade da erudição como instrumento para esse método que analisa os princípios da história humana. Vale ressaltar, no entanto, a importância de se considerar a sabedoria do senso comum, sabendo-se que por ser comum a todas as nações, recebe da Providência divina o seu critério de se apresentar obscuro mediante as *modificazioni* de cada

¹⁹⁹VICO, 2007e, p. 549: “*Laonde cotale Scienza dee essere una dimostrazione, per così dire, di fatto istorico della provvidenza, perché dee essere una storia degli ordini che quella, senza verun umano scorgimento o consiglio, e sovente contro essi proponimenti degli uomini, ha dato a questa gran città del gener umano, ché, quantunque queto mondo sia stato criato in tempo e particolare, però gli ordini ch'ella v'ha posto sono universali ed eterni*”.

²⁰⁰Sobre a vaidade dos douts e das nações, Antônio José Pereira Filho, argumenta: “Ao investigar a história a partir das suas próprias distorções internas, a “nova arte crítica” de Vico é por assim dizer um ajuste de foco em relação à tradição. É por esta via que Vico almeja superar os equívocos do racionalismo triunfante e ensimesmado que permeia a dupla vaidade que atravessa uma época que se apóia num racionalismo incapaz de reconhecer seus próprios limites” (Cf. FILHO, 2004, p. 156).

²⁰¹VICO, 2007e, p. 551: “*Questa Scienza è una storia dell'umane idee, sulla quale sembra dover procedere la metafisica della mente umana; la qual regina delle scienze, per la Dignità che <<le scienze debbono incominciare da che n'incominciò la materia>>, cominciò d'allora ch'i primi uomini cominciarono a umanamente pensare, non già da quando i filosofi cominciarono a riflettere sopra l'umane idee*”.

período, mas, ao mesmo tempo, mostrar-se presente em todos eles, contribuindo assim para uma investigação sobre a origem dos costumes humanos.

E, para determinar os tempos e lugares de tal história, ou seja, quando e onde esses humanos pensamentos nasceram, e verificá-la com suas próprias cronologia e geografia, por assim dizer, metafísicas, esta Ciência usa uma arte crítica, igualmente metafísica, sobre os autores dessas mesmas nações, dentre os quais devem correr mais de mil anos para poderem chegar aos escritores, com os quais a crítica filológica até agora se ocupou. E o critério de que se serve [...], é aquele, ensinado pela providência divina, comum a todas as nações; que é o sentido comum desse gênero humano, determinado pela necessária conveniência das mesmas humanas coisas, que faz toda a beleza deste mundo civil²⁰².

Nesse sentido, para se reportar às mentes primitivas dos povos, é preciso que o trabalho dessa nova arte crítica seja posto em prática, no intuito de compreender o patrimônio construído pela humanidade e se distanciar dos erros que dificultam a investigação dos princípios do mundo das nações.

4.2 As origens do mundo civil das nações

Com base, portanto, nas modificações do gênero humano, Vico se reporta ao que pertence à ordem do comum, a essa sabedoria vulgar [*sapienza volgare*]. Trata-se, nesse momento, do projeto viquiano de uma *Nova Ciência* e de seus princípios, ou seja, como se constitui o pensamento acerca das origens do mundo civil das nações. No entanto, Vico sabe que esse estudo não significa uma mera enumeração de aspectos comuns e universais, mas em não desprezar a obscuridade que o particular oferece, assim como compreender que a mente humana pode pensar sobre o mundo civil das nações, cujo o homem é autor.

Ora, visto que este mundo de nações foi feito pelos homens, vejamos quais são as coisas que com perpetuidade concordaram e ainda concordam todos os homens, pois tais coisas poderão dar os princípios universais e eternos, como se requer de toda a ciência, nas quais surgiram e se conservaram todas as nações²⁰³.

²⁰²VICO, 2007e, p. 551-552: “E per determinar i tempi e i luoghi a sì fatta istoria, cioè quando e dove essi umani pensieri nacquero, e sì accertarla con due sue proprie cronologia e geografia, per dir così, metafisiche, questa Scienza usa un'arte critica, pur metafisica, sopra gli autori d'esse medesime nazioni, tralle quali debbono correre assai più di mille anni per potervi provenir gli scrittori, sopra i quai la critica filologica si è finor occupata. E 'l criterio di che si serve [...], è quello, insegnato dalla provvidenza divina, comune a tutte le nazioni; ch'è il senso comune d'esso gener umano, determinato dalla necessaria convenevolezza delle medesime umane cose, che fa tutta la bellezza di questo mondo civile”.

²⁰³Ibidem, p. 542: “Or, poichè questo mondo di nazioni egli è stato fatto dagli uomini, vediamo in quali cose hanno con perpetuità convenuto e tuttavia vi convengono tutti gli uomini, perchè tali cose ne potranno dare i

A gênese do mundo civil das nações é, portanto, o propósito da *Nova Ciência* de Vico. Contudo, vale destacar que, para a concretude da proposta viquiana, mediante a nova arte crítica e a arte diagnóstica, é preciso que se considere quer a estrutura empírica, quer os aspectos universais que formam o mundo das nações. Como já foi exposto, a história das nações é dividida por Vico em três períodos, o que fundamenta, como afirma a Dignidade LXV que “a ordem das coisas humanas assim ocorreu: primeiro foram as selvas, depois os tugúrios, em seguida as aldeias, logo as cidades e, finalmente, as academias”²⁰⁴. Nesse sentido, como Vico apresenta na Dignidade LIII: “os homens primeiro sentem sem se aperceber, depois se apercebem com espírito perturbado e comovido, e, finalmente, refletem com mente pura”²⁰⁵.

Ao considerar uma sabedoria vulgar das nações [*sapienza volgare delle nazioni*], Vico enumerou os três princípios das nações gentílicas, ou seja, os costumes que se conservaram das nações bárbaras às humanas, mesmo com a distância quer de tempo, quer de espaço. Vico, ao formular esses três princípios, o faz de maneira a esclarecer que, mesmo que os povos sejam desconhecidos entre si, existem ideias comuns entre eles, algo que compreende a totalidade, que existe por motivos comuns e verdadeiros em todas as idades da História e se expressa de formas variadas nos costumes humanos. Daí Vico afirmar:

Observamos todas as nações bárbaras e humanas, ainda que, por imensos intervalos de espaços e tempos, entre si distanciadas, guardarem esses três humanos costumes: todas possuem alguma religião, todas contraem matrimônio solenes, todas sepultam seus mortos; mesmo dentre as nações mais rudes e selvagens, as mais requintadas cerimônias e mais consagradas solenidades residem nas religiões, matrimônios e sepulturas²⁰⁶.

Na figura do frontispício²⁰⁷ da *Scienza Nuova*, Vico já apresenta esses princípios, uma vez que o jarro de água e o fogo no altar representam, para Vico, os símbolos da religião organizada, como os sacrifícios e as cerimônias. Por conseguinte, pode-se sustentar que “estas são as divinas coisas entre os gentios, das quais se originaram, em seguida, todas as coisas

principi universali ed eterni, quali devon essere d'ogni scienza, sopra i quali tutte sursero e tutte vi si conservano in nazioni”.

²⁰⁴VICO, 2007e, p. 519: “L'ordine delle cose umane procedette: che prima furono le selve, dopo i tuguri, quindi i villaggi, appresso le città, finalmente l'accademie”.

²⁰⁵*Ibidem*, p. 515: “Gli uomini prima sentono senz'avvertine, dappoi avvertiscono con animo perturbato e commosso, finalmente riflettono comente pura”.

²⁰⁶*Ibidem*, p. 542: “Osserviamo tutte le nazioni così barbare come umane, quantunque, per immensispazi di luoghi e tempi tra loro lontane, divisamente fondate, custodire questi tre umani costumi: che tutte hanno qualche religione, tutte contraggono matrimoni solenni, tutte seppelliscono i loro morti; né tra nazioni, quantunque selvagge e crude, si celebrano azioni umane con più ricercate cerimonie e più consagrate solennità che religioni, matrimoni e seppolture”.

²⁰⁷O desenho do frontispício serve como introdução à obra. Figura anexada.

humanas”²⁰⁸.

Desse modo, a reflexão sobre os primeiros homens e sobre os princípios do mundo das nações, fez com que Vico percebesse que tais homens deviam ter necessitado de alguma força superior a eles, que ordenasse o caos que o mundo representava. Daí surgir aquele primeiro princípio, a religião. Isso se explica em virtude da mente desses primeiros poetas estar envolvida com a fantasia e a imaginação, uma vez que, como está presente na Dignidade XXXVII; “o mais sublime ofício da poesia é o de às coisas inanimadas dar sentido e paixão”²⁰⁹, acabaram por acreditar de maneira confusa em falsas divindades, pois, pela Dignidade I, Vico afirma que “o homem, por indefinida natureza da mente humana, onde quer que esta se precipite na ignorância, ele faz de si regra do universo”²¹⁰. Vale destacar que a Dignidade XXXII, complementa a afirmação da primeira dignidade, ao dizer que “os homens ignorantes das naturais razões que produzem as coisas, onde quer que não as possam explicar sequer pelas coisas semelhantes, dão às coisas sua própria natureza”²¹¹.

Sobre os primeiros homens e a sua cognição de Deus, afirma-se, portanto, como necessário que, primeiramente fizessem uma ideia confusa e posteriormente ordenada, tendo a Providência divina permitido que assim ocorresse, uma vez que, naquele estado ferino e selvagem, na ausência de leis, a religião se faz presente como um princípio para ordenar as nações, sabendo que “[...] o mundo dos povos por toda parte começou das religiões”²¹². Segundo a Dignidade XXXI: “onde quer que os povos, mediante armas se enfurecam, de modo que já não tenham lugar as humanas leis, o único poderoso meio de amansá-los é a religião”²¹³. Portanto, sobre esse primeiro princípio pode-se dizer que

[...] devemos começar por uma certa cognição de Deus, da qual não estejam privados os homens, conquanto selvagens, ferozes e imanes. Tal cognição demonstramos ser esta: que o homem, decaído na desesperação de todos os socorros da natureza, desejava uma coisa superior que o salvasse. Mas coisa superior à natureza é Deus, e este é o lume que Deus espalhou sobre todos os homens²¹⁴.

²⁰⁸VICO, 2007e, p. 422: “*E queste sono le divine cose appresso i gentili, dalle quali provvenneto poscia loro tutte le cose umane*”.

²⁰⁹*Ibidem*, p. 509: “*Il più sublime lavoro della poesia è alle cose insensate dare senso e passione*”.

²¹⁰*Ibidem*, p. 494: “*L' uomo, per l' indiffinita natura della mente umana, ove questa si rovesci nell' ignoranza, egli fa sé regola dell' universo*”.

²¹¹*Ibidem*, p. 508: “*Gli uomini ignoranti delle naturali cagioni che producon le cose, ove non le possono spiegare nemmeno per cose simili, essi danno alle cose la loro propria natura*”.

²¹²*Ibidem*, p. 507: “[...] *l' mondo de' popoli dappertutto cominciò dalle religioni*”.

²¹³*Ibidem*: “*Ove i popoli son infieriti con le armi, talché non vi abbiamo più luogo l' umane leggi, l' unico potente mezzo di ridurgli è la religione*”.

²¹⁴*Ibidem*, p. 547: “[...] *dobbiamo cominciare da una qualche cognizione di Dio, della quale non sieno privi gli*

No princípio concernente ao matrimônio encontra-se, na figura do frontispício, um archote aceso no altar, que representa a importância da família e enuncia o matrimônio como mais um dos princípios desta Ciência, o primeiro das coisas humanas. Sobre esse princípio, Vico afirma que

a opinião de que os concúbitos de homens livres com mulheres livres, sem solenidades de matrimônios, não contenham nenhuma natural malícia, por todas as nações do mundo é considerada falsa, juntamente com esses costumes humanos, com os quais todas, religiosamente, celebram os matrimônios e com estes definem, em grau embora modesto, ser aquele um pecado bestial²¹⁵.

A urna funerária no chão, por sua vez, representa “a segunda das coisas humanas, pela qual aos latinos de “*humando*”, “*sepultar*”, antes e propriamente é chamada “*humanitas*”, são as sepulturas”²¹⁶, indicando que este costume humano acompanha o homem desde antes da sociedade.

Finalmente, outro grande princípio da humanidade são as sepulturas, imagine-se um estado ferino em que permanecessem insepultos os cadáveres humanos, sendo isca dos corvos e dos cães; e certamente a esse bestial costume deveria acompanhar a dos campos incultos, com as cidades desabitadas, e que os homens à guisa de porcos deveriam comer as glandes de carvalho, cultivadas na putrefação de seus mortos familiares²¹⁷.

O princípio do sepultamento vem antecipar a defesa da imortalidade da alma feita por Platão, tendo em vista que a urna expressa a continuidade das almas dos sepultados. Contudo, outra ideia surge com este princípio, a de divisão dos grupos e o surgimento dos líderes locais. No entender de Vico:

uomini, quantunque selvaggi, fieri ed immani. Tal cognizione dimostriamo esser questa: che l'uomo, caduto nella disperazione di tutti i soccorsi della natura, desidera una cosa superiore che lo salvasse. Ma cosa superiore alla natura è Iddio, e questo è il lume ch'Iddio ha sparso sopra tutti gli uomini”.

²¹⁵VICO, 2007e, p. 544: “*L' oppenione poi ch' i concubiti, certi di fatto, d' uomini liberi con femmine libere senza solennità di matrimonio non contengano niuna naturale malizia, ella da tutte le nazioni del mondo è ripresa di falso con essi costumi umani, co' quali tutte religiosamente celebrano i matrimoni e con essi diffiniscono che, 'n grado benché rimesso, sia tal peccato di bestia”.*

²¹⁶*Ibidem*, p. 422: “*la seconda delle cose umane, per la quale a' latini , da <<humando>>, <<seppellire>>, prima e propriamente vien detta <<humanitas>>, sono le seppulture”.*

²¹⁷*Ibidem*, p. 545: “*Finalmente, quanto gran principio dell'umanità sieno le seppulture, s'immagini uno stato ferino nel quale restinho insepolti e cadaveri umani sopra la terra ad esser éscia de' corvi e cani; ché certamente con questo bestiale costume dee andar di concerto quello d'esser incolti e campi nonché disabitate le città, e che gli uomini a guisa di porci anderebbono a mangiar le ghiande, còltedentro il marciume de' loro morti congionti”.*

[...] na urna está inscrito "D.M", que significa "às almas boas dos sepultados"; cuja expressão divisa o comum consentimento de todo o gênero humano naquele plácito, que mais tarde Platão mostrou ser verdadeiro, vale dizer, que as almas humanas não morrem com seus corpos, mas são imortais. Tal urna assinala, outrossim, a origem entre os próprios gentios da divisão dos campos, na qual se devem buscar as origens da distinção das cidades e dos povos e, finalmente, das nações²¹⁸.

A investigação sobre o processo constitutivo do mundo das nações traz ainda a discussão sobre a natureza delas e, desse modo, vale destacar que Vico divide, após o dilúvio, as duas histórias, a saber: a história sagrada dos hebreus e a história profana dos gentios. Sobre isso Badaloni comenta que

No que concerne ao mundo gentílico, que é um desses objetos, a possibilidade de seu "isolamento" é oferecido pelo que foi chamado de "o mito do Grande Dilúvio", que é, em seguida, obrigado a funcionar como uma condição indispensável da gênese e desenvolvimentos da humanidade gentilesca. Não é, veja bem, a história hebraica, da qual faz parte o dilúvio, que realmente interessa a Vico, mas é o dilúvio que, de modo primário, o induz a levar em consideração a história hebraica, para poder isolá-la daquela gentil²¹⁹.

Daí Vico sustentar, na Dignidade XXIV, que "a religião hebraica foi fundada pelo verdadeiro Deus na proibição da divinação, com base na qual surgiram todas as nações gentílicas"²²⁰. A Dignidade seguinte dá continuidade à reflexão e afirma que

a história sagrada é mais antiga do que as mais antigas profanas histórias que chegaram até nós, pois narra tão claramente e por tão longo período, de mais de oitocentos anos, o estado das famílias, sobre os quais, como todos os políticos concordam, surgiram depois os povos e as cidades, de cujo estado a história profana ou nada ou pouco e muito confusamente relata²²¹.

²¹⁸VICO, 2007e, p. 423: "[...] nell' urna iscritto <<D. M.>>, che vuol dire: <<All' anime buone de' seppelliti>>; il qual motto divisa il comun consentimento di tutto il gener umano in quel placito, dimostrato vero poi da Platone, che le anime umane non muoiano co' loro corpi, ma che sieno immortali. Tal urna accena altresì l' origine tra' gentili medesimi della divisione de' campi, nella quale si deon andar a truovare l' origini della distinzione delle città e de' popoli e alfin delle nazioni".

²¹⁹BADALONI, 1984, p. 43: "per quanto riguarda il mondo gentilesco, che é uno di tali oggetti, la possibilità del suo 'isolamento' è offerta da ciò che è stato chiamato 'il mito del diluvio universale', che è quindi costretto a funzionare come condizione irrinunciabile della genesi e degli svolgimenti dell'umanità gentilesca. Non è, si badi, la storia ebraica, di cui il diluvio è parte, che interessa veramente Vico, ma é il diluvio che, in modo primario, lo induce a tener conto della storia ebraica, per poterla isolare da quella gentilesca".

²²⁰VICO, 2007e, p. 505: "La religione ebraica fu fondata dal vero Dio sul divieto della divinazione, sulla quale sursero tutte le nazioni gentili".

²²¹Ibidem, p. 504-505: "La storia sagra é più antica di tutte le più antiche profane che ci son pervenute, perché narra tanto spiegatamente e per lungo tratto di più di ottocento anni lo stato di natura sotto de' patriarchi, o sia lo stato delle famiglie, sopra le quali tutti i politici convengono che poi sursero i popoli e le città; del quale stato la storia profana e ne ha o nulla o poco e assai confusamente narrato".

A história dos hebreus se apresenta, como Vico afirma, “contra a vaidade das nações [...] pois que os hebreus conservaram, por isso mesmo, tão claramente suas memórias, desde o princípio do mundo”²²². Uma das primeiras questões a serem tratadas nas Dignidades, é, portanto, a de verificar um problema que concerne ao até então desconhecimento da origem da história profana, sobre a qual a ciência nova viquiana medita, ou mesmo uma confusa compreensão tanto por parte dos filósofos quanto dos filólogos. O projeto da *Scienza Nuova* de Vico está no conhecimento quer do nascimento das nações, quer do processo de modificação pelo qual passaram, assimilando a coerência existente em tal investigação. Nesse sentido, Badaloni comenta que

na Ciência Nova ele [Vico] quer chegar a conhecer sobre o nascimento e a processualidade de um objeto delimitado, assume como dado o mundo existente e, além disso, que as escrituras sacras são certamente uma representação metafórica de sua história, de onde, no entanto, é possível extrair a memória e a descrição de alguns fatos. O mais importante deles é o dilúvio, uma vez que rompe todo o elo com as tradições e nos apresenta uma humanidade sobre a qual a propulsão, a partir do presente, se combina depois com uma latência quase absoluta da razão com a ferocidade²²³.

Na Dignidade III, no entanto, a “vaidade das nações” [*boria delle nazioni*] se apresenta, ao contar a sua própria história, do mesmo modo que esclarece que a história sagrada dos hebreus se apresenta contra tal vaidade.

Da vaidade das nações ouvimos aquela áurea citação de Diodoro sículo: que as nações, ou gregas ou bárbaras, tiveram a seguinte vaidade: de terem descoberto, antes das demais, as comodidades da vida humana e conservado as memórias de suas coisas desde o princípio do mundo.

[...] Mas Flávio Josefo, hebreu, redime a sua nação, com aquela confissão magnânima [...]: a de que os hebreus viveram desconhecidos de todos os gentios; e a sagrada história nos assegura que a idade do mundo pode dizer-se jovem, se comparada à velhice que lhe atribuíram os caldeus, os citas, os egípcios e, até nossos dias, os chineses. O que é uma prova da verdade da história sagrada²²⁴.

²²²VICO, 2007e, p. 505: “contro la boria delle nazioni [...], perocché gli ebrei han conservato tanto spiegatamente le loro memorie fin dal principio del mondo”.

²²³BADALONI, 1984, p.47: “nella Scienza Nuova egli vuole arrivare a conoscere la nascita e la processualità di un oggetto delimitato, assume come dato il mondo esistente e inoltre che le sacre scritture sono una rappresentazione certamente metaforica della sua storia, da cui tuttavia è possibile ricavare la memoria e la descrizione di alcuni fatti. Il più importante di essi è il diluvio, in quanto rompe ogni legame colle tradizioni e ci presenta un'umanità, sulla quale la propulsione, a partire dal presente, si combina ivi con una latenza pressoché assoluta della ragione ovvero colla ferinità”.

²²⁴VICO, 2007e, p. 495: “Della boria delle nazioni udimmo quell'aureo detoo di Diodoro sicolo: che le nazioni, o greche o barbare, abbiano avuto tal boria: d' aver esse prima di tutte l' altre ritruovati i comodi della vita umana e conservar le memorie delle loro cose fin dal principio del mondo.

Na Dignidade IV, Vico se dirige a outro tipo, a “ vaidade dos doutos” [*boria dei dotti*], que se caracteriza por interpretações equivocadas ou meramente descuidadas feitas pelos eruditos acerca do mundo primitivo, pois “a tal vaidade de nações, se acresce, aqui, a vaidade dos doutos, os quais, tudo o que sabem, querem que seja tão antigo quanto o mundo”²²⁵.

Compreende-se, portanto, que em virtude da “ vaidade”, quer aquela das nações, quer aquela dos doutos, surgem equívocos na investigação dos princípios do mundo civil das nações²²⁶, de modo a comprometer a devida interpretação da natureza obscura da humanidade, pois “a mente humana, por sua indefinida natureza, onde quer que se perca na ignorância, faz de si própria regra do universo de tudo aquilo que ignora”²²⁷. Na Dignidade II, Vico afirma que “outra propriedade da mente humana é que os homens, sempre que das coisas remotas e desconhecidas não podem fazer nenhuma idéia, estimam-nas pelas próprias coisas conhecidas e presentes”²²⁸.

Vale ressaltar que essa abordagem sobre a mente humana, como regra geral de todas as coisas, traz a questão sobre o gênero humano e o seu livre arbítrio enquanto parte de uma sociedade, e a necessidade do auxílio de Deus para refrear as paixões e a debilidade do homem, a fim de, por auxílio da graça divina, a virtude se faça presente. A Dignidade VIII permite reconhecer a questão da natureza do homem, pois “as coisas fora de seu estado natural não se constituem nem permanecem”²²⁹. No corolário que se segue, o questionamento proposto é o de ser essa natureza humana, uma natureza sociável e, conseqüentemente, a existência de um direito na natureza:

[...] *Ma Flavio Giuseffo ebreo ne purga la sua nazione, con quella confessione magnanima [...]: che gli ebrei avevano vivuto nascoti a tutti i gentili; e la sacra storia ci accerta l' età del mondo essere quasi giovine a petto della vecchiezza che ne credettero i caldei, gli sciti, gli egizi e fin al di d' oggi i chinesi. Lo che è una gran pruova della verità della storia sagra*”.

²²⁵VICO, 2007e, p. 495: “A tal boria di nazioni s'aggiugne qui la boria de' dotti, i quali, ciò ch'essi sanno, vogliono che sia antico quanto che 'l mondo”.

²²⁶Sobre isso Modica comenta que: “Por isso, a polêmica contra a filosofia monástica pode ser lida segundo a sua ligação implícita ao tema da << vaidade>> dos doutos e das nações, porque a vaidade se fundamenta precisamente sobre a pretensão de que a verdade seja monopólio exclusivo de alguém e, portanto, ela se abriga substancialmente no desrespeito a um senso comum cheio daquela verdade que é, porém, patrimônio inesgotável da humanidade”. [*Perciò la polemica contro la filosofia monastica può esser letta secondo la sua implicita connessione al tema della << boria>> dei dotti e delle nazioni, ché la boria si fonda proprio sulla pretesa che la verità sia monopolio esclusivo di qualcuno e, dunque, essa s'annida sostanzialmente nel misconoscimento d'un senso comune gravido di quella verità che è bensì inesauribile patrimonio dell'umanità intera*].(Cf. MODICA, 1983, p. 151).

²²⁷VICO, 2007e, p. 508: “la mente umana, per la sua indiffinita natura, ove si rovesci nell' ignoranza, essa fa sé regola dell' universo d'intorno a tutto quello che ignora”.

²²⁸*Ibidem*, p. 494-495: “altra proprietà della mente umana ch'ove gli uomini delle cose lontane e non conosciute non possono fare niuna idea, le stimano dalle cose loro conosciute e presenti”.

²²⁹*Ibidem*, p. 497: “Le cose fuori del loro stato naturale né vi si adagiano né vi durano”.

Somente essa Dignidade, pois que o gênero humano, desde que se tem memória do mundo, viveu e vive sofrivelmente em sociedade, dirigem a grande disputa, de que os melhores filósofos e os morais teólogos ainda discutem com Carnéades, cético, e com Epicuro (nem mesmo Grotius lhe deu um ponto final): se haverá ou não direito na natureza, ou se a humana natureza será sociável, que são as mesma coisa. Essa mesma Dignidade [...] prova que o homem dispõe de livre-arbítrio, conquanto débil, em fazer das paixões virtudes: desde que por Deus naturalmente auxiliado, com a divina providência e, sobrenaturalmente, pela divina graça²³⁰.

Tal abordagem prossegue na Dignidade CIV, onde “é uma expressão digna de consideração a de Díon Cássio: que a consuetude é semelhante ao rei, e a lei ao tirano”²³¹. Desse modo, Vico insere, no corolário, dessa mesma dignidade, uma afirmação sobre a problemática da natureza humana e do direito natural, quando afirma que a natureza humana é sociável e que o direito natural conserva os costumes humanos da natureza comum das nações,

pois, o direito natural das gentes, tendo sido ordenado pelos costumes [...], não ordenado por lei [...], pois que nasceu com esses costumes humanos provenientes da natureza comum das nações (que é a matéria adequada desta Ciência), e tal direito conserva a humana sociedade; não existindo nada mais natural (pois não existe nada mais agradável) do que celebrar os naturais costumes: por tudo isso a natureza humana, de que saíram os costumes, é sociável²³².

Mais adiante, Vico cita autores como Grótius, Selden e Pufendorf no que concerne à reflexão sobre o direito natural das gentes, pois tal questão inclui o modo como esses autores trataram do direito natural sem considerar o papel da divina Providência e, por isso, no seu entender, apresentaram sistemas sem a eficácia necessária para se tratar do mundo das nações.

²³⁰VICO, 2007e, p. 497: “*Questa Dignità sola, poiché 'l gener umano, da che si há memoria del mondo, há vivuto e vive comportevolmente in società, ella determina la gran disputa, della quale i migliori filosofi e i morali teoloi ancora contendono con Carneade scettico e con Epicuro (né Grozio l'ha pur inchiovata): se vi sia diritto in natura, o se l'umana natura sai socievole, che suonano la medesima cosa. Questa medesima Dignità, [...] prova che l'uomo abbia libero arbitrio, però debole, di fare delle passioni virtù; m'ache da Dio è aiutato naturalmente con la divina provvidenza, e soprannaturalmente dalla divina grazia*”.

²³¹*Ibidem*, p. 535: “*È un detto degno di considerazione quello di Dion Cassio: che la consuetudine è simile al re e la legge al tirano*”.

²³²*Ibidem*, p. 535-536: “*Perché, il diritto natural delle genti essendo stato ordinato dalla consuetudine [...], non ordinato con legge [...], perocché egli é nato con essi costumi umani usciti dalla natura comune delle nazioni (ch' è 'l subbietto adeguato di questa Scienza), e tal diritto conserva l' umana società; né essendovi cosa più naturale (perché non vi è cosa che piaccia più) che celebrare i naturali costumi: per tutto ciò la natura umana, dalla quale sono usciti tali costumi, ella é socievole*”.

Essa mesma dignidade, com a oitava e seu corolário, demonstra que o homem não é absolutamente injusto por natureza, mas decaído e débil por natureza decaída e fraca. E, por consequência, demonstra o primeiro princípio da cristã religião, que é Adão íntegro, como deve numa idéia ótima ter sido criado por Deus. E assim demonstra os católicos princípios da graça: que ela opera no homem, que terá privação, não a negação das boas obras, dispondo de uma potência ineficaz, sendo, portanto, eficaz a mesma graça; que, por isso, não possa estar sem o princípio do livre arbítrio, o qual é naturalmente por Deus auxiliado com a sua providência [...], sobre a qual a cristã concorda com todas as outras religiões. Era sobre isso que Grotius, Seldeno, Pufendorfio deviam, antes de mais nada, fundar seus sistemas e concordar com os romanos jurisconsultos, que definem o direito natural das gentes como tendo sido pela divina providência ordenado²³³.

A questão do direito natural traz consigo a reflexão, quer da Providência divina, quer do arbítrio humano, em virtude de ambos representarem um papel importante na investigação dos primórdios do mundo das nações. Do mesmo modo, tal questão reflete o caráter genético da ciência nova, proposta por Vico, uma vez que, ao buscar compreender os costumes dos primeiros homens e abstrair alguns princípios presentes em todas as nações, Vico não só empreende uma pesquisa de cunho filosófico e filológico, mas uma metafísica do mundo civil.

Por tudo isso, na deplorada obscuridade dos primórdios e na variedade inumerável dos costumes das nações, sobre um argumento divino, que contém todas as coisas humanas, não se podem aqui mais sublimes provas desejar senão as mesmas que nos darão a natureza, a ordem e o fim, que é a conservação do gênero humano²³⁴.

Nesse sentido, apresentam-se aqui a religião, o matrimônio e o sepultamento dos mortos, como os três princípios correspondentes aos costumes da humanidade. Daí afirmar a Dignidade XIII, que “ideias uniformes originadas junto à totalidade dos povos, não conhecidos entre si, devem ter um motivo comum de verdade”²³⁵. Tal Dignidade fez com que

²³³VICO, 2007e, p. 536: “*Questa stessa Dignità, com l' VII e l' di lei corollario, dimostra che l'uomo non è ingiusto per natura assolutamente, ma per natura caduta e debole, E n conseguenza dimostra il primo principio della cristiana religione, che'è Adamo intiero, qual dovette nell'idea orrima essere stato criato da Dio. E quindi dimostra i catolici principi della grazia: ch' ella operi nell' uomo, ch' abbia la privazione, non la negazione delle buon' opere, e si ne abbia una potenza inefficace, e perciò sia efficace la grazia; che perciò non può stare senza il principio dell' arbitrio libero, il quale naturalmente à da Dio aiutato con la di lui provvedenza [...], sulla quale la cristiana conviene con tutte l' altre religione. Ch' era quello sopra di che Grozio, Seldeno, Pufendorfio dovevano, innanzi ogni altra cosa, fondar i loro sistemi e convenire coi romani giureconsulti, che diffiniscono il diritto natural delle genti essere stato dalla divina provvedenza ordinato*”.

²³⁴*Ibidem*, p. 549-550: “*Per tutto ciò, nella deplorata oscurità de' principi e nell' innumerabile varietà de' costumi delle nazioni, sopra un argomento divino che contiene tutte le cose umane, qui pruove non si possono più sublimi disiderare che queste istesse che ci daranno la naturalezza, l' ordine e l' fine, ch' è essa conservazione del gener umano*”.

²³⁵*Ibidem*, p. 499: “*Idee uniformi nate appo intieri popoli tra essoloro non conosciuti debbon avere un motivo comune di vero*”.

Vico considerasse em tais princípios, presentes pela investigação do senso comum, que a providência divina ensina aos homens a compreender as modificações dessa ciência da humanidade, ajudam a regular as paixões desenfreadas e a liberdade ferina do gênero humano. Sobre isso, Vico afirma que “dessas três coisas começou toda a humanidade, e por isso devem ser preservadas de modo sacrossanto, a fim de que o mundo não se volte à ferinidade e não mergulhe na selva”²³⁶. Essa passagem corresponde ao alerta viquiano de uma nova barbárie, pois, havendo uma decomposição daquilo que constitui a vida civil e, de certo modo, os interesses se voltem para uma concepção abstrata e racionalizante, corre-se o risco de uma barbárie, a barbárie da reflexão. Nesse momento é necessário destacar o importante papel da Filologia no interesse sobre o mundo civil das nações.

4.3 Filologia e mundo civil

A formulação desses princípios citados se relaciona com a atividade de uma investigação filológica, voltada para a vida civil, assim como na relevante associação entre Filosofia e Filologia para a realização de uma ciência prática. Com isso, vale destacar que na Dignidade V, Vico confirma a sua insatisfação com aqueles sistemas já citados, que negam o papel da Providência divina no mundo civil, como os epicuristas que afirmam o acaso, ou os estóicos que renegam os sentidos, pois assim, apresentam uma moral individual, solitária e que não contempla os princípios das nações e, conseqüentemente, a vida civil. Para Vico, “a filosofia, para servir ao gênero humano, deve soerguer e governar o homem decaído e débil, sem lhe distorcer a natureza, nem abandoná-lo à própria corrupção”²³⁷.

Ao criticar os autores que não consideraram a vida civil em seu verdadeiro sentido, Vico afirma que, ao desprezarem o arbítrio humano e relevarem a importância do senso comum e da Providência divina, acabaram por formar alguns tratados voltados para a política, sem considerar esses aspectos que, no entender de Vico, são importantes para a formação de um pensamento ético-político.

[...]nem os epicuristas, que não afirmam mais do que o corpo, e com o corpo o acaso, nem os estóicos que afirmam Deus num infinito corpo, infinitamente sujeita ao fado (que seriam por tal parte spinozistas), puderam raciocinar da república ou tampouco das leis, e Benedictus Spinoza fala de

²³⁶VICO, 2007e, p. 542: “*da queste tre cose incominciò appo tutte l' umanità, e per ciò si debbano santissimamente custodire da tutte perché 'l mondo non s'infierisca ensi rinselvi di nuovo*”.

²³⁷*Ibidem*, p. 496: “*La filosofia, per giovar al gener umano, dee sollevare e reggere l' uomo caduto e debole, non convellerli la natura né abbandonarlo nella sua corruzione*”.

uma república como a sociedade de mercadores²³⁸.

A Providência divina, para Vico, age de modo a impedir que a utilidade, o acaso ou uma moral solitária, presentes nos sistemas desses filósofos que não consideram, quer o papel providente de Deus, quer o arbítrio humano e o senso comum como formadores do mundo civil, sejam relevantes ao se falar na formação do mundo das nações, para que o gênero humano seja, desse modo, considerado por seu caráter civil e não por um caráter individual. Na Dignidade VII, Vico diz que

a legislação considera o homem tal como é, para destes fazer bons usos na humana sociedade: como da ferocidade, da avarizia, da ambição, que são os três vícios que levam através de todo o gênero humano, os converte na força militar, no comércio, nos tribunais, e assim na fortaleza, na opulência e na sabedoria das repúblicas; e nesses três grandes vícios, que certamente destruiriam a humana geração sobre a terra, constrói civil felicidade. Essa dignidade prova que existe providência divina, sendo uma divina mente legisladora, que das paixões dos homens, todos presos às suas privadas utilidades, pelos quais viveriam como ferozes animais dentro das solidões, criou as ordens civis para viverem numa humana sociedade²³⁹.

A Filologia, portanto, faz perceber os aspectos importantes da nova ciência no que concerne à investigação do mundo civil, seja quando demonstra o lugar da Providência divina na história, do senso comum, da memória, da fantasia, do arbítrio humano, seja quando se reduz à ciência e investiga os princípios das nações. Por isso, mesmo com as modificações [*modificazioni*], o certo [*certum*] se relaciona com o verdadeiro [*verum*]. Daí Vico sustentar que “a filosofia considera a razão, de que procede a ciência do verdadeiro; a Filologia observa a autoridade do arbítrio humano, donde se origina a consciência do certo”²⁴⁰. Disso resulta que “as tradições vulgares devem ter tido públicos motivos de verdade, por isso nasceram e se conservaram por inteiros povos, em longos espaços de tempo”²⁴¹. Para Sabetta:

²³⁸ *Ibidem*, p. 543-544: “né gli epicurei, che non danno altro che corpo e, col corpo, il caso, né gli stoici, che danno Dio in infinito corpo infinita mente soggetta al fato (che sarebbero per tal parte gli sponosisti), poterono ragionare di repubblica né di leggi, e Benedetto Spinosa parla di repubblica come d’una società che fusse di mercadanti”.

²³⁹ VICO, 2007e, p. 497: “La legislazione considera l’uomo qual è, per farne buoni usi nell’umana società; come della ferocia, dell’avarizia, dell’ambizione, che sono gli tre vizi che portano a travverso tutto gener umano, ne fa la milizia, la mercatanzia e la corte, e si la fortaleza, l’opulenza e la sapienza delle repubbliche; e di questi tre grandi vizi, i quali certamente distruggerebbero l’umana generazione sopra la terra, ne fa la civile felicità.

Questa Dignità pruova esservi provvedenza divina e che ella sia una divina mente legislatrice, la quale delle passioni degli uomini, tutti attenuti alle loro private utilità, per le quali viverebbono da fiere bestie dentro le solitudini, ne ha fatto gli ordini civili per gli quali vivano in umana società”.

²⁴⁰ *Ibidem*, p. 498: “La filosofia contempla la ragione, onde viene la scienza del vero; la filologia osserva l’autorità dell’umano arbitrio, onde viene la coscienza del certo”.

²⁴¹ *Ibidem*, p. 500: “Le tradizioni volgari devon avere avuto pubblici motivi di vero, onde nacquero e si conservarono da intieri popoli per lunghi spazi di tempi”.

Sendo o mundo civil das nações feito pelos homens, como verdadeiros autores da história e não “fantoques” guiados pela Razão universal (qualquer seja o sentido que queiram atribuir a esta última), ele está sempre exposto, ameaçado pela possibilidade de que o homem, uma vez que livre, se distraia da ordem, e em vez de aí corresponder, persiga caminhos diferentes que o conduzem à mentira e à destruição, todavia, como a realidade criada é insuperavelmente um projeto de bem, é o próprio Deus, enquanto providência, que garante o bem do homem, não tanto de forma extraordinária e “pontual”, através da intervenção milagrosa do externo, mas normalmente, assegurando assim que até da negação radical do fim (erramento ferino e solidão bestial) ressurgam aquelas virtudes que reconduzem ao reconhecimento e à sequela do plano providencial²⁴².

Como foi exposto, Vico utiliza a interpretação do frontispício para demonstrar a disposição de alguns elementos que constituem o conteúdo de sua Ciência, entre eles, a explicação sobre o raio de luz oriundo da divina providência, representando a cognição de Deus e sua relação com a Metafísica que, por meio da jóia convexa, possibilita compreender a Providência como princípio metafísico presente nas coisas humanas. Não obstante, por meio dessa jóia convexa, o raio luminoso, que representa a cognição de Deus, reflete-se pela Metafísica e ilumina a estátua de Homero, o que traz a afirmação de que Homero representa, no entender de Vico, o primeiro autor da gentilidade. Tal interpretação revela que, por meio desse raio de luz, ou seja, por meio da cognição de Deus refletida pela Metafísica, torna-se possível compreender as origens e os rumos tomados pelas nações, ou seja, que a cognição de Deus não termina nela mesma, mas ilumina o mundo civil, representando assim uma nova Metafísica, à medida que a jóia se apresenta como convexa e direciona o raio da cognição de Deus ao mundo dos homens.

a cognição de Deus não termina nela [Metafísica], permitindo-lhe iluminar-se particularmente de dotes intelectuais, e, assim, regularmentar apenas seus fatos morais, como até hoje fizeram os filósofos; fato que se deveria admitir se a jóia fosse plana. Mas, sendo convexa, refrange o raio e o expande, para que a metafísica conheça Deus, providente nas coisas morais públicas, ou seja, nos costumes civis, com os quais chegaram ao mundo e se conservaram

²⁴²SABETTA, 2011, p.122: “*Essendo il mondo civile delle nazioni fatto dagli uomini, quali veri autori della storia e non "marionette" guidate dalla Ragione universale (qualunque sia il senso che a quest' ultima si voglia attribuire), esso è sempre esposto, minacciato, dalla possibilità che l'uomo, poiché libero, si distolga dall'ordine e anziché corrispondervi persegua strade diverse che lo conducono verso la menzogna e la distruzione; tuttavia, poiché la realtà creata è anche insuperabilmente dentro un disegno di bene, è Dio stesso, in quanto provvidenza, che garantisce il bene dell'uomo non tanto in forma straordinaria e "puntuale", attraverso miracolosi interventi dall'esterno, ma ordinariamente, facendo sì che persino dalla negazione radicale del fine (erramento ferino e solitudine bestiale) risorgano quelle virtù che riconducono al riconoscimento e alla sequela del disegno provvidenziale*”.

as nações²⁴³.

Quando, no entanto, atribui-se a Deus o caráter providente no mundo civil, é possível, no primeiro momento, surgirem questões sobre como essa Providência ocorre sem que a religião cristã e a transcendência divina sejam postas em dúvida no pensamento viquiano. Quando se trata do papel providente na história e no mundo civil, imediatamente se põe a questão da liberdade do indivíduo. No entanto, o homem, no entender de Vico, não está preso a um determinismo, nem tampouco na posse do acaso, mas é guiado pela providência de Deus. Todavia, a Providência divina não impede que o senso comum e o arbítrio humano se façam presentes na história das nações, muito distinto disso é o que ocorre, pois Deus age como criador e providente, como causa infinita precedente do mundo das nações. Todavia, o homem é reconhecido como autor da história, aquele que a constitui e a modifica. Sobre isso, Galeazzi comenta:

Pode-se dizer que a liberdade humana é propriamente reconhecida porque, em Vico, a Providência não se resolve na lógica imanente das coisas ou da história, mas é uma guia, um governo que, mesmo agindo imanentemente na concretude dos acontecimentos humanos, é obra do Criador que quis e quer o homem livre. Tanto é verdadeiro que não impede os erros, as involuções mais desumanizantes, fruto das escolhas dos homens. E, no entanto, apesar dessas involuções, predispõe as ocasiões e os êxitos para a retomada dos costumes naturais humanos e a salvaguarda da *humanitas*. Mas isso é possível porque a Providência não se reduz à lógica da evolução histórica, que absolutizaria cada fato fazendo deles um momento necessário de desenvolvimento do Absoluto, mas, como o arquiteto [...] não se reduz ao seu projeto, mas o precede, o causa e o transcende infinitamente²⁴⁴.

Diante do que foi exposto sobre os primeiros homens, deve-se destacar que além desta ciência ser raciocinada pela Providência divina e confirmando a liberdade do arbítrio humano, cabe ao homem o *conatus*, algo próprio da natureza da sua vontade, como diz Vico,

²⁴³VICO, 2007e, p. 418: “*la cognizione di Dio non termini in esso lei, perch' ella privatamente s' illumini dell' intellettuali, e quindi regoli le sue sole morali cose, siccome finor han fatto i filosofi; lo che se sarebbe significato con un gioiello piano. Ma convesso, ove il raggio si rifrange e risparge al di fuori, perché la metafisica conosca Dio provvedente nelle cose morali pubbliche, o sia ne' costumi civili, co' quali sono provenute al mondo e si conservan le nazioni*”.

²⁴⁴GALEAZZI, 1993, p. 170: “*Si può dire che la libertà umana è riconosciuta proprio perché nel Vico, la Provvidenza non si risolve nella logica immanente delle cose o della storia, ma è una guida, un governo che, pur agendo imanentemente nella concretezza delle umane vicende, è opera del Creatore che ha voluto e vuole l'uomo libero. Tanto è vero che non impedisce gli erramenti, le involuzioni più disumanizzanti, frutto delle scelte degli uomini. E, tuttavia, pur da queste involuzioni, predispone le occasioni e gli esiti per la ripresa dei naturali costumi umani e la salvaguardia dell'humanitas. Ma ciò è possibile perché la Provvidenza non si riduce alla logica dell'evoluzione storica, che assolutizzerebbe ogni fatto facendone un momento necessario dello sviluppo dell'Assoluto, ma, come l' architetto [...] non si riduce al suo progetto, bensì lo precede, lo causa e lo transcende infinitamente*”.

que refreia aquilo que o corpo fornece à mente, medita sobre essas impressões e reflete como homem sábio. Para Vico,

esses primeiros homens, que foram mais tarde os príncipes das nações gentílicas, deviam pensar por fortes impulsos de violentíssimas paixões, que é o pensamento dos animais. Assim, devemos proceder de uma vulgar metafísica [...], e daquela repetir o pensamento assustador de uma certa divindade, que às paixões bestiais desses homens perdidos deu forma e medida e as transformou em paixões humanas. Desse pensamento teve de nascer o conato, que é próprio da humana vontade, de refrear os movimentos impressos à mente pelo corpo, para ou com efeito aquetá-los, que é próprio do homem sábio, ou dar-lhes, ao menos, outra direção para melhores usos, que é próprio do homem civil²⁴⁵.

Por isso, ao investigar a história dos primeiros homens, compreende-se o processo pelo qual passou o gênero humano, uma vez que a virtude da sabedoria poética precede a reflexão filosófica. Ademais, Vico apresenta assim o método desta Ciência para realizar a investigação sobre a origem e as transformações das nações, as “modificações” [*modificazioni*] da mente humana, a retroceder às origens da humanidade por meio da aproximação com a capacidade imaginativa dos primeiros homens, realizando isso com uma reflexão acerca destas questões, como quando enumera aqueles princípios citados anteriormente. Percebe-se tal intenção de Vico, mesmo diante da dificuldade do processo, quando ele propõe “descer destas nossas humanas civilizadas naturezas àquelas realmente selvagens e imanes”²⁴⁶. Sobre isso, Maria Luque comenta que

histórica e geneticamente a sabedoria poética precede à filosofia e, nesse sentido, a imaginação e os caracteres poéticos precedem a razão e seus conceitos, e também, como destaca Vico, esta etapa poética é indispensável, posto que sem ela não seria possível o passo à reflexão filosófica, a uma lógica de conceitos, não há em seu pensamento um caminho explícito que nos permita ir de uma à outra²⁴⁷.

²⁴⁵VICO, 2007e, p. 547: “*Ma tali primi uomini, che furono poi i principi delle nazioni gentili, dovevano pensare a forti spinte di violentissime passioni, ch' è il pensare da bestie. Quindi dobbiamo andare da una vulgar metafisica [...], e da quelle ripetere il pensiero spaventoso d' una qualche divinità, ch' alle passioni bestiali di tal' uomini perduti pose modo e mistura e le rendé passioni umane. Da cotal pensiero dovette nascere il conato, il qual è propio dell' umana volontà, di tener in freno i moti impresi alla mente dal corpo, per o affatto acquetargli, ch'è dell' uomo sappingente, o almeno dar loro altra direzione ad usi migliori, ch'è dell' uomo civile*”.

²⁴⁶*Ibidem*, p. 546-547: “*e dovemmo discendere da queste nostre umane ingentilite nature a quelle affatto fiere ed immani*”.

²⁴⁷LUQUE, Maria Isabel Ramírez. *La reivindicación de la sabiduría poética em G.B. Vico e A. Machado*. In: **Cuadernos sobre Vico** 1,1991, p.72: “*histórica y genéticamente la sabiduría poética precede a la filosofía y, en este sentido, la imaginación y los caracteres poéticos preceden a la razón y sus conceptos, y aunque, como señala Vico, esta etapa poética es indispensable puesto que sin ella no sería posible el paso a la reflexión filosófica, a una lógica de conceptos, no hay en su pensamiento un camino explícito que nos permita ir de la una a la otra*”.

A *Scienza Nuova* representa, portanto, uma teologia civil, quer pela relação das coisas humanas e das coisas divinas, quer pelo importante papel da Providência divina na vida civil. Por isso, a metafísica proposta por Vico reflete sobre uma nova metafísica, à medida que não fundamenta a Física, mas pensa uma filosofia moral que, por meio de uma atividade filológica, elabora os princípios do mundo civil das nações. Trata-se, portanto, de uma metafísica que busca por meio do senso comum, extrair do *certum* o *verum* e praticar a investigação quer diagnóstica, quer crítica.

A investigação conduzida até aqui tem mostrado como o papel do senso comum como um critério de Ciência Nova – pelo qual o senso comum é a base sobre o qual se apoia a <<nova arte crítica>> - seja essencialmente inseparável do papel do senso comum como norma do mundo das nações - pelo qual o senso comum é, ao contrário, a base sobre a qual se apoia a <<arte diagnóstica>> -, de modo que a <<arte crítica>> e <<arte diagnóstica>>, em vez de operar como <<duas práticas>> perfeitamente paralelas e, portanto, inalcançáveis, elas acabam se envolvendo reciprocamente, como se para constituir em uma única prática na qual a função não meramente filológica, mas filosófica e aliás, metafísica, própria da << arte crítica>> se faz intrínseco suporte da função ética da <<arte diagnóstica>>²⁴⁸.

Desse modo, a relação entre Filologia e Filosofia é imprescindível no projeto viquiano de uma Nova Ciência, sendo a Filosofia o princípio universal que comprova a investigação filológica, ou seja, a relação entre o universal e o particular justifica uma nova metafísica que busca compreender as coisas do mundo civil, tendo em vista que “este mundo civil foi certamente feito pelos homens, cujos princípios podem, porque devem, ser descobertos dentro das modificações de nossa própria mente humana”²⁴⁹. Todavia, vale destacar nessa investigação que “os homens que não sabem a verdade das coisas, procuram ater-se ao certo, pois, não podendo satisfazer ao intelecto com a ciência, que, ao menos, a vontade repouse sobre a consciência”²⁵⁰.

²⁴⁸MODICA, 1983, p. 145: “L’indagine fin qui condotta ha mostrato come il ruolo del senso comune come criterio della Scienza nuova - per il quale il senso comune è la base stessa su cui poggia la << nuova arte critica>> - sia sostanzialmente inscindibile dal ruolo del senso comune come norma del mondo delle nazioni - per il quale il senso comune è invece la base su cui poggia l’ <<arte diagnostica>> -, si che <<arte critica>> e << arte diagnostica>>, piuttosto che operare come << due pratiche>> perfettamente parallele e, dunque, incongiungibili, finiscono per implicarsi vicendevolmente, quasi a costituire un’unica pratica nella quale la funzione non meramente filologica, ma filosofica e anzi metafisica propria dell’ << arte critica>> si fa intrinseco supporto della funzione in ultima analisi etica dell’ << arte dignostica>>”.

²⁴⁹VICO, 2007e, p. 541-542: “questo mondo civil egli certamente è stato fatto dagli uomini, onde se ne possono, perché se ne debbono, ritrovare i principi dentro le modificazioni della nostra mente umana”.

²⁵⁰Ibidem, p. 498: “gli uomini che non sanno il vero delle cose procurano d’ attenersi al certo, perché, non potendo soddisfare l’ intelletto com la scienza, almeno la volontà riposi sulla coscienza”.

4.4 O sentido prático da nova ciência

Ao apresentar o projeto viquiano da *Nuova Scienza*, assim como o caminho percorrido à concretização do mesmo, reflete-se, em especial, sobre o caráter prático da obra, mediante a preocupação viquiana, quer quando se investiga a natureza humana quer na formação do indivíduo e de um *ethos*. Para Vico

Isso significa que a academia, com tais princípios e com tal critério de verdade, doutrina a juventude que a natureza do mundo civil, que é o mundo que foi feito pelos homens, tem tal matéria e tal forma que esses homens fizeram; ao que cada um desses dois princípios, que o compõem, sejam da mesma natureza e tenham a mesma propriedade que tem esse corpo e essa alma razoável, das duas partes, a primeira é a matéria e a segunda é a forma do homem²⁵¹.

Contudo, para Vico, muito se tem refletido, até então, sobre as ciências naturais, de modo a não se pensar sobre o mundo civil das nações que, como foi exposto, o homem por ter feito, pode verdadeiramente ter ciência.

A bem refletir sobre tal fato, causa estranheza [verificar] como todos os filósofos seriamente estudaram o modo de obter a ciência deste mundo natural, do qual, pois que Deus o fez, somente ele tem ciência; e deixaram de meditar este mundo das nações, ou seja, o mundo civil, do qual, pois que o fizeram os homens, podiam obter sua ciência os homens²⁵².

O critério do *verum factum*, assim como a distinção entre *verum* e *certum*, tanto quanto a convergência de ambos os conceitos vistos anteriormente, fez, portanto, que Vico refletisse sobre o mundo civil por meio da metafísica, enquanto como metafísica das humanas coisas, considerando que as ciências tiveram seu início não quando os primeiros filósofos refletiram sobre as coisas, mas quando as coisas mesmas começaram a existir, ou seja, quando os primeiros homens começaram a pensar, uma vez que se deve considerar o sentir metafórico dos primeiros homens e o caráter verdadeiro do senso comum.

²⁵¹VICO, Giambattista. *La Scienza Nuova. Introduzione e note di Paolo Rossi*. Ed: Rizzoli, Milan, 1977, p. 717: “Ciò vuol dire che l'accademie, com tai principi e com tal critério di verità, addottrinino la gioventù che la natura del mondo civile, ch'è 'l mondo il qual è stato fatto dagli uomini, abbia tal matéria e tal forma quali essi uomini hanno; laonde ciascuno di essi due principi, che 'l compongono, sia dela stessa natura ed abbia le stesse proprietà c'hanno esso corpo ed essa anima ragionevole, delle quali due parti la prima è la matéria e la seconda è la forma dell'uomo”.

²⁵²*Idem*, 2007e, p. 542: “Lo che, a chiunque vi rifletta, dee recar meraviglia come tutti i filosofi serioamente si studiarono di conseguire la scienza di questo mondo naturale, del quale, perché Iddio egli il fece, esso solo ne ha la scienza; e traccurano di meditare su questo mondo delle nazioni, o sia mondo civile, del quale, perché l'avevano fatto gli uomini, ne potevano conseguire la scienza gli uomini”.

Diante do dogmatismo e do ceticismo, entre a verdade absoluta e a não-verdade absoluta, Vico atribui ao verossímil, em consonância com a centralidade da poético e da retórica, o papel do critério certo de todo o conhecimento humano da verdade. A sensibilidade metafórica é experiência de verdade no duplo sentido do genitivo: é verdadeira experiência e experiência verdadeira, experiência verificada e veritativa. Ainda assim, essa verdade não é a verdade da evidência, a qual exige uma linguagem prévia e sua expressão, uma lógica racional dada com antecedência, não é uma verdade universalista, que pode pretender valer em todo âmbito discursivo. Tampouco é a verdade particularista de uns sentidos concebidos passivamente, que não é nenhuma verdade. É, no entanto, a verdade do sentido comum. A verdade humana, em contraste com a divina, é sensível, mas de uma sensibilidade que não é mera percepção sensível, passividade, mas que comporta de forma semelhante à divina, à atividade, à produtividade, à criatividade; o verdadeiro é o feito (*verum ipsum factum*) o que parece ao olhar da mesma mente fantástica que o criou: a verdade humana é uma verdade poética²⁵³.

O alerta viquiano, no entanto, não se orienta no sentido de atribuir uma racionalidade primeira àqueles primeiros homens, pois, como foi visto, tinham a mente instaurada na imaginação e na fantasia, uma vez que, para Vico, “a fantasia é tanto mais robusta quanto mais débil é o raciocínio”²⁵⁴, mas em considerar o processo natural de formação da mesma. Daí Vico escrever que

[...] esta Ciência é uma história das humanas ideias, na qual parece que deva proceder a metafísica da mente humana; a mesma, rainha das ciências, pela dignidade de que “as ciências devem começar quando começam as matérias”, começou desde que os primeiros homens começaram a humanamente pensar, não quando os filósofos começaram a refletir sobre as humanas idéias²⁵⁵.

Com isso, a Metafísica se apresenta como o caminho a ser seguido quando se busca compreender o sentido comum das nações. Trata-se, no entanto, de uma nova Metafísica, pois

²⁵³CASANOVA, José A. Marín. *Un sentir metafórico común: Vico y Blumenberg*. In: **Cuadernos sobre Vico** 9/10, 1998, p. 113-114: “Frente al dogmatismo y al escepticismo, entre la verdad absoluta y la no-verdad absoluta, Vico asigna a lo verosímil, en consonancia con la centralidad de lo poético y lo retórico, el papel de criterio cierto de todo conocimiento humano de la verdad. La sensibilidad metafórica es experiencia de verdad en el doble sentido del genitivo: es verdadera experiencia y experiencia verdadera, experiencia verificada y veritativa. Ahora bien, esa verdad no es la verdad de la evidencia, la cual exige un lenguaje previo a su expresión, una lógica racional dada de antemano, no es una verdad universalista, que pueda pretender valer en todo ámbito discursivo. Tampoco es la verdad particularista de unos sentidos concebidos pasivamente, que no es ninguna verdad. Es, sin embargo, la verdad del sentido común. La verdad humana, en contraste con la divina, lo es sensible, pero de una sensibilidad que no es mera percepción sensible, pasividad, sino que comporta, de modo afín a la divina, actividad, productividad, creatividad: lo verdadero es lo hecho (*verum ipsum factum*), lo que aparece a la mirada de la misma mente fantástica que lo ha creado: la verdad humana es una verdad poética”.

²⁵⁴VICO, 2007e, p. 509: “La fantasia tanto è più robusta quanto è più debole il raciocinio”.

²⁵⁵*Ibidem*, p.551: “per quest’altro principale suo aspetto, questa Scienza è una storia dell’umane idee, sulla qualle sembra dover proceder ela metafísica dela mente umana; la qual regina delle scienze, per la Dignità che <<le scienze debbono incominciare da che n’incominciò la matéria>>, cominciò d’allora ch’i primi uomini cominciarono a umanamente pensare, non già da quando i filosofi cominciarono a riflettere sopra l’umane idee”.

se opõe àquela da natureza e se apresenta em virtude de apreender o processo do viver civil. Desse modo a Filologia reduzida a uma ciência, é importante para investigar princípios que, diferentes dos postulados até então, direcionam-se à vida civil e estão raciocinados pela Providência divina, principal aspecto para a concretude de tal ciência. Daí Vico afirmar que

por um de seus principais aspectos, esta Ciência deve ser uma teologia civil raciocinada pela providência divina. A qual parece ter faltado até agora, pois os filósofos ou a desconhecaram de todo, como os estóicos e os epicuristas, para quem um concurso cego de átomos agita as atividades dos homens, e aqueles, que uma surda corrente de razões e de efeitos acaba por arrastá-las; ou a consideraram somente na ordem das naturais coisas, quando por "teologia natural" chamavam a metafísica, na qual contemplam esse atributo de Deus, e o confirmam com a ordem física, que se observa nos movimentos dos corpos, como das esferas, dos elementos, e da razão final sobre as outras naturais coisas menos observadas²⁵⁶.

A crítica de Vico se dirige, em todo o percurso de formação do seu projeto, àqueles que não deram a devida atenção ao papel da Providência divina na vida prática dos homens e atribuíram outras razões à ordem ou sentido do mundo, como se, ao considerarem a importância de Deus no âmbito civil estivessem, ou limitando a perspectiva racional de criação e conhecimento do homem, ou meramente atribuindo a Deus proporções que não o pertencem. No entanto, para Vico, o sentido da Providência no mundo civil das nações é bem mais amplo e significativo e contribui para o caráter prático dessa ciência. Por isso, esses filósofos deviam

raciocinar com toda propriedade da expressão, com a qual a providência foi chamada "divindade" de "divinari", "advinhar", ou seja, entender o que está oculto aos homens, que é o futuro, ou o que é oculto dos homens, que é a consciência [...]. Por isso, tal Ciência deve ser uma demonstração, por assim dizer, de fato histórico da providência, pois que deve ser uma história das ordens, sem a qual nenhuma humana percepção ou conselho, e frequentemente contra essas resoluções dos homens, deu a esta grande cidade do gênero humano, pois, conquanto este mundo tenha sido criado no tempo, as ordens, todavia, ali estabelecidas são universais e eternas²⁵⁷.

²⁵⁶VICO, 2007e, p. 548-549: "*Perciò questa Scienza, per uno de' suoi principali aspetti, dev' essere una teologia civile ragionata della provvidenza divina. La quale sembra aver affatto, come gli stoici e gli epicurei, de' quali questi dicono che un concorso cieco d' atomi agita, quelli che una sorda catena di cagioni e d' effetti strascina le faccende degli uomini; o l' hanno considerata solamente sull' ordine delle naturali cose, onde <<teologia naturale>> essi chiamano la metafisica, nella quale contemplano questo attributo di Dio, e l' confermano con l' ordine fisico che si osserva ne' moti de' corpi, come delle sfere, degli elementi, e nella cagion finale sopra l' altre naturali cose minori osservata*".

²⁵⁷Ibidem, p. 549: "*ragionare con tutta la proprietà della voce, con la quale la provvidenza fu appellata <<divinità>> da <<divinari>>, <<indovinare>>, ovvero intendere o 'l nascosto agli uomini, ch' è l' avvenire, o 'l nascosto degli uomini, ch' è la coscienza [...]; Laonde cotale Scienza dee essere una dimostrazione, per così dire, di fatto istorico della provvidenza, perché dee essere una storia degli ordini che quella, senza verun umano*

Nesse sentido, vale também destacar que, ao propor esta nova ciência, Vico apresenta um sentido prático à mesma, em virtude da crítica aos que não consideraram o valor das ciências morais, em especial Descartes, ou meramente não as abordaram de maneira a considerar suas obscuridades, suas modificações e verossimilhanças. Contudo, a tradição apresentava equívocos nessa investigação sobre o conhecimento humano, seja quando tratava somente do particular, seja quando atentava exclusivamente ao universal. A questão é que, para Vico, nenhuma dessas unilateralidades demonstra o método a ser seguido quando se trata de compreender a história das nações.

em todos os lugares durante a celebração do critério da verdade do mesmo Renato, que é a clara e distinta percepção, o qual, não definido, é mais incerto do que a de Epicuro, neste sentido evidente de cada homem, em que cada paixão nos faz parecer evidente, conduz rapidamente ao ceticismo, que, conhecendo a verdade nata dentro de nós mesmos, pouca coisa tem em conta aqueles que devem ser recolhidos a partir do exterior, que necessitam reencontrar-se com a tópica para impedir o verossímil, o senso comum e a autoridade do gênero humano e, portanto, desaprovam os estudos que necessitamos, que são aqueles dos oradores, dos historiadores e dos poetas, e das línguas em que eles falavam²⁵⁸.

Ao se reportar, portanto, às histórias dos povos, Vico tem o intuito de encontrar uma universalidade humana, ou natureza humana por meio das manifestações históricas e, até mesmo, além delas²⁵⁹. Quando propõe essa relação entre Filosofia e Filologia ou seja, de considerar tanto o particular quanto o universal, Vico tem como preocupação fundamental essa ciência de modo a não cair no erro de se abordar somente aquilo que a razão conhece, ou meramente aquilo que a experiência oferece, mas, diante do ciclo de saberes, utilizar ambos para o procedimento da *Scienza Nuova*, assim como considerar as produções históricas do

scorgimento o consiglio, e sovente centro essi proponimenti degli uomini, ha dato a questa gran città del gener umano, ché, quantunque questo mondo sia stato criato in tempo e particolare, però gli ordini ch' ella v' ha posto sono universale ed eterni".

²⁵⁸VICO, 2007b, p. 335: "*dappertutto celebrandosi il criterio della verità del medesimo Renato, che è la chiara e distinta percezione, il quale, non difinito, è più incerto di quel di Epicuro, que il senso evidente di ciascheduno, il qual ogni passione ci fa parrer evidente, conduce di leggieri allo scetticismo, il quale, sconoscendo le verità nate dentro di noi medesimi, poco anzi niun conto tiene di quelle che si deono raccogliere dal di fuori, che bisognano ritrovarsi con la topica per fermare il verisimile, il senso comune e l'autorità del gener umano; e perciò si disapprovano gli studi che a ciò bisognano, che sono quelli degli oratori, degli storici e de'poeti e delle lingue nelle quali essi parlarono*".

²⁵⁹Sobre isso, Vilma Souza comenta que: "Foi igualmente viquiana a intuição de que, do estudo da filologia e da etimologia se pode chegar ao conhecimento da vida espiritual dos povos mais antigos, e das fábulas, dos poetas, da vida da aurora da civilização. A isso ele juntou, por ter discernido um novo nexo entre a linguagem, o conhecimento e a poesia, a possibilidade de conhecer a origem das nações e o direito natural dos povos, além dos limites da história" (Cf. SOUZA, Vilma De Katinszky Barreto de, A história e a filologia na Ciência Nova de Giambattista Vico. In: **Fragmentos**, número 33, p. 293/307 Florianópolis/ jul - dez/ 2007, p.300).

mundo das nações, pois,

para Vico o filósofo, ao refletir sobre as capacidades construtivas do homem, se encontra ante três planos de objetos. Um é matemático, onde a mente humana pode chegar ao conhecimento pleno já que o matemático produz criativamente. O outro plano é o físico no qual não se pode construir plenamente e do qual, conseqüentemente, não há ciência estrita. O terceiro plano está formado pelas produções históricas que, como a natureza, são reais, porém, ao serem criadas pelo homem, não estão tão distantes do conhecimento pleno como as naturezas físicas²⁶⁰.

Sobre essa questão, Benedetto Croce confirma o apelo de Vico ao método de filosofar acertado de Francis Bacon, exposto em seu livro *Cogitata et visa*. O intuito de Vico é trasportar esse método, que Bacon utiliza no mundo natural, para as coisas civis, o que lhe exigiu tratar a investigação sobre a história das nações, além do exame empírico, mas enquanto realidade concreta sujeita ao exame quer filosófico, quer filológico. Para tanto, faz-se necessário

a construção de uma história típica das sociedades humanas (*cogitare*) para verificar, em seguida, nos fatos (*videre*), garantindo com os fatos, a construção ideal e tornando realidade com a construção ideal os fatos, confirmando a razão com a autoridade e a autoridade com a razão, de uma ciência que fosse ao mesmo tempo filosofia da humanidade e história universal das nações. Ora, esta construção que ele exigiu, este algo entre o *cogitare* e *videre*, entre pensamento e experiência, este misto dos dois processos é intrinsecamente diferente da unidade, de filosofia e filologia como interpretação filosófica dos dados dos fatos. Esta interpretação é a história viva, a outra não é nem filosofia, nem história, mas uma ciência empírica do homem e das sociedades, materialização de esquemas que não são as categorias extratemporais filosóficas e tão pouco os individuais fatos históricos (embora sem categorias filosóficas e sem fatos históricos jamais poderia se construir): uma ciência empírica e, por isso nem exata nem verdadeira, mas apenas aproximativa e provável, e sujeita a verificação e correção tanto por parte da filosofia, como da história.²⁶¹

²⁶⁰LÓPEZ, 1999, p. 53-54: “para Vico el filósofo, al reflexionar sobre las capacidades constructivas del hombre, se encuentra ante tres planos de objetos. Uno el matemático, donde la mente humana puede llegar al conocimiento pleno ya que el matemático produce creadoramente. El otro plano es el físico en el cual no puede construir plenamente y del cual, en consecuencia, no hay ciencia estricta. El tercer plano está formado por las producciones históricas que, al igual que la naturaleza, son reales, pero al estar hechas creadoramente por el hombre, no están tan alejadas del conocimiento pleno como las naturalezas físicas”.

²⁶¹CROCE, B. *La filosofia di Giambattista Vico* [1911]. Bari: Laterza & Figli, 1922, p. 34: “la costruzione di una storia tipica della società umane (*cogitare*) da riscontrare poi nei fatti (*videre*), accertando coi fatti la costruzione ideale e avverando con la costruzione ideale i fatti, confermando la ragione con l'autorità e l'autorità con la ragione; di una scienza che fosse insieme filosofia dell'umanità e storia universale delle nazioni. Ora questa costruzione che egli esigeva, questo qualcosa di mezzo tra il cogitare e il vedere, tra il pensiero e l'esperienza, questo misto dei due processi, è intrinsecamente diverso dalla unita, di filosofia e filologia in quanto interpretazione filosofica dei dati di fatto. Questa interpretazione è la storia vivente; l'altra non è né filosofia né storia, ma una scienza empirica dell'uomo e delle società, materiata di schemi che non sono le extratemporali categorie filosofiche e neppure gl'individuali fatti storici (benché senza categorie filosofiche e

Nesse sentido, essa nova ciência rompe, quer com um sentido exclusivamente filosófico e racionalizante, quer com um sentido filológico que trate exclusivamente da história das línguas²⁶². A convergência entre Filologia e Filosofia se faz, portanto, à medida que a Filologia trata das coisas relacionadas ao arbítrio humano e a Filosofia extrai daí alguns princípios. O objetivo dessa ciência é, como já foi exposto, o de buscar inferir as modificações do gênero humano por meio da Filologia justificada pela Filosofia, e assim perceber que esse mundo civil das nações oferece muito mais que uma pesquisa histórico-filosófica, mas representa a oportunidade que a mente humana tem de compreender a si mesma. De todo modo, o sentido prático de tal ciência alerta sobre o risco de uma nova barbárie, consequência do primado da razão, uma vez que “o homem por indefinida natureza da mente humana, onde quer que esta se precipite na ignorância, ele faz de si regra do universo”²⁶³. Daí o alerta viquiano se direcionar aos cuidados com a vida civil, pois, se em tempos remotos houve a barbárie dos sentidos, nestes tempos corre-se o risco de uma barbárie da reflexão.

Fizeram das cidades selvas e das selvas, covis de homens; e, desse modo, dentro de longos séculos de barbárie vão entorpecer as grosseiras sutilezas dos engenhos maliciosos, que os tornariam feras mais imanes com a barbárie da reflexão, do que não tinham sio na primeira barbárie dos sentidos. Pois aquela revelava uma arrogância generosa, de que se podia defender alguém, sobrevivendo ou defendendo-se; mas esta, com uma ferocidade vil, dentro de lisonjas e abraços, arma ciladas à vida e às fortunas de seus confidentes e amigos²⁶⁴.

Por meio dessa investigação acerca da natureza dos homens e do mundo civil das nações, busca-se um modo do homem compreender a história e a si mesmo, por isso “todos [...] nos tornamos, direta ou indiretamente, leitores de Vico. Todos fazemos e sofremos a

senza fatti storici non potrebbero mai costruirsi): una scienza empirica, e perciò né esatta né vera, ma solamente approssimativa e probabile, e soggetta a verificazione e rettificazione da parte cosi della filosofia come della storia”.

²⁶²No comentário de Benedetto Croce, “por filologia Vico não entende somente o estudo da palavra e da sua história, mas, como as palavras estão ligados às idéias de coisas, antes de tudo a história das coisas, de onde os filólogos têm de lidar com as guerras, tratados, alianças, comércio, viagens, costumes, leis e moedas, geografia, e de cronologia, e tudo mais que cumpra a vida humana no mundo”. [*per «filologia» il Vico non intende solamente lo studio dell parole e della loro storia, ma, poichè alle parole sono annesse le idee delle cose, anzitutto la storia delle cose; onde i filologi debbono trattare di guerre, paci, alleanze, viaggi, commerci, di costumi, leggi e monete, di geografia e di cronologia, e di ogni altra cosa che si attenga alla vita dell'uomo nel mondo*]. (Cf. CROCE, 1922, p. 31).

²⁶³VICO, 2007e, p. 494: “L' uomo per l' indiffinita natura della mente umana, ove questa si rovesci nell' ignoranza, egli fa sé regola dell' universo”.

²⁶⁴*Ibidem*, p. 967: “vadano a fare selve delle città, e delle selve covili d'uomini; e, 'n cotal guisa, dentro lungui secoli di barbárie vadano ad irruginire le malnate sottigliezze degl'ingegni maliziosi, che gli avevano resi fiere più immani com la barbárie della riflessione che non era stata la prima barbárie del senso. Perché quella scuopriva una fierezza generosa, dalla quale altri poteva difendersi o campare o guardarsi; m aquesta, com la fierezza vile, dentro le lusinghe e gli abbracci, insidia ala vita e alle fortune de' suoi confidenti ed amici”.

história. Todos buscamos uma interpretação. Um sentido. Uma possibilidade²⁶⁵”, mas é preciso não esquecer que de acordo com o que foi exposto, “tais devem ser os limites da humana razão. E quem dela quiser sair cuide para não sair da humanidade”²⁶⁶.

²⁶⁵LUCCHESI, Marco. Introdução. *In: Ciência Nova/ Giambattista Vico* [1744]; trad. br: Marco Lucchesi.- Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 22.

²⁶⁶VICO, 2007e, p 555: “*questi deon esser i confini dell' umana ragione. E chiunque se ne voglia tra fuori, egli veda di non trarsi fuori da tutta l' umanità*”.

CONCLUSÃO

“Em resumo, de tudo isto que nesta obra se refletiu, deve-se finalmente concluir que esta Ciência traz indivisivelmente consigo o estudo da piedade, e que, se não se é piedoso, não se pode em verdade ser sábio”.

(VICO, Giambattista. *Scienza Nuova* -1744)

Diante do que foi exposto, nesse momento é importante refletir se esse projeto viquiano de uma nova ciência teve êxito ao se pensar em uma filosofia prática. Quando se fala aqui de uma filosofia prática, no entanto, consideram-se questões quer de cunho moral, quer de cunho político, tendo em vista que, para Vico, tais instâncias se encontram, de toda maneira, inseridas no contexto de um *ethos*. Demonstra-se, portanto, que, embora cada obra viquiana se direcione de maneira a apresentar questões de cunho pedagógico, metafísico ou mesmo epistemológico, deve-se destacar que a preocupação que norteia todas essas obras é a de fortalecer os liames civis, de buscar na História e no senso comum, algo que pertença à ordem do universal e, desse modo, compreender que as particularidades e obscuridades não devem necessariamente obedecer ao primado da razão.

Nesse sentido, justifica-se aqui a influência da orientação do humanismo renascentista, uma vez que, nos tempos do primado da razão, Vico retoma um ideal de saber que se configura em uma dimensão enciclopédica, pois, ao se tratar da gênese do mundo civil das nações, no entender de Vico, é necessário que o conhecimento não percorra por uma via unilateral do saber. Nesse caso, Vico reconhecia que a unilateralidade das ideias cartesianas se apresentava em uma via exclusivamente racionalizante. No entanto, para Vico, é importante que um ciclo de saberes seja valorizado, não um saber específico.

Assim a filosofia viquiana auxilia na tentativa de buscar compreender a sociedade, os seus valores, os seus costumes e sua história. A enciclopédia de saberes, defendida por Vico, possibilita perceber o quanto é importante considerar a relevância de uma orientação que vise à formação humana. A erudição, por sua vez, é de fundamental importância para a realização do projeto viquiano de uma nova ciência, pois é por meio de certa orientação retórica que Vico fundamenta um estudo sobre o patrimônio da humanidade. Em tal estudo, Vico não

considera somente a razão, como também faculdades não intelectivas, como a imaginação, a fantasia e o engenho.

Desse modo Vico tem como preocupação fundamentar seu projeto por vias teóricas e práticas, isso justifica a relação entre a Filosofia e a Filologia e, conseqüentemente, a contribuição quer dos filósofos, quer dos filólogos. Nesse sentido, é por meio da relação entre Filologia e Filosofia que se pode compreender o curso da História e a gênese do mundo civil das nações, investigar o que há de universal no que é particular, reconhecer que a imaginação, a memória, a fantasia e o engenho são fatores indispensáveis ao projeto viquiano, assim como o senso comum e a Providência divina.

Nesse sentido, convém destacar a diferença entre o saber humano e o saber divino, uma vez que se o verdadeiro é o próprio feito, só Deus, como primeiro criador, pode conhecer todas as coisas, evidenciando-se assim, a limitação da mente humana àquilo de que o homem é criador. Com essa limitação, a exposição traz a importância do engenho para o gênero humano, uma faculdade natural do homem, que o auxilia no conhecimento.

Todavia, é preciso ressaltar também que a hipótese do presente trabalho foi construída com base na formação do projeto viquiano de uma nova ciência. Ademais, se a *Scienza Nuova* exprime a gênese do mundo civil das nações, a *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, constitui a gênese da formação intelectual de Vico e do seu projeto. Nesse sentido, se sua *Vita* confirma o sentimento de atopia viquiano, uma vez que Vico se sente como um estrangeiro em sua terra natal, o *De Ratione* formula a preocupação viquiana com o advento do cartesianismo, uma vez que nessa obra Vico exprime as vantagens e desvantagens da tópica e da crítica e o descaso dos filósofos com as ciências morais e com a vida civil.

Ademais, no *De Antiquissima*, as reflexões que parecem ser dirigidas exclusivamente ao âmbito metafísico ou epistemológico, uma vez que se trata a questão do *verum-factum*, o limite da natureza humana, a Providência divina inserida na discussão sobre o mundo civil, uma metafísica que não se mostra de maneira abstrata, mas no fazer [*facere*] humano, são questões postas tendo como base a preocupação em se formular uma Filosofia prática. Do mesmo modo, quando Vico propõe uma reflexão sobre o Direito, objetiva apresentar a Filologia como uma ciência, de modo a fortalecer a relação entre *certum* e *verum*, entre *ratio* e *auctoritas*, ou seja, de construir uma base sólida para essa nova ciência, uma ciência que se mostra verdadeira e certa.

Assim, a relação entre o filósofo e o historiador se torna presente em Vico, pois o filósofo não se motiva por algo meramente racional ou especulativo, mas é motivado por um saber que se mostra nos liames da vida pública, no *ethos*, na vida civil, no patrimônio construído pela humanidade. A *Scienza Nuova* representa, portanto, um mergulho na História e a ratificação de que a Filologia não significa meramente o estudo das línguas e suas origens, mas também um amplo conhecimento histórico-cultural, por meio do estudo das religiões, dos matrimônios, da economia, da política e das instituições de cada nação. Por conseguinte, a crítica apresentada no decorrer da pesquisa, mostra-se coerente ao método do autor, pois não se trata meramente de um conhecimento baseado em uma verdade distante, sem tempo nem história, trata-se de um conhecimento tópico-retórico, pautado nos vínculos dos acontecimentos históricos.

O projeto viquiano, ao passar por esses estágios, tende, portanto, a se concretizar na *Scienza Nuova* que, não obstante ser considerada sua obra principal, não seria possível sem as reflexões e as etapas presentes em suas obras anteriores, uma vez que a obscuridade e os fragmentos da história ainda permeiam a *Scienza Nuova*, mas são compreendidos como inerentes à matéria da qual se trata e, em virtude da formação intelectual de Vico, da sua erudição e da forma como se dá o percurso das suas obras até a *Scienza Nuova*, faz que não só o autor, mas o próprio leitor se sinta preparado para o que Vico propõe: descer destas nossas humanas civilizadas naturezas àquelas realmente selvagens e imanes.

Ademais, resta à Filosofia tentar compreender estes fragmentos, mais do que uni-los e restaurá-los, compreender acima de tudo que a obscuridade apresentada pela Filologia é resultado da sua ligação com o arbítrio humano e, por isso, é inevitável. Vale ressaltar que esta proposta viquiana de uma nova ciência busca mostrar o valor da vida ativa na sociedade, trata-se de um projeto com uma orientação não só pedagógica, epistemológica, metafísica, etc. Não se trata de uma orientação unilateral, mas de uma orientação que necessita ser enciclopédica, uma vez que visa compreender os princípios do mundo civil das nações e, para isso, utiliza-se de meios não só teóricos, mas práticos, não só de uma via crítica, mas também diagnóstica e, por isso, essa nova ciência se mostra como uma nova metafísica, diferente da tradicional, uma vez que não se constitui de mera abstração ou se apresenta como uma metafísica da natureza, mas se realiza nos princípios do mundo civil das nações.

Por tudo isso, por esta preocupação para com a vida civil, com o modelo de vida ativa na sociedade, por sua constante reflexão acerca da vida prática, que o pensamento de Vico se mostra importante, seja porque considere questões ainda vigentes e constantemente colocadas

nos dias atuais, seja por se tratar de questões que independem de época para serem discutidas, avaliadas e, antes de qualquer coisa, conhecidas. Nesse sentido, destaca-se que o projeto viquiano consiste não só na investigação sobre a gênese do mundo civil das nações, mas, mediante os rumos da ciência, representa também o alerta contra uma barbárie da reflexão capaz de comprometer a vida civil. O estudo viquiano consiste, portanto, em uma tentativa de expandir essa questão a todos que se propõem abandonar aquela ideia de que o homem é somente pensamento, sendo o pensamento pressuposto da existência. Discordar dessa ideia cartesiana não implica em romper com a racionalidade, mas sim em não correr o risco dessa nova barbárie, nem permitir que o caráter histórico seja, por sua vez, esquecido.

REFERÊNCIAS

Obras de Vico

VICO, Giambattista. *De Constantia Jurisprudentis Liber Alter* [1721]. Ed. Francesco Sa. Pomodoro. Napoles: Morano, 1861.

_____. *Dell' unico principio e dell' unico fine del diritto universale* [1721]. Trad: Carlo Sarchi, Ed. Milano: P. Agnelli, 1866.

_____. *La Scienza Nuova. Introduzione e note di Paolo Rossi*. Ed: Rizzolli, Milan, 1977.

_____. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo* [1728]. In: *Opere*. Milano: Arnoldo Mondadori, 2007a.

_____. *Lettere* [1720-1729]. In: *Opere*: Milano: Arnoldo Mondadori, 2007b.

_____. *De nostri temporis studiorum ratione* [1708], In: *Opere*. Milano: Arnoldo Mondadori, 2007c.

_____. *Princìpi di una scienza nuova d'intorno alla comune natura delle nazioni* [1725]. In: *Opere*. Milano: Arnoldo Mondadori, 2007d.

_____. *Princìpi di scienza nuova d'intorno alla comune natura delle nazioni* [1744]. In: *Opere*. Milano: Arnoldo Mondadori, 2007e.

Edições das obras de Vico em outros idiomas

VICO, G. *Ciência Nova* [1744]. Trad. port. Jorge Vaz de Carvalho, Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2005.

_____. *Oración VI* [1707]. In: *Obras-Oraciones inaugurales/ La antiquíssima sabiduría de los italianos*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2002a.

_____. *La antiquíssima sabiduría de los italianos* [1710]. In: *Obras-Oraciones inaugurales/ La antiquíssima sabiduría de los italianos*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2002b.

_____. *Principi de Oratoria* [1711-1738]. In: *Elementos de Retórica*. Madrid: Editorial Trotta, 2005.

_____. Sinopse do Direito Universal [1720]. Trad. bras. Humberto Aparecido de Oliveira Guido. In: *Educação e Filosofia*, v. 23, n. 45. EDUFU: Uberlândia, 2009.

Literatura crítica: obras sobre Vico

BADALONI, Nicola. *Introduzione a Vico*. Roma-Bari. Gius. Laterza & Figli, 1984.

- BOTTURI F. *La sapienza della storia. Giambattista Vico e la filosofia pratica*. Vita e Pensiero, Milano 1991
- BURKE, Peter. **Vico**. [1985]. Trad. bras. Roberto Leal Ferreira, São Paulo: UNESP, 1997.
- BORDOGNA, Alberto. *Gli idoli del foro. Retorica e mito nel pensiero di Giambattista Vico*. Roma: Aracne, 2007.
- BERLIN, I. **Vico e Herder**. Trad. br: Juan Antônio Gili Sobrinho. Brasília: Editora Universidade de Brasília, (Coleção *Pensamento Político*, v. 49), 1982.
- COLLINGWOOD, R.G. **A idéia de História**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- COSTA, Gustavo. *Malebranche y Vico*. In: *Cuadernos sobre Vico* 9/10, 1998.
- CROCE, B. *La filosofia di Giambattista Vico [1911]*. Bari: Laterza & Figli, 1922.
- FABIANI, Paolo. *La filosofia dell'immaginazione in Vico e Malebranche*. Firenze: Firenze university press, 2002.
- FASSÒ, Guido. *I "quattro autori" del Vico. Saggio sulla genesi della Scienza Nuova*. Milano: A. Giuffrè Editore, 1949.
- FILHO, Antonio José Pereira. **Vico e a fratura moderna: O princípio do verum-factum e a idéia de história na Ciência Nova**. Dissertação não publicada. USP, São Paulo, 2004.
- GALEAZZI, Umberto. *Ermeneutica e storia in Vico. Morale, diritto e società nella "Scienza nuova"*. Japadre. Milano, 1993.
- GENTILE, G. *Studi Viquiani, Opere Complete Vol XVI*. Sanzoni, Firenze, 3ª ed. 1968.
- GUIDO, Humberto. **Giambattista Vico. A filosofia e a educação da humanidade**. Petrópolis, Vozes, 2004.
- MARQUÉZ, José M. Panea; ALONSO, Fernando H. Llano. *Utopía. Moral y Derecho en G Vico*. In: *Cuadernos sobre Vico* 9-10, Sevilla, 1998.
- LAMACCHIA, Ada. *Senso Comune e socialità in Giambattista Vico*. Ed: Levante– Bari, Itália, 2001.
- LIMA, José Expedito Passos. **A Estética entre Saberes Antigos e Modernos na Nuova Scienza de Giambattista Vico**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2010.
- LÓPEZ, Gemma Muñoz-Alonso. *La crítica de Vico a Descartes*. In: *Cuadernos sobre Vico* 2, 1999.
- LUQUE, María Isabel Ramírez. *La reivindicación de la sabiduría poética em G.B. Vico e A. Machado*. In: *Cuadernos sobre Vico* 1, 1991.
- MODICA, Giuseppe. *La filosofia del "senso comune" in Giambattista Vico*. Ed:

Caltanissetta: S. Sciascia, 1983.

MOONEY, Michael. *Vico e la tradizione della retorica*. Milano: Il Mulino, 1952.

PAMBLANCO, Amparo Zacarés. *Vico y la poética de la Modernidad*. In: **Cuadernos sobre Vico** 1, 1991.

PATELLA, Giuseppe. *Giambattista Vico, la universidad e el saber: el modelo retórico*. In: **Cuadernos sobre Vico** 7/8, 1997

RUGGIERO, Raffaele. *Nova scientia tentatur: introduzione al Diritto universale di Giambattista Vico*. Roma: Edizioni di storia e letteratura, 2010.

SABETTA, Antonio. *Giambattista Vico, Metafísica e Storia*, Ed: Studium, Roma 2011.

_____. *Fuentes cristianas del de antiquissima itolorum sapientia*. In: **Cuadernos sobre Vico** 19-20 (2006-2007).

SILVA, Liliane Severiano. **Do sistema do direito universal a uma nova ciência da vida civil: a invenção de Giambattista Vico**. 2010. 121f. Dissertação (Mestrado em Filosofia)-Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.

SOUZA, Vilma De Katinszky Barreto de. A história e a filologia na Ciência Nova de Giambattista Vico. In: **Fragmentos**, número 33, p. 293/307 Florianópolis/ jul - dez/ 2007.

Outros autores

AMBROSIO, José de Magalhães Campos. **Giambattista Vico: a poesia histórica do direito**. Rev. Faculdade de Direito-UFU, 2011.

ARAÚJO, S. X. G. Excelência e glória no mundo antigo e no humanismo religioso de Petrarca. In: **O Que nos Faz Pensar** (PUCRJ), v. 25, p. 157-175, 2009.

BURCKHARDT, J. Ch. **A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio** [1860]. Trad. br: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BLANC, Mafalda de Faria. **Apresentação da metafísica de Malebranche**. Ed: Philosophica, Lisboa, 1993.

DESCARTES, René. **Discurso do Método** [1641]. Trad. br: J. Guinsburg e Bento Prado Júnior, 1 edição, Abril S.A Cultural e Industrial, Coleção Os pensadores, São Paulo, 1973.

FORLIN, E. **A Teoria Cartesiana da Verdade**. São Paulo: Unijui/Humanitas, 2005.

GROTIUS, Hugo. Prolegômenos. In: **O direito da guerra e da paz** [1716]. Trad. br: Ciro Mioranza, vol. 1, Ijuí: Unijuí, 2004.

HUISMAN, Denis. **Dicionário dos Filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KRISTELLER, Paul Oskar. **Tradição clássica e pensamento do Renascimento**. Lisboa: Edições 70, 1995.

MALEBRANCHE, Nicolas de. **Diálogos sobre a metafísica e a religião: primeiro diálogo** /Oficinas de tradução. Departamento de Filosofia.Universidade Federal do Paraná. – [Curitiba]: Ed. SCHLA/UFPR, 2011.

MALEBRANCHE, Nicolas de. *Traité de morale de Malebranche*. Paris: Ernest Thorin, 1882.

PASCAL, Blaise. *Pensieri (Pensées)* [1670]. Trad. it: Silvia Masaracchio, Ed: Collana Bachecca Ebook, 2010.

PINTO, Fabrina Magalhães; RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. **O Discurso Humanista de Erasmo: uma retórica da interioridade**. Rio de Janeiro, 2006.

REALE, Miguel. **Horizontes do Direito e da História**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

SALDANHA, Daniel Cabaleiro. **História e teoria das fontes do direito romano**. 2011. 171f. Dissertação (Mestrado em Direito)- Faculdade de Direito da UFMG. Belo Horizonte, 2011

VERGEZ, André e HUISMAN, Denis. **História dos filósofos**. Trad. br: Lélia de Almeida Gonzales. 7ª Ed. Rio de Janeiro. Freitas Bastos, 1988.

ANEXO



Fig. 1 – Siv44, «Dipintura».